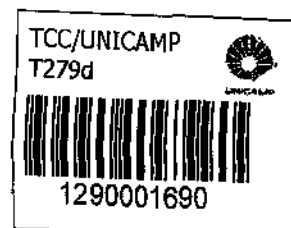


CLÁUDIA SIMÕES TREVISAN

DANÇA DO VENTRE: CONSIDERAÇÕES
SOBRE A SUA HISTÓRIA E O SEU ENSINO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS - 2000



CLÁUDIA SIMÕES TREVISAN

DANÇA DO VENTRE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA HISTÓRIA E O SEU ENSINO

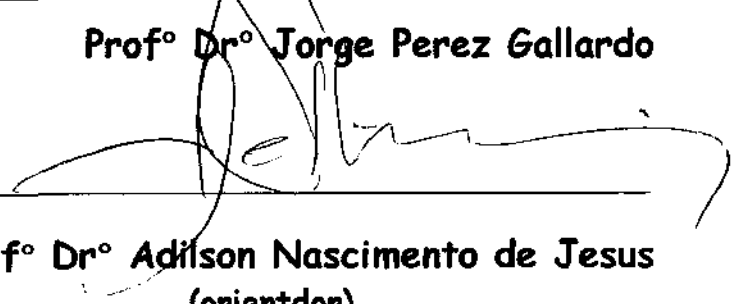
Esta monografia é um trabalho de final de curso, feita sob orientação do professor Drº Adilson Nascimento de Jesus, tida como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Educação Física na modalidade "Licenciatura" da Faculdade de Educação Física Da Universidade Estadual de Campinas.

CAMPINAS - 2000

BANCA EXAMINADORA



Prof° Dr° Jorge Perez Gallardo



Prof° Dr° Adilson Nascimento de Jesus
(orientdor)

Agradecimentos

Quero agradecer, inicialmente, à minha família, em especial à minha mãe e minha avó, por todo amor, dedicação e paciência que tiveram durante esses 4 anos de estudos e, principalmente, pelo esforço foi feito para financiar minhas contas durante esse período.

Agradecer ao meu pai que, mesmo não estando mais nesse mundo, trabalhou a vida toda para que eu pudesse chegar aonde cheguei. Tenho certeza que, hoje, está orgulhoso do seu trabalho.

Meu muito obrigada, também às minhas primeiras professoras de Dança do Ventre, Raquel Agnello e Evânia Jacobino que me fizeram descobrir essa arte e despertaram em mim a grande paixão que sinto hoje.

Meu agradecimento à bailarina e professora Érika Bérnago por ter me dado a oportunidade de trabalhar com o ensino da Dança do Ventre e, portanto, responsável pela vontade que surgiu de escrever esse trabalho.

E, como não podia deixar de ser, um obrigada bem grande às minhas alunas pela força e estímulo de iniciar e "finalizar" esse trabalho feito, em grande parte, para elas e por elas.

Indiscutivelmente devo agradecer à Fátima, ao Júlio, ao Felipe e ao Fernando, funcionários da lamentável sala de computação da faculdade, que fizeram e fazem sempre o impossível para que nossos trabalhos consigam sair, mesmo com todas as dificuldades existentes no ambiente de trabalho deles, precário e em condições mínimas de se trabalhar.

Muito obrigada às bailarinas e professoras Cristina Schafer e Fátima Fontes que apareceram no meu caminho nesse período de pesquisa, tornaram-se minhas professoras e mostraram-me um trabalho com a Dança do Ventre muito especial bem de acordo com o que eu estava buscando. Trabalho esse, logicamente, que faz parte deste aqui presente.

Quero agradecer, também, a todas as bailarinas professoras que fizeram parte desse trabalho disponibilizando seu tempo para as entrevistas. Sem elas, muita coisa não estaria sendo dito.

Muito obrigado ao meu orientador Adilson Nascimento de Jesus pela paciência e pelo carinho com que abraçou esse tema junto comigo.

Muito obrigado à professora Silvana Venâncio pela grande colaboração na orientação dessa monografia.

Um grande abraço para minhas grandes amigas Vanessinha, Vanessona, Mel, Ana Paula, Carol, Fabi e ao meu amigo Mó por todos os momentos maravilhosos que vivemos juntos nesses anos todos.

E, um muito obrigada muito especial à pessoa mais especial que conheci e que viveu comigo esses 4 anos de faculdade, Maurício Ferreira Coelho, pelo amor dedicado à mim e, principalmente, pela paciência que teve nos momentos difíceis e tensos de elaboração desse trabalho.

Resumo

Essa monografia tem dois objetivos. O primeiro é discorrer sobre a história da Dança do Ventre nos seus países de origem e no Brasil e o segundo é fazer um levantamento de como está se dando o ensino dessa dança pelas grandes bailarinas - professoras e conhecedoras dessa arte nas cidades de São Paulo e Jundiaí. Para a coleta desses dados foram elaborados dois questionários semi estruturados, referentes a cada um dos objetivos, que foram aplicados nas entrevistas feitas com as bailarinas - professoras escolhidas para tal. Essa escolha se deu de acordo com o conhecimento que elas têm do assunto. Os dados em relação ao ensino da Dança do Ventre foram separados em tabelas e agrupados em categorias temáticas. Foi feito um levantamento das respostas encontradas e os dados foram discutidos de acordo com a prática da autora em ensinar essa arte. Os dados históricos foram inseridos no decorrer do texto de acordo com a complementação que davam às referências bibliográficas pesquisadas. A dança do Ventre é uma arte que está crescendo muito rapidamente no nosso país graças à influência nem sempre benéfica da mídia. Muitas coisas são ditas, mas sem o menor embasamento. Algumas pessoas estão estudando e buscando respostas às muitas dúvidas existentes. Sou uma dessas pessoas que, inquieta com algumas coisas que não encontrava respostas, resolvi estudar e publicar esses conhecimentos para que as pessoas interessadas em trabalhar ou conhecer um pouco mais dessa arte possam se utilizar dessa fonte e começarem mais seguras do que eu comecei.

Sumário

Apresentação.....	08
Trajetória Metodológica.....	12
Considerações sobre a História da Dança do Ventre.....	17
Porque chamá-la de Dança de Ventre?.....	18
Processo Histórico.....	19
Origem Primitiva.....	19
Período de Transição.....	31
O que aconteceu com a Dança do Ventre.....	40
Como está hoje a Dança do Ventre.....	57
A história das grandes bailarinas estrangeiras.....	63
A história dessa dança no Brasil.....	68
A história de algumas bailarinas brasileiras.....	71
Quais as semelhanças e diferenças entre a dança do ventre no Brasil e nos países árabes.....	74
Algumas danças que se incorporaram e hoje fazem parte de qualquer aprendizado e apresentação de dança do Ventre.....	77
Considerações sobre o Ensino da Dança do Ventre.....	89
Quadro Temático.....	90
Considerações Finais.....	101
Bibliografia.....	110
Anexos.....	112

"Dançar é uma interpretação do silêncio ou do som, é a palavra da alma, ou seja, voltar-se para si mesmo num processo sem interrupções. Os movimentos desenharam no ar metáforas não verbais, poesias que só ficarão registradas na subjetividade de cada um, já que a dança existe no tempo e no espaço. Ela não é palpável como uma escultura".¹

Meirit Aton

¹ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre – Dança do Coração*, p. 103

Apresentação

Pratico Dança do Ventre à quase 5 anos e desde então esta arte virou uma grande paixão. Passou a ser uma parte inseparável da minha vida pois muitas coisas mudaram em todo o meu corpo após o início desta prática corporal. Quando entrei na faculdade tive que parar de dançar pois sofri uma torção grave no joelho. Fiquei 2 anos parada e foi muito ruim; fiquei tensa, depressiva, ansiosa... Fui voltando aos poucos a dançar (em Jundiaí, cidade onde moro e onde iniciei meus estudos dessa dança) e logo percebi que não dava mais para parar, mesmo não estando com o joelho bom e não podendo fazer alguns exercícios.

Aqui na Faculdade de Educação Física, desde o segundo semestre de 1997, o ano em que entrei, vinha sendo desenvolvido um projeto de extensão em Dança do Ventre. Logo que voltei a dançar entrei no projeto. 1 ano depois, no fim de 1999, a professora que dava as aulas, a Renata Serpa, pessoa que iniciou esse projeto, se formou e foi embora da faculdade. Então, a monitora dela, Érika Bérnago, assumiu as turmas e convidou-me para ajudá-la.

No mesmo momento, em Jundiaí, algumas amigas começaram a me pedir para que desse aulas à elas.

Para ser bem sincera, não era uma coisa que eu estava pensando em fazer pois a Dança do Ventre era "somente" um lazer para mim; nunca havia pensado em dar aulas. Como sou uma grande apaixonada por essa dança e

gosto de um desafio, resolvi aceitar a aventura e fui, rapidamente, buscar tudo o que estava ao meu alcance sobre o assunto.

Comecei comprando os livros que existiam, na época (final de 1999), e passei as férias de verão lendo-os e montando uma apostila para entregar às alunas no começo do ano além de acompanhar todas as aulas de dança do ventre que eu podia na escola de dança em que faço aula em Jundiá.

Nessas férias operei o joelho. Logo depois, mesmo estando muito insegura, comecei a dar as aulas e foi um caminho apaixonante sem volta. Foi aí que minhas inquietações começaram a surgir; a dança foi minha melhor fisioterapia e grande prazer, as aulas foram minha melhor terapia e maior desafio. Não dava mais para parar e percebi que tinha que estudar muito pois a verdade é que sabia muito pouco para ensinar alguém.

Nesse meio de campo todo estava entrando a monografia que tinha que ser escrita para que eu pudesse me formar. Já vinha pensando nela desde 1999 e já tinha tema, projeto e orientador escolhidos. Era só começar mas o fato é que eu não estava com a menor vontade de escrever sobre o tema que havia escolhido, apesar de achá-lo relevante para a área. Estava "enrolando" mas não pensava em mudar de tema até que durante uma aula aqui na faculdade uma professora resolveu conversar conosco sobre a monografia e foi aí que tudo mudou e escolhi esse tema; lembro-me perfeitamente dela dizendo: "gente, não façam a monografia somente por obrigação. Vocês vão ter que estudar, se dispor de um tempo precioso... Escolham um tema que seja o que você mais gosta, que você durma pensando nele e acorde pensando nele e fique feliz com isso."

Ela mudou tudo com essa frase pois era a Dança do Ventre que me fazia isso e como eu podia estar querendo escrever sobre outra coisa que não fosse minha grande paixão? Foi um grande puxão de orelha; daqueles que agente precisa para "acordar" para a vida...

Bom, foi difícil escolher o que eu queria estudar sobre a Dança do Ventre pois são inúmeras as possibilidades e a área carece de estudos, principalmente científicos (muito do pouco que está escrito são especulações que não se sabe de onde vieram). Depois de muito pensar, escolhi esse tema. Por quê esse e não outro? Porque era justamente o que me inquietava nas minhas aulas; que movimentos são mais fáceis para ensinar primeiro, que partes do corpo, como fazer trabalhos para desenvolver a expressividade, para desenvolver a "mulher que toda mulher tem dentro de si e está escondida lá no fundo..." como falar sobre a história se nem eu a conhecia direito para dizer alguma coisa, assistir vídeo ou não nas aulas... E milhões de dúvidas, que apareceram ao longo desse trabalho, que procurei solucionar para poder dar uma boa aula. Muitas outras surgiram no meio do caminho e estou feliz com isso pois aprendi muito, muito mesmo, e agora sei bem o quão pouco eu ainda sei e o quanto ainda tenho para aprender.

Muitos caminhos se abriram durante essa "viagem pelo sagrado mundo das deusas que dançam", muitas descobertas, muitas emoções, muitas surpresas boas e ruins... Enfim, muito carinho pelo trabalho aqui desenvolvido, pelas minhas alunas, responsáveis por essa interminável e incansável busca e por todas as pessoas que passaram de uma maneira ou de outra por essa pesquisa e que só me ajudaram, me ensinaram e fizeram-me crescer como professora, bailarina e pessoa.

Depois dessa história toda gostaria de deixar claro os meus dois objetivos; primeiro pretendo discorrer sobre a história da Dança do Ventre nos seus países de origem e no Brasil e segundo, fazer um levantamento, através de um questionário aplicado em sete bailarinas - professoras das cidades de São Paulo e Jundiaí, de como está se dando o ensino da Dança do Ventre em suas aulas para poder deixar alguma coisa mais concreta às

pessoas interessadas em trabalhar com essa dança para que possam começar um pouco menos perdidas do que eu comecei.

No primeiro capítulo falarei sobre a metodologia utilizada para desenvolver essa pesquisa. No segundo capítulo falarei da história da dança do ventre e no terceiro capítulo falarei de como está se dando o ensino dessa dança em São Paulo e Jundiaí.

Que essa leitura seja prazerosa e significativa para você...

Trajetória Metodológica

Gostaria de iniciar essa trajetória contando um pouco como foi que as coisas aconteceram.

Começamos estabelecendo nossos objetivos para poder fazer o levantamento dos dados da pesquisa de maneira coerente. Em seguida, definimos quem seriam os sujeitos da pesquisa de acordo com o conhecimento que eles têm da área.

Essa parte foi tranqüila pois como estou nesse meio a alguns anos e tenho conhecimento dos grandes nomes dessa dança (bailarinas - pesquisadoras - professoras).

A partir daí, elaboramos nosso instrumento de coleta de dados, um questionário semi-estruturado (anexo 3). A coleta de dados foi feita em 2 meses. Foi um tempo longo para o número total de entrevistadas pois tive algumas dificuldades para conseguir marcar as entrevistas em horários e dias compatíveis com ambas as partes porque, geralmente, essas pessoas escolhidas, pelo próprio status que atingiram, são muito requisitadas e fazem muitas coisas durante todo o dia.

Tentei, com as minhas professoras de Jundiaí e São Paulo que tenho bastante contato (apesar de sempre às pressas e em aulas), em vez de fazer entrevista, entregar o questionário para que elas respondessem; resultado? Não gostei. Conversar é bem melhor, agente se expressa mais e de maneira mais clara; o questionário é muito impessoal nas respostas. No final, nos desdobramos e conseguimos marcar horários para fazer a entrevista.

Vantagens desse trabalho todo e gasto de dinheiro com viagens? Inúmeros! Vou esforçar-me para colocar nessa monografia tudo o que pude ter acesso mas só a vivência mesmo para sentir o que é. Foi essa vivência

que ensinou-me muita coisa difícil de ser colocada no papel; palavras são difíceis de traduzir...

Veja, agora de maneira mais didática, como se deu esse processo.

Procedimentos Metodológicos:

1- Grupo Investigado

O grupo que foi investigado é constituído por 6 mulheres professoras-bailarinas de Dança do Ventre, das cidades de São Paulo e Jundiaí. O critério de seleção foi o conhecimento que cada uma delas tem dessa arte de acordo com sua história nela, com o envolvimento que têm com essa dança.

2- Natureza da Pesquisa

Essa é uma pesquisa qualitativa

3- Instrumentação Utilizada

Foram utilizados dois questionários semi-estruturados¹ (um questionário referente à parte histórica da Dança do Ventre e outro relacionado à parte do ensino da Dança do Ventre) *utilizado na entrevista* com cada uma das bailarinas escolhidas. A entrevista deu-se da seguinte maneira: apresentava-me pessoalmente dizendo quem era, de onde vinha e qual era o meu objetivo com aquela entrevista apresentando-lhe os questionários e combinando como se encaminharia a entrevista. Em comum acordo, iniciávamos a entrevista que durava aproximadamente 1:30hs.

4- Procedimentos Adotados para Coleta de Dados

A princípio era para que a entrevista fosse gravada em fita cassete; de três entrevistas feitas num mesmo dia, duas foram gravadas e a terceira não pois a bailarina não permitiu. Aconteceu um imprevisto: gravador e as fitas foram roubados junto com outros pertences da entrevistadora e não puderam ser recuperados. As entrevistas foram feitas novamente através de depoimento oral mas, assim como as seguintes, tiveram que ser registradas manualmente o que diminui a qualidade do registro mas foi a possibilidade disponível no momento (anexo 4).

¹ ANTÔNIO CARLOS GIL, *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*, p.7

5- Tratamento dos dados

Foi feita uma transcrição literária das unidades mais relevantes e significativas para o objetivo da investigação tiradas do registro original. Essas *unidades foram sintetizadas*, sem interpretação, e separadas em *categorias temáticas* numa tabela (quadro temático). O quadro temático foi estruturado da seguinte maneira: cada linha da tabela corresponde a uma pergunta, localizada acima da tabela, sobre o ensino da Dança do Ventre feita à bailarina-professora; do lado esquerdo da tabela as unidades mais relevantes tiradas do registro oral foram sintetizadas e do lado direito da tabela as mesmas foram divididas e encaixadas por aproximação em grandes categorias temáticas. Do lado esquerdo da tabela tem alguns números entre parênteses que são referentes à quantidade de pessoas entrevistadas que deram a mesma resposta. Esse quadro está no capítulo que faz considerações sobre o ensino da Dança do Ventre.

Uma História que vem da África

Era uma vez um camponês que foi a floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro, junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei-rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro não é uma galinha. É uma águia.
- De fato - disse o camponês - É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.
- Não - retrucou o naturalista - Ela é e será sempre uma águia. Pois tem coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.
- Não, não - insistiu o camponês - Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

- Já que você é de fato uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra as suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo ciscando grãos. E pulou para junto delas. O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha.
- Não - tornou a insistir o naturalista - Ela é uma águia. E uma águia sempre será uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe.

Mas, quando a águia viu lá embaixo as galinhas ciscando o chão, pulou do teto da casa e foi para junto delas. O camponês sorriu e voltou a carga:

- Eu lhe havia dito isso, ela virou galinha.
- Não - respondeu firmemente o naturalista - Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe da casa dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não a terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida, mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico *Kau-kau* das águias e ergueu-se, soberana sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto. A voar cada vez mais alto. Voou... Voou... Até confundir-se com o azul do firmamento...

(Aos sensíveis, à dimensão feminina, a águia mais aprisionada e reprimida de nossa cultura. Sem ela James Aggrey jamais teria contado a história que contou. Eu, certamente, não teria a sensibilidade para guardá-la e refleti-la no coração e vocês não seriam capazes de experienciá-la. À todos os que são águias, são impedidos de ser e se vêem reduzidos à condição de galinhas).

Leonardo Boff²

² LEONARDO BOFF, *A Águia e a Galinha*, pg. 29

Considerações sobre a História da Dança do Ventre

Esse tema me despertou curiosidade porque sempre que perguntava a alguém: - de onde veio a Dança do Ventre? Ouvia: - dizem que surgiu no Egito há 5000 a.C. anos mas não se tem nenhuma certeza.

Isso me inquietava pois acreditava que alguma coisa devia existir sobre essa origem, sobre seu significado original... e, se não existisse nada mesmo, o que teria acontecido para se perder tantos fatos históricos? Além disso, acredito que para que possamos **dançar** de verdade, não basta que saibamos somente as técnicas dos movimentos. Temos que entender de onde vêm esses movimentos, porque os realizamos, qual é o significado... Enfim, de onde eles? Para podermos entender o motivo de sua existência e o que eles significam para quem nos assiste.

"A dança do ventre é uma dança que está no meio do caminho entre o folclore e a criação individual, porque se por um lado tem uma estrutura básica definida que permanece constante, há nela (...) um componente importante de improvisação que oferece à bailarina uma ampla liberdade para realizar seus movimentos (...), em um extraordinário equilíbrio entre regra e liberdade, submissão e criatividade pessoal. É através dessa improvisação que pode exteriorizar todas as suas qualidades expressivas e alcançar esse aprimoramento artístico em que chegam as grandes bailarinas".³

³ SHOKRY MOHAMED, *La Danza Mágica del Vientre*, p. 10 (tradução da autora)



(SHOKRY, 1998, pg. 30)

"Quadro do pintor Gérôme que retrata uma bailarina atuando na presença de soldados"

Em busca desses conhecimentos, encontrei muitas coisas. Muitas opiniões diferentes, diversos pontos de vista. Vou falar um pouco do que encontrei no decorrer desse caminho, neste capítulo, mesmo que sejam idéias contrastantes, pois acredito que devemos conhecer tudo o que pudermos sobre o que estamos estudando para criarmos nossa própria opinião. Muito se clareou para mim nessa busca e gostaria de compartilhar com vocês, leitores interessados em desvendar um pouco desse mundo da Dança do Ventre.

Gostaria de começar dizendo que a dança é uma arte e, como toda arte, é difícil encontrar palavras que consigam expressar exatamente o que ela quer dizer. Vou tentar ser bem clara mas pode ser que, em alguns momentos, seja difícil traduzir tudo o que gostaria que, realmente, fosse dito.

Porque chamá-la de Dança do Ventre?

Existem muitos questionamentos sobre o verdadeiro e/ou correto nome para essa dança que eu estou chamando de Dança do Ventre. Alguns chamam-na de Dança oriental, outros de Dança do Leste, até de dança árabe além de Dança do Ventre, como eu. Quem já não ouviu falar em Belly Dance ou Raks el Sharqi? O primeiro significa dança do ventre em inglês e o segundo, dança do leste ou dança oriental, em árabe. Por que optei por chamá-la de Dança do Ventre e não dança oriental, dança do leste ou dança árabe? Porque, para mim, o primeiro é um termo muito genérico que abrange

todos os países do oriente incluindo Índia, China, Japão que não fazem parte desse contexto. Já a dança árabe é um termo que exclui os tempos faraônicos, dos fenícios, dos turcos, da Núbia... Quando e onde essa dança já existia e o termo não permite referência. Significa, segundo Fairuza e Yasmin, "(...) local onde o sol nasce. É o oposto de tudo, desconhecido, pouco claro, em decorrência da noite, da escuridão. O sol também é a fonte de energia para tudo e para todos"⁴. Essa minha opinião é semelhante à de Shokry Mohamed, autor que me esclareceu esses detalhes sobre as diferenças de nomes.⁵ Não se sabe ao certo como ela era chamada antigamente e por isso existe essa confusão de nomes.. As pessoas que a chamam de dança do leste ou dança do oriente dizem ser esse o nome original e que dança do ventre surgiu quando Napoleão Bonaparte invadiu o Egito, viu movimentos de ventre e quadril que nunca tinha visto e colocou esse nome que, assim, se espalhou para todo o mundo. Também, como diz Meirit Aton⁶, a dança não está conectada somente com o ventre, ela abrange várias partes do corpo. Esse fato histórico é real, mas fica a critério de cada um pensar e definir a maneira que acha mais apropriada para denominá-la, agora sabendo os significados e origens das nomenclaturas.

Processo Histórico

Começarei me baseando em uma professora que tive a oportunidade de conhecer em agosto de 2000 e que me ensinou. Ao longo do texto outros autores serão citados incluindo as entrevistas feitas com as bailarinas-professoras. Começemos, então...

Origem Primitiva

Segundo Cristina Schafer⁷, à mais ou menos 15 000 anos atrás viviam na região, hoje da Mongólia, vários povos nômades. Cada povo tinha suas rotas certas, "Il Rah", que percorriam durante o ano. Eles não se cruzavam. Carregavam pouca coisa mas de qualidade e resistentes como: roupa (panos, tiras enroladas no corpo (para o frio mais grossas e para o calor mais finas) e roupas bordadas de ouro para dias de festas...), tapetes (para comer em cima, dormir e rezar), tendas (que eram as casas feitas de coros dos animais transportadas em cima dos camelos. Eram individuais e muito fáceis de

⁴ FAIRUZA E YASMIN, *Curso Prático de Dança do Ventre*, p. 13

⁵ SHOKRY MOHAMED, *La Danza Mágica del Vientre*, p. 9 (tradução da autora)

⁶ *Dança do Ventre, Dança do Coração*, p.40

⁷ Professora de Dança do Ventre. Estudos feitos durante suas aulas o 2o semestre de 2000

montar. Existia, também, uma casa social onde aconteciam as festas e todos podiam se encontrar), poucas panelas, instrumentos, animais (de pequeno porte para fornecer lã e leite como carneiros e cabras respectivamente. Camelos e cavalos para auxiliar no transporte. Tinham também os lobos que os seguiam, foram domesticados e se transformaram nos cachorros de hoje. Não eram animais para comer) e espadas (para caçar e se defender de animais grandes).

Eles se mudavam de 6 em 6 meses, mais ou menos, tanto por causa das estações climáticas (procuravam regiões mais quentes no frio), como por causa da terra (para que esta tivesse tempo de se regenerar), dos animais, para poderem comer e para recuperação da fauna e flora (pois caçam para comer e a fonte de comida também tem que se recuperar senão acaba)... Por isso nômade não tem muito apego à posses materiais nem à terra; a terra é de todos e por isso carregam poucas coisas. (SCHAFER, 2000)

Sobre a religião, de acordo com Cristina Schafer, eram intimamente ligados à natureza pois esta era necessária à sobrevivência. Então, normalmente, os deuses representavam essa natureza (da flor, da lua, do sol, das estrelas...). A mais importante de todas sempre foi a deusa da fertilidade ligada as coisas femininas. Quando queriam orar iam para o alto de uma montanha para se sentirem mais perto dos deuses. Traziam, também, muitos amuletos junto ao corpo.

Eles dançavam em dias de festa como casamentos, nascimentos, visita de outro povo... e as festas duravam semanas pois como nômades, não presos às coisas materiais, não têm horário. As mulheres dançavam do seu jeito feminino, charmoso, dengoso, sutil, belo entre si para cultuar a fertilidade; suas roupas eram das mais variadas; elas mesmas produziam, teciam e costuravam às vezes até com fios de ouro. Também usavam muitas jóias: pulseiras, brincos, colares sem limitações. E os homens também dançavam do seu jeito masculino entre si; mostravam em suas danças a caça, a chuva, a virilidade, a coragem, e a habilidade. Existiam as danças em que um dançava para o outro ou juntos mas só aconteciam nas festas. (SCHAFER, 2000)

Em mais ou menos 10 000 a.C., por um motivo não muito claro (mudança climática muito forte, talvez) alguma coisa fez com que esses povos mudassem suas rotas. Uns foram para a Índia, outros Indonésia, Taiti, Hawai, Pérsia, Arábia Saudita, Oriente Médio, Egito, um deles, os hunos, foram para a Turquia, Hungria e Finlândia (só se sabe isso pois a língua é parecida) e outros para a América do Norte e Sul (pelo estreito de Beiring). Chegando nesses lugares se mesclaram com os povos que já existiam. (SCHAFER, 2000)

Segundo Lucy Penna, *"É bastante provável que as primitivas danças à Grande Mãe estivessem sendo desenvolvidas entre os pré-*

sumérios, que se estabeleceram na região entre o rio Tigres e Eufrates há cerca de dez mil anos. Os sumérios chegaram por volta de 3500 a.C. às mesmas terras, vindos da Ásia central, e também reverenciavam a Grande Mãe... ”⁸

A região entre esses rios é a Mesopotâmia, conhecida como o berço da civilização. Aí viveram os sumérios, acádios, caldeus, babilônios e hoje é a região da Turquia, Síria, Iraque e Irã.

Shokry Mohamed⁹ diz que *"Os primeiros indicativos de traços que podem ser considerados antecessores da dança do ventre foram encontrados nas pinturas e esculturas do Egito faraônico (...)"*. Em um outro trecho do livro¹⁰, o autor diz que existem muitas bonecas e brinquedos egípcios, datados da pré história, que demonstram movimentos de baile e certa elegância e paquera. Por isso há a possibilidade de ter existido essa dança antes da época faraônica, no começo da civilização.

Essa é uma posição diferente da que acabamos de ver sobre a origem da dança do ventre que vem de um autor consagrado e grande pesquisador dessa arte. Continuando...

Nesse período, como nos conta Meirit Aton,¹¹ a dança era utilizada para teatralizar as coisas da vida como a caça, pesca, trabalho na lavoura, os animais e os fenômenos da natureza como a chuva, o mar, as plantas... Shokry Mohamed¹² também nos fala sobre como essas antigas civilizações se utilizavam da dança dizendo que ela era usada em todos os fatos importantes da vida como as oferendas e sacrifícios, rituais mágicos e culturais, nascimentos, casamentos, funerais, circuncisão...

Essa era a época do matriarcado em que a mulher tinha um grande poder e era extremamente respeitada. Isso acontecia porque, naquela época, as pessoas viviam dos bens vindos da terra e acreditavam em vários deuses. Um deles era a deusa da fertilidade, uma das mais reverenciadas pois representava a fertilidade da terra e da mulher. Portanto, quem reverenciava essa deusa eram somente as mulheres, somente elas.

*"A mulher, assim como a terra, recebe, gera, dá vida e a nutri. É muito lógico e simples. A mulher desse período do matriarcado reverenciava a terra e a deusa, que era a mãe terra."*¹³ Lucy Penna diz a mesma coisa, em outras palavras: *"Semear" é verbo que tem a*

⁸ LUCY PENNA, Dance e Recrie o Mundo, p. 83 e 84

⁹ La Danza Mágica del Vientre, p. 11 (tradução da autora)

¹⁰ Ibid, p.20

¹¹ Dança do Ventre Dança do Coração, p. 49

¹² La Danza Mágica del Vientre, p.7 (tradução da autora)

¹³ Fátima Fontes - entrevista

*mesma raiz de "sêmen". As duas - mulher e terra - eram semeadas, uma pelo coito e outra com o plantio das sementes.*¹⁴

Somente como curiosidade, Lucy Penna¹⁵ nos conta que como naquela época não existia hospital nem antibióticos, as mulheres conheciam o próprio corpo muito mais do que conhecemos hoje e confiavam à grande deusa a força para ter os filhos pois morrer durante o parto era muito comum e uma grande perda para todo o grupo que fazia de tudo para evitar que isso acontecesse. As mães acreditavam que estariam psicologicamente mais fortes e resistiriam melhor ao esforço da gestação se confiassem na Deusa.

Cristina Schafer disse que vários países tinham essa deusa com nomes diferentes em cada um deles ("*Hathor; egípcios, Astarte e Inana-Ishtar; sumérios, Afrodite ou Vênus; gregos e romanos*"¹⁶) e, em todos, ela era reverenciada com a dança feita pelas mulheres dentro dos templos. Essas mulheres eram sacerdotisas escolhidas de maneiras que não se sabe ao certo (sabe-se que eram da alta sociedade. O único país que tem registro sobre essa escolha é a Índia. Lá elas eram escolhidas na hora do nascimento através de um horóscopo que determinava se ela seria uma mulher do lar ou uma sacerdotisa.). Quando menstruavam pela primeira vez eram levadas para os templos onde passavam toda a vida e aprendiam, com as sacerdotisas mais velhas, a cantar, dançar, a cuidar do corpo e a sagrada arte do amor. Tinham algumas obrigações todos os dias como: abrir e fechar o templo, fazer massagem uma na outra de manhã e nos homens à tarde, dançar para a deusa primeiro e depois para os homens, que podiam entrar para vê-las cantar e dançar, à tarde.

*"Sua razão de ser era adorar a deusa através do amor sexual, trazendo por esse intermédio o amor da deusa à esfera humana".*¹⁷

Sabemos, também, que as prostitutas sagradas eram muito numerosas independente de virem ao templo somente por amor ou por determinação da lei, por servidão e dedicação, por serem de origem real ou comum, por uma noite ou toda a vida. E elas tinham um *status* social alto e muitas vezes se igualavam aos homens política e legalmente falando. (Cf. QUALLS-COBERTT p.46)

Em certo tempo, as sacerdotisas faziam amor com os homens e esse era o ato mais sacro do ser humano pois aí ele podia gerar um novo ser e se

¹⁴ LUCY PENNA, *Dance e Recrie o Mundo*, p.85

¹⁵ Idem, p. 86

¹⁶ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre, Dança do Coração*, p.43

¹⁷ NANCY QUALLS-COBERTT, *A prostituta Sagrada*, p.51

igualar à Deus. Eles faziam amor como num ritual, não importando com quem fosse; as roupas eram especiais, o aroma do ar... E os homens deixavam dinheiro no templo que era para o próprio templo, não para as mulheres. Era para cuidar do local, das despesas deste, e para sustentar as pessoas que lá viviam.

Qualls-Cobertt também faz referência ao ato de dar dinheiro. Observemos: "*O estranho, que era visto como emissário dos deuses, aproximava-se e atirava três moedas no colo da mulher que ele acolhia (...). Ele não pagava à mulher, mas oferecia à deusa por essa lhe permitir tomar parte em seu rito sacrificial. Tanto o ato do amor como a oferta era dedicado à deusa e, portanto, tornados santos.*"¹⁸

Conta-nos essa mesma autora¹⁹ que esses rituais eram feitos por sacerdotisas *virgens* que no momento do ato eram iniciadas na feminilidade dentro da santidade do templo. Interessante, não é?

Hoje achamos esse fato estranho pois, para nós, mulheres que fazem amor com homens que muitas vezes nem conhecem e ainda recebem dinheiro por isso são consideradas prostitutas. À essas sacerdotisas chamamos de "prostitutas sagradas". Existe até um livro com esse nome. Nele a autora diz que esse termo é considerado por nós um paradoxo pois não estamos propensos a associar o sexual com o que é consagrado aos deuses.²⁰

Qualls-Cobertt conta-nos uma história que mostra bem essa história da vida das sacerdotisas (*apud* Michener): "Em Makor, 2202 a.C., um rude fazendeiro adquire sua estátua especial de Astarte por preço bastante elevado, apesar de já possuir outras três. "Ela tem quinze centímetros de altura", escreve Michener, nua, muito feminina, com quadris largos e mãos em concha abaixo dos seios circulares. Era exótica e roliça, deliciosa de se estudar e transmitia sensação de tranquilidade e confiança a quem a tinha em sua presença. "

¹⁸ *Ibid.*, p.43 e 44.

¹⁹ NANCY QUALLS-COBERTT, *A Prostituta Sagrada*, p. 43

²⁰ *Ibid.*, p.16



(SHOKRY, 1994, pg. 19)

Terracota pré histórica de baialrina datada de 4000 a.C. aproximadamente, Museo de Brooklyn, New York.

Urbal venerava Astarte, pois ela era quem garantia a fecundidade de sua terra e suas esposas. Seria através de seus poderes que ele poderia tornar-se o homem escolhido para deitar-se com a bela sacerdotisa no templo de Astarte por sete dias e sete noites, como era costume durante as festas religiosas de ação de graças. A sacerdotisa, prostituta sagrada, era alta e exoticamente bela,

Uma perfeição a deusa Astartet, pois homem algum conseguia olhar sua forma provocante sem nela ver a representação sublime da fertilidade. Era uma menina cuja finalidade era ser amada, ser levada e tornar-se fértil, para que pudesse reproduzir seu esplendor e abençoar a terra.

Segurando ternamente a pequena deusa nas mãos, Urbaal orava por sua intercessão: "Ajude-me, Astarte. Faça com que ela seja minha"²¹

E outra...²²

Qualls-Cobertt pede para que nos imaginemos viajando pelas civilizações antigas... "O olho de nossa mente consegue ver (...) estrutura retangular, ampla, com incrustações complicadas no frontão triangular, o teto sustentado por maciças colunas torneadas. Através das portas podemos examinar o santuário interno. Uma figura move-se graciosamente diante do altar, iluminando-o, pondo fogo nas lamparinas de óleo feitas de barro, que o circundam. Veja a sacerdotisa (...)".

²¹ NANCY QUALLS-COBERTT, *A Prostituta Sagrada*, p. 13 e 14 (JAMES A. MICHENER, *The Source*, pg 104 e115)

²² NANCY QUALLS-COBERTT, *A Prostituta Sagrada*, p. 26 à 30

Ela é mistério, coberta de véus. Conseguimos vê-la apenas indistintamente. Apesar da luz bruxuleante, discernimos sua silhueta feminina bem delineada. A brisa levanta seus véus deixando transparecer suas longas madeixas negras. Braceletes de prata enfeitam seus braços e calcanhares; meias-luas em miniatura pendem de suas orelhas e conta de lápis-lázuli circundam seu pescoço. Seu perfume com aroma de almíscar cria uma aura que estimula e enriquece o desejo físico.

À medida que a prostituta sagrada avança pela porta aberta, ela começa a dançar ao som de música de flauta, pandeiro e címbalos. Seus gestos, sua expressão facial e os movimentos de seu corpo flexível, tudo fala de maneira a dar boas vindas à paixão. Não há falsa modéstia em relação ao seu corpo, e quando dança, os contornos de sua forma feminina revelam-se sob sua túnica cor de açafrão quase transparente. Seus movimentos são graciosos, e ela tem plena consciência de sua beleza. Está cheia de amor, e quando dança sua paixão cresce. Em seu êxtase esquece toda a repressão e entrega-se à deusa e ao estranho.

Imagine a prostituta sagrada saudando o estranho, homem cansado de viver, que veio ao templo para venerar a deusa do amor. Não há troca de palavras; os braços dela estendidos, e a suave e acolhedora expressão de seus olhos e face radiantes dizem o que há para ser dito. Em sua alcova particular, o sagrado aposento-do-amor do templo que recende as ervas aromáticas e flores, ela banha o estranho, oferecendo-lhe bálsamo. Ela conta-lhe histórias divertidas a respeito de seu treinamento - de como as sacerdotisas do templo e de outras sacerdotisas de rituais lhe ensinaram a arte de fazer amor. (...)

(...) Com reverência, ela fala de sua devoção à deusa (...). Em meio à quase escuridão, sozinha em seu enlevo, ela executa o ritual de acender as perfumadas lamparinas de óleo, balançando gentilmente o corpo e entoando cantos suaves em orações de agradecimento à deusa.

(...)

A mulher e o estranho sabem que a consumação do ato do amor é consagrado pela deusa através da qual eles se renovam. O ritual em si, devido à presença do divino, é transformador. (...) ".



(BUONAVENTURA, 1950, P. 145)

Reutlinger. *Mata Hari*. Fotografias. BBC Hulton Picture Livraria, Londres

Essas histórias mostram bem a importância da mulher naquela época e como "a realidade se conectava harmoniosamente com o sagrado (...) por meio da dança expressava-se a natureza do ser e, também, as mais profundas emoções. (...) era através da dança que homens e mulheres tentavam compreender o mistério da vida e da natureza, nascimento e morte, o florescer das colheitas, a chuva sobre a terra e os ciclos da fertilidade."²³ Segundo Lucy Penna²⁴, cantar, dançar e rezar não eram atividades separadas.

Além disso, nenhuma vergonha impedia uma sacerdotisa de mostrar o corpo bem feito no ato sagrado de louvar a mãe.

²³ KHAN EL KHALILI, A Arte da Dança do Ventre I, pg 7

²⁴ LUCY PENNA, Dance e Recrie o Mundo, pg 86

*"Nas sociedades matriarcais, centradas na horticultura, na agricultura, as mulheres asseguravam as bases para a sobrevivência e, em contrapartida, ocupavam altas posições sociais."*²⁵

Segundo Meirit Aton,²⁶ "A mulher possuía um papel importante, já que se conhecia o fato dela sofrer as influências da Lua, tal qual as marés, o fato dela possuir ciclos, assim como a natureza; constantemente renovada, e principalmente por ser geradora de uma nova vida."

*"A dança não era apenas uma explosão emocional passageira, mas sim uma prece cheia de significados; mágica na forma em que se expressava; um ritual sagrado".*²⁷

Vou falar um pouquinho como se dava, em alguns países, a relação com essa deusa da fertilidade e a reverência feita à ela, segundo Cristina Schafer

²⁵ Idem, pg 7

²⁶ MEIRT ATON, Dança do Ventre Dança do Coração, pg 44

²⁷ Idem, pg 7



(BUONAVENTURA, 1950, P. 145)

Reutlinger. *Mata Hari*. Fotografias. BBC Hulton
Picture Livraria, Londres

Na Índia, as sacerdotisas eram chamadas de Devadasi (escrava de deus), eram escolhidas na hora do nascimento a partir de um horóscopo que determinava se elas seriam sacerdotisas ou mulheres do lar. Dançavam com saias longas, o umbigo de fora e um cinturão marcando o quadril; em cima um bustiê e vários véus ou xales com os quais se cobriam e descobriam durante a dança. A deusa reverenciada era Sharashusti.

Na Pérsia, a deusa chamava Inana ou Ishtar. As mulheres usavam muito o véu para dançar; foi deles que veio a dança com véus. Em 3000 a.C. aparece a escrita cuneiforme e uma lei para as bailarinas é escrita, o Código de Hamurabi: se as sacerdotisas tivessem filhos podiam criá-los dentro dos templos ou podiam sair e tê-los na casa da família (isso quase não acontecia), elas eram sempre da família real e era um dever servir Ishtar, tinham o

direito de herdar 1/3 da herança que cada um dos filhos homens irmãos tinham direito, não podiam servir vinho ou abrir tabernas e se o fizessem iam mortas (quem fazia isso eram as prostitutas profanas), tinham seus nomes e direitos preservados, eram protegidas contra difamações assim como seus filhos e tinham que usar seu Dom para o templo e não para enriquecer.

Citei as prostitutas profanas um pouco acima. Deixem-me comentar um pouco delas... Elas coexistiam juntamente com as prostitutas sagradas mas levavam uma vida muito difícil, totalmente diferente delas. Eram como escravas que não tinham direito algum e nem podiam andar nem ser vistas na rua. Não tinham autorização para andar em veículo algum e suas roupas tinham que se distinguir das roupas das outras mulheres não podendo usar jóias nem roupas e sapatos finos que eram marca das mulheres de reputação. Eram proibidas de entrar nos templos e participar de qualquer cerimônia religiosa. Em cada país se determinava alguma lei e restrição para essas mulheres indo desde a vestimenta até pintar seus cabelos de cores diferentes e perder o direito à cidadania ficando seus filhos considerados bastardos. Podiam ser compradas com dinheiro público e colocadas nos bordéis públicos e o dinheiro que recebiam iam para os cofres públicos.

A vida fora dos templos era, então, muito má. Era o oposto da vida das prostitutas sagradas, a degradação da sexualidade feminina em oposição à reverência à sexualidade feminina. Não se sabe o que acontecia para existir mulheres no templo do amor e mulheres em bordéis.

As deusas veneradas no Egito são a Ísis, deusa da vida (mulher de Osíris, deus da morte) e Hathor, deusa da fertilidade. Existiam templos para as duas deusas. As sacerdotisas eram sempre de família nobre mas não se sabe como eram escolhidas. Elas eram conhecidas como *almeh* ou *awalin*. Usavam uma túnica transparente sem nada por baixo ou uma saia longa sem nada por cima, colares até os ombros e nos cabelos penduravam ouro e pedras de turquesa nos cachinhos pois tinham-nos enrolados e com todos esses pesos ficavam parecendo lisos. Nas mãos usavam os *chalparas*, dois pauzinhos de madeira para cada mão e, depois, os *snujs*, dois pratinhos de metal em cada mão. Comportavam-se com decência cantando, dançando e tocando somente para as mulheres nas salas dos haréns (os homens não podem vê-las, só podem ouvir pelas paredes) e nunca em praças públicas. Existiam mulheres que tocavam para elas dançarem que eram caríssimas de serem contratadas. Era um grande status ter uma *almeh* em casa. Não se sabe muita coisa delas pois as sacerdotisas mais velhas ensinavam somente para as mais novas dentro dos templos. Ninguém mais tinha acesso ao conhecimento delas. O que se sabe é por pinturas ou desenhos.

Além das sacerdotisas, nesse país, existiam as ghawasis, ciganas nômades vindas da Pérsia. Eram bailarinas, também, mas dançavam em praças públicas para alegrar as pessoas e, assim, homens podiam vê-las. Dançavam por diversão enquanto as almei dançavam o sentido mais profundo da dança. As ghawasis não tinham nenhum pudor, não hesitavam em cantar, dançar e tocar em praça pública na frente de homens até mesmo com o rosto descoberto. Elas nunca eram contratadas para dançar em festas a não ser que fossem só de homens. Só conviviam com os membros do seu clã e só podiam dançar com alguém tocando para elas se esse alguém fosse do mesmo clã. Os ghawasis tinham como profissão: encantar serpentes, fazer malabarismo, acrobacias, tocar e dançar em público divertindo as pessoas, cuspir fogo... Eles existem até hoje no Egito e continuam sendo nômades e tendo um idioma só deles, chamado nauar, que ninguém conhece. É por isso só se casam entre eles.



Prisse d'Avennes. *Ghawazee*. 1848.
Colour lithograph. Victoria & Albert
Museum, London

(BUONAVENTURA, 1850)

As mulheres egípcias gostavam muito de se enfeitar e se embelezar usando muitas jóias, maquiagem, perucas com tranças, perfumes e até tatuagens. (MOHAMED, 1994) Segundo o autor, múmias de bailarinas faraônicas foram encontradas com tatuagens pelo corpo e essas partes

eram, exatamente, as partes que estavam recobertas pelos adornos e jóias. Os antigos egípcios conferiam à tatuagem uma dimensão religiosa muito especial conectada com suas crenças mágicas, além de considerá-la como um adorno.

Mohamed²⁸ também acredita que essas danças faraônicas não eram improvisadas. Elas deviam ter um princípio e um desenvolvimento organizado, como ocorre na atualidade (...). Acredita nisso porque acha a dança naquela época delicada, com gestos controlados e com diversos objetos de fabricação própria sendo utilizados. Não se tem indícios palpáveis sobre esse estilo ou forma de se dançar mas o autor se baseia nas imagens das pinturas e esculturas e na comparação com a dança depois do período faraônico.

Bom, pudemos perceber que, nessa época de matriarcado, a dança era de extrema importância pois simbolizava as coisas da vida e a harmonia como divino. "As mulheres dançavam procurando receber a força da Grande Mãe."²⁹ E, simbolizando um agradecimento à fertilidade, tanto à terra como à mulher. Isto é, simbolizando um agradecimento à vida. Era uma dança sensual com movimentos circulares e marcantes na região do quadril e pélvica e ondulatórios na região do ventre, regiões do corpo feminino relacionadas à vida. Por isso, acredita-se ser essa a origem da Dança do Ventre.

Período de Transição

Nesse período do matriarcado, pudemos perceber o valor da mulher marcado pelo poder de gerar e fornecer vida sendo considerada como uma dádiva dos deuses justamente por se igualar ao processo de gerar novas sementes e alimentar o povo. Com o passar do tempo, o homem foi se afastando da natureza assim como da figura poderosa da mulher. O poder passou a ser do homem e a sociedade passou a ser patriarcal e não mais matriarcal como era antes. (devemos entender que os termos matriarcado e patriarcado se referem à diferenças de atitudes e não à sinônimo de mulher e homem respectivamente)

Qualls-Cobertt (*apud* Willian Thompson)³⁰ nos relata bem as diferenças entre o patriarcado e o matriarcado: "*Onde o patriarcado estabelece lei, o matriarcado estabelece costume; onde o patriarcado estabelece o poder militar, o matriarcado estabelece autoridade religiosa; onde o patriarcado encoraja a aresteia do guerreiro individual, o*

²⁸ *La Danza Mágica del Vientre*, p. 27 e p.28 (tradução da autora)

²⁹ LUCY PENNA, *Dance e Recrie o Mundo*, pg 83

³⁰ *Prostituta Sagrada*, p. 37

matriarcado encoraja a coesão do coletivo, algo que tem haver com tradição."

Essas mudanças aconteceram juntamente com a chegada das religiões monoteístas, o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo que criaram deus como um ser masculino.

Com a institucionalização do monoteísmo e do patriarcado, as pessoas passaram a ir na casa do senhor para preparar-se para a morte com a promessa de felicidade eterna mediante o cumprimento de algumas leis.

Meirit Aton³¹ nos relata algumas diferenças entre o passado e essa nova visão de mundo: "Na antigüidade, a religião e a sexualidade caminhavam paralelamente mas com todas as mudanças ocorridas, a sexualidade foi carregada de tabus de tal forma que o homem se esquecesse dos ciclos da natureza, negligenciando sua importância. A sexualidade tornou-se incompatível com a religião". A visão de comércio e política também mudou fazendo aparecer as estratificações sociais com muito vigor.

*"A mulher, tanto na religião católica como na islâmica, é vista como aquela que leva à ruína, que é tentação sedutora. A mulher é perigosa, então não pode ter poder algum. Ela tem que ser reprimida e agir em meio à muitas restrições."*³²

Que diferença! Como tudo mudou drasticamente do período do matriarcado para o patriarcado.

Qualls-Cobertt³³ nos fala sobre três possíveis causas desse acontecimento: Uma primeira diz respeito à filosofia existencial que dá importância muito maior ao arriscar a vida do que ao produzir vida dizendo que a mulher apenas produz a vida de maneira sempre igual e que ela não tinha orgulho disso, apenas fazia. Enquanto o homem, não tem como destino ficar repetindo coisas, ele tem como natureza a exploração, a transposição de barreiras, a remodelação da vida.

Uma segunda teoria diz que a mulher era vista de maneira misteriosa assim como a terra. Eram consideradas, ambas, presentes dos deuses sendo veneradas pelos homens e não possuindo poder algum na Terra, somente além do reino humano. Por um lado eram elevadas e por outro subjugadas.

E uma terceira teoria que diz que quando o homem começou a perceber sua parte necessária na procriação, passou a acreditar que somente o homem gerava vida e que a mãe apenas nutria o corpo.

Essa é a visão de uma psicóloga sobre o assunto.

³¹ Dança do ventre Dança do Coração, p. 60

³² Ibid, p.60

³³ A Prostituta Sagrada, p.52 e 53

Já Shokry Mohamed³⁴ nos conta que foi por causa da Hégira (fuga de Maomé de Meca para Medina em 622 a.C.. Esse ano foi adotado como o primeiro ano da era muçulmana) que essas transformações aconteceram. Em 650 as pregações de Maomé são copiladas e escritas se transformando no Corão que passou a ser o livro sagrado dos muçulmanos. Foi quando surgiu o Islamismo, religião monoteísta criada por Maomé, que se expandiu por todo o oriente médio desde Irã e Turquia até Magreb e Andalus. As representações de dança e canto públicas foram restringidas e só se mantiveram nas cortes dos sultões e califas medievais.

O cristianismo e o judaísmo também surgiram como religiões monoteístas e as três religiões repeliram a dança do ventre. Elas repeliram mais do que os próprios governos. Mas, se ela chegou até os nossos tempos é porque foi dançada por judeus, cristãos e muçulmanos; foram eles que a transmitiram através do tempo. Temos que, apesar de não compreendermos muito os motivos para esse rechaço, agradecer às corajosas mulheres que se submeteram ao descaso, à serem mau vistas... E às pequenas "aberturas" religiosas e políticas e dançaram... Nos trouxeram a dança do ventre. Não deixaram-na perder-se no tempo.

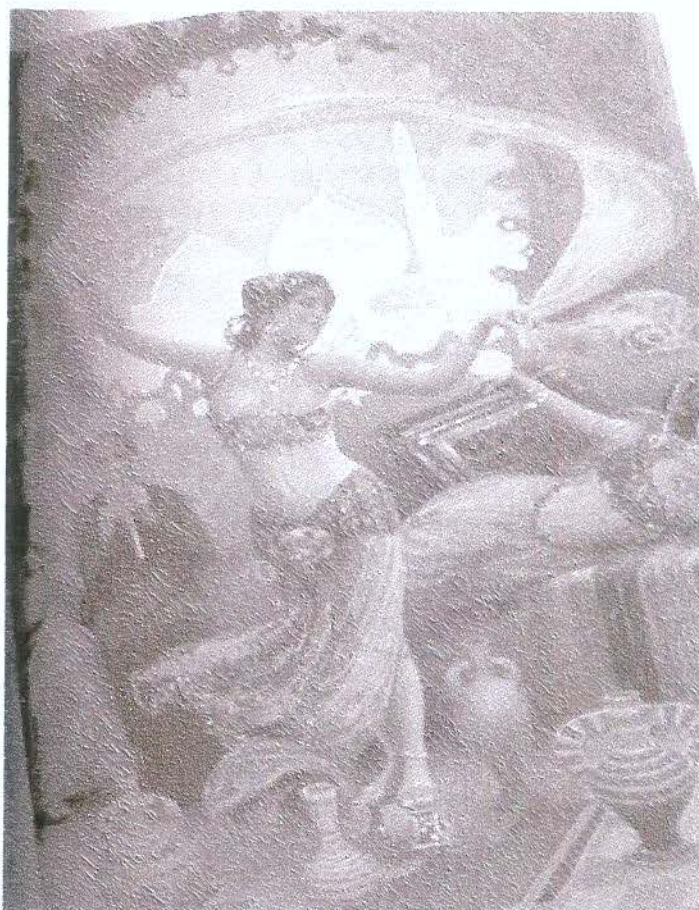
*"O baile oriental foi proibido nos lugares públicos, e os homens de religião judia, os rabinos, se opuseram à sua representação em festas, argumentando que era imoral. (...) A reação das diferentes igrejas cristãs do oriente com relação à dança oriental não difere da dos judeus. Em linhas gerais, oscilou entre a completa proibição e uma perseguição mais ou menos encoberta. (...) Depois da aparição do Islamismo, a música e as artes continuaram avançando. (...) De todas as maneiras, uma das coisas mais ambíguas e menos claras é a situação do Islamismo frente à dança, pois o Corão não a proíbe expressamente."*³⁵

A igreja fez de tudo para que a dança se tornasse um mero entretenimento mas ela conseguiu sobreviver devido à sua força. Talvez essa briga da igreja tenha acontecido, dentre os outros motivos, por causa das roupas das bailarinas em que grande parte do corpo fica descoberto com objetivo de seduzir o espectador, aspectos repugnantes para o islamismo e as outras religiões monoteístas. Quem nos diz isso é Shokry Mohamed.³⁶

³⁴ *La danza Mágica del Vientre*, p. 11 (tradução da autora)

³⁵ SHOKRY MOHAMED, *La Danza Mágica del Vientre*, p. 90 e 91 (tradução da autora)

³⁶ SHOKRY MOHAMED, *La Danza Mágica del Vientre* p. 91 (tradução da autora)



(BUONAVENTURA, 1950, P. 125)

Imagens de dançarinas vindas de pinturas orientalistas.
1910. Cartões Postais. Coleção Privada.

Segundo Meirit Aton³⁷, *"as danças tradicionais permanecem mesmo que adaptadas às transformações dos tempos, porque elas transmitem a identidade de seus povos."*

O que faz parte da identidade de um povo realmente permanece porque representa esse povo, é seu símbolo. Se morrer o povo perde sua referência de vida, de simbologia, de representação dele mesmo.

Agora, vou falar um pouquinho como se deram essas transformações em alguns países baseando-me em Cristina Schafer.

A Índia foi invadida pelos muçulmanos em 680. Eles devastaram toda a cultura do povo, mataram os conhecedores da antiga escrita deles, a Kuarisma, fecharam todos os templos e acabaram com a religião. As devadasis não sabiam o que fazer. Algumas foram para a casa dos sultões e dançavam para eles tentando agradá-los pois eles as sustentavam. Foi aí que surgiram os Haréns. Não dançavam mais para a Deusa, mesmo tentando

³⁷ Dança do Ventre Dança do Coração, p. 44 e p.45

fazê-lo, rezando muito e dedicando sua dança à ela, isso foi se perdendo. Outras não agüentaram, não conseguiram se submeter e se suicidaram.

Na pérsia a história foi bem parecida. Quando os muçulmanos a invadiram, fecharam os templos e as sacerdotisas tiveram que passar a dançar para os shaques vivendo nos seus haréns.



Turkish cengiz entertaining in the harem. c.1850. Postcard of oil painting. Private collection

(BUONAVENTURA, 1950, P. 43)

O Egito é o país do qual temos mais informações sobre a dança pois foi invadido pela França, por Napoleão Bonaparte, em 1798 e este ficou encantado com toda a riqueza que viu lá. Levou muitas coisas para o seu país

que até hoje estão nos museus de lá. Foi ele que divulgou a dança do ventre, também. Esse é um dos motivos pelos quais o país tem fama de ser o de origem da dança do ventre. Foi um dos que mais desenvolveu a técnica dessa arte e quando Napoleão viu, relatou e registrou tudo pois ficou encantado. Nunca tinha visto nada igual.

Nos conta Meirit Aton³⁸ que as gawasis receberam os soldados franceses "muito bem" mas a moral e os bons costumes deles eram outros e, entre outras coisas, quatrocentas delas foram decapitadas e jogadas no Nilo, outras foram fuziladas pois diziam que elas estavam transmitindo sífilis aos soldados e outras foram exiladas do Cairo. Se desobedecessem às ordens recebiam chicotadas e eram submetidas à trabalhos forçados. Cristina Schafer nos diz que os soldados passavam a noite acordados com as bailarinas e durante o dia não queriam fazer nada. Por isso que tantas foram mortas. Napoleão ficava muito bravo e não tinha como controlar os soldados.



(Buonaventura, 1950, pg. 56)

Gawasis divertindo viajantes. Meio do século XIX. Gravura. Coleção Arabesque, New York.

Shokry Mohamed³⁹ nos conta que as gawasis se prostituíam e dançavam em festas se oferecendo, na frente das mulheres da casa, com objetivo de seduzir e não de se divertir e/ou dançar. Elas iam viajando de cidade em cidade e juntavam fortunas consideráveis vivendo até em grandes mansões.

Existiam, também, as *Al Kahua* que eram como Casas de Chá em que só entravam egípcios que iam se divertir fora de casa com os amigos

³⁸ *Dança do Ventre Dança do Coração*, p. 51

³⁹ *La Danza Mágica del Vientre*, p.54 e p.55 (tradução da autora)

jogando caras, dominó, bebendo café e água com açúcar (era muito chique pois o açúcar era muito caro) e fumando *arguile* com tabaco. Nessas casas apresentavam-se artistas ambulantes como contadores de histórias, cantores e... Bailarinas. Eram os(as) ciganos(as) e eles recebiam um dinheiro para isso. iam de uma casa para a outra e passavam por várias durante a noite pois era assim que sobreviviam. O ato de dar dinheiro para as bailarinas era chamado de *nokta* e os clientes jogavam moedas como forma de aplaudir seu espetáculo.

Assim como os *Al Kahua*, tem os *Mahla* que são as mesmas casas de chá mas para os estrangeiros e nelas pode-se consumir bebida alcoólica, o que não é permitido nas *Al Kahua*.

Em 1798 Napoleão construiu no Cairo o "Teatro Café Concerto" que foi o primeiro teatro da cidade. Bailarinas profissionais eram contratadas pelo teatro para irem dançar lá acompanhadas de seus músicos. Recebiam *nokta* e tinha bebida alcoólica. Mas não recebiam um bom salário e, por isso, faziam de tudo para receber um bom *nokta* dos clientes pois a dança era a sobrevivência delas. Aqui começa a degradação da dança do ventre; os clientes começam, além de jogar moedas, colá-las no corpo da bailarina com cuspe. As bailarinas, por si, começam a se despir cada vez mais e começa a virar uma bagunça.

Finalmente, em 1834, os egípcios resolvem dar um basta na história. Segundo Shokry Mohamed,⁴⁰ o governante do Egito Mohammed Alí proibiu a dança do ventre em vias públicas. As mulheres que tentaram burlar essa proibição foram mandadas para Esna mas se espalharam por muitas outras cidades do sul do Egito.

Como não tinha mais bailarina na cidade, aparece oportunidade de trabalho para os *Ko!*; eles são homens que se vestem de mulher e vão dançar tomando o lugar das bailarinas. Como são homens, ninguém fala nada.

Nessa época o país já tinha islamismo e as *almehs* já estavam decadentes, assim como aconteceu nos outros países.

Alguns nomes das últimas *almehs* mais antigas: Bamba Kachar, Amina Chakla, Nafoussa Elsewissta, El Haga Hoda, Aziza el Bida, Fatma Hassanine, fahima Geórgi.

Duas *almehs* foram muito famosas: Shafia Al-Coptia e Badiia Masabni.

E a última *almeh*, isto é, que se diz a última: Kutchuk Hanem. Ela diz que foi a última das *almehs* mas chegou a fazer coisas proibidas para uma *almeh* como convidar homem, estrangeiro ainda, para ir na sua casa.

Quando Napoleão invadiu o Egito, não existia mais muita diferença entre as *almehs* e as *gawasis* pois todas já dançavam para homens fora dos

⁴⁰ *La Danza Mágica del Vientre*, p.54 e p.55 (tradução da autora)

templos que, também, já não existiam mais. Algumas almehs fugiram ou se suicidaram pois não suportaram aquela vida mas outras, como Kutchuk, se modernizaram e ficaram. Elas se transformaram em cortesãs perdendo sua honra. Mas, o que era ser cortesã? Era como que ser amante de um só homem que a financiava. Depois de um tempo esses homens trocam de cortesãs e para elas é muito difícil conseguir ser cortesã de outro homem, de novo, com o mesmo *status*.



(BUONAVENTURA, 1950, p.155)

Costume de cabaré de 1930, permanecendo largamente inalterado com o presente. Fotografia coleção Arabesque, New York

Kutchuk foi cortesã de Flaubert durante cinco anos, de 1849 à 1854. Ele era um poeta que se apaixonou por ela, a segue até Esna (uma cidade no sul do Egito) e relata algo sobre sua dança: Ela dançou Racks Chark, uma dança folclórica do Egito, dançou com uma túnica uma dança grega, dança com a espada e dança da abelha (muito frenética, enrolada em véus, é como se uma abelha estivesse picando a bailarina e esta vai tirando os véus rápida e freneticamente até ficar nua. Deve ser a precursora do striptease).

Segundo Shokry Mohamed⁴¹,

"No primeiro terço do século XIX, (...) as bailarinas dançavam descobertas nas ruas para entreter a população, As danças que realizavam era de baixo nível artístico e de muito pouca elegância. Sua característica mais destacada era o movimento das nádegas de um lado para o outro. A dança começava geralmente com certos movimentos pudorosos e, quando as bailarinas se sentiam incitadas pelos olhares dos espectadores, moviam violentamente a cintura, fazendo as mãos girarem simultaneamente com os snujs."

Em 1850, segundo Cristina Schafer, pela primeira vez aparece a roupa de três peças usando-se um vestido transparente por baixo, por cima uma saia e um colete todo bordado de dourado. Além do xale.

Como pudemos perceber, a chamada prostituição profana continuou a existir e até aumentou. A natureza sexual da mulher era associada à ela sendo rebaixada e explorada e a mulher encarada como destrutiva da sociedade e até bruxa. Durante o Renascimento e a época da reforma, a repressão da natureza feminina tornou-se ainda mais severa apesar de (somente no cristianismo) existir Nossa Senhora, venerada e adorada, intocável, bela e elevada às alturas. Uma contradição.

Assim foi se dando a transformação na maneira como a dança do ventre era vista, sentida e realizada.

O que aconteceu com a Dança do Ventre...

A situação da mulher árabe comum, com o islamismo nos seus países, tornou-se insuportável. Ela não tinha mais nenhuma liberdade. Sua liberdade estava totalmente veiculada à liberdade do marido.

Shokry Mohamed⁴² nos fala que *"desde o instante de seu nascimento até sua morte ela permanecia escrava do homem que a protegia. Não podia viajar, nem pensar, nem ver, nem desenhar, nem*

⁴¹ *La danza Mágica del Vientre*, p. 51 (tradução da autora)

⁴² *La danza Mágica del Vientre*, p. 76 e 77 (tradução da autora)

viver se não por meio dele. Na realidade ela não era um ser humano independente senão um anexo dos homens de sua família. Um menino de quinze anos se considerava mais importante deste ponto de vista social que sua mãe, sendo que ela possuía mais experiência, mais conhecimentos e mais amadurecimento mental, sem dúvida nenhuma. E isto não somente fora de casa mas também nos assuntos domésticos. (...)

A mulher árabe viveu quase que na mais absoluta ignorância porque a vida social e familiar não exigia nada mais dela. Era na realidade uma espécie de escrava, pois se considerava como uma mercadoria em posse do homem de maneira que mais parecia uma compra que um contrato matrimonial."

O livro *Princesa*⁴³ relata muito bem como é a vida das mulheres árabes, até hoje, nos países islâmicos. O livro fala da história real de uma princesa da Arábia Saudita chamada Sultana (nome verdadeiro impedido de ser revelado pois a princesa teme a "ira dos líderes religiosos que a condenariam à morte por tornar pública suas práticas bárbaras"⁴⁴). Ela conheceu a autora, lhe relatou sua história e de sua família, e pediu-lhe que contasse o que ouviu e leu (Sultana começou a escrever um diário secreto aos 11 anos de idade e entregou-o para a autora) para que o mundo pudesse saber como vivem as mulheres árabes.⁴⁵ Jean Passon, a autora, ficou apreensiva, a princípio, mas resolveu fazê-lo. Muito contribuiu para esse trabalho pois grande parte do que sei e vou lhes contar sobre as mulheres islâmicas veio desse livro. Começemos, então, contando algumas histórias...

"Minha primeira lembrança vivida é de violência. Aos quatro anos de idade, fui esbofetada no rosto por minha mãe, que era geralmente uma mulher pacata. Por quê? Eu tinha imitado meu pai em suas orações. Ao invés de rezar para Meca, rezei para meu irmão Ali, de seis anos. Eu achava que ele era um deus. Como, é que eu podia saber que não era? (...) se meu irmão não era um deus, porque era tratado como se fosse?"

"Mas não se pode culpar a fé muçulmana pela posição inferior da mulher na nossa sociedade; embora o Corão diga que a mulher é secundária em relação ao homem, nosso profeta Maomé só

⁴³ JEAN P. SASSON, *Princesa*, passim

⁴⁴ JEAN P. SASSON, *Princesa*, contra capa

⁴⁵ "É raro a verdade escapar de um palácio saudita pois nossa sociedade mantém tudo em segredo, mas o que eu falei aqui e o que a autora escreveu é verdade" (Palavras da princesa Sultana, pg. 19)

" (...) pus-me a ler e reler as anotações e os diários que Sultana me confiara. (...) assumi a responsabilidade de excluir eventos que certamente trairiam problemas. As palavras são minhas mas a história é dela (palavras da autora, pg. 9)

pregou bondade e justiça em relação às mulheres. Os homens que vieram depois do profeta Maomé optaram por seguir os costumes e tradições da Idade Média, ao invés de seguir as palavras e o exemplo de Maomé. Nosso profeta condenava a prática do infanticídio, um costume comum em sua época quando nascia na família uma criança indesejada do sexo feminino."

"(...) O valor de uma criança nascida no reino da Arábia Saudita ainda é medido pela presença ou ausência do órgão masculino."

"(...) Convencido (o homem) de que as mulheres não têm controle sobre seus desejos sexuais, torna-se essencial que o macho dominante guarde cuidadosamente a sexualidade da fêmea. Este controle absoluto sobre a mulher não tem nada a ver com amor, só com o medo de que a honra do homem seja maculada."

"A autoridade do homem saudita é ilimitada; sua esposa e filhos só sobrevivem se assim ele o desejar. Desde a mais tenra idade, o menino aprende que as mulheres têm pouco valor: elas só existem para conforto e conveniência dos homens. A criança vê o desprezo com que sua mãe e sua irmã são tratadas pelo pai; esse desprezo explícito o induz a desrespeitar todas as mulheres, impossibilitando-o de ter amizade com alguém do sexo oposto. Sendo-lhe ensinada a função de senhor das escravas, não admira que, quando chega a idade de escolher uma companheira, ele a considere não mais que uma escrava."

"É claro que, por ocasião da primeira menstruação da menina e subsequente colocação do véu, seu isolamento de quaisquer outros homens que não o pai e irmãos era imediato e absoluto."

"(...) Na nossa terra, inteligência numa mulher é uma garantia de sofrimento no futuro, pois ela não tem como canalizar seu potencial."

Esses casos e frases ditos pela princesa nos mostram bem como o homem tem poder nos países árabes e como a mulher tem que ser submissa e abaixar a cabeça para tudo o que um homem quiser. Os casos contados aqui aconteceram na Arábia Saudita mas a maioria dos países muçulmanos é assim. Hoje, alguns são menos rígidos e as mulheres têm um pouco mais de

liberdade. Mas não são todos. A Arábia Saudita é um dos países que, até hoje, é muito fechado para coisas novas. O livro foi publicado pela primeira vez em 1992 e algumas coisas mudaram mas foram poucas.

"(...) O casamento oficial tinha sido realizado algumas semanas antes, sem a presença de mulheres. Só homens participavam da cerimônia, a qual consistia na assinatura dos contratos do dote e troca de documentos legais. E agora, seriam pronunciadas as poucas palavras que faltavam para completar o ritual de matrimônio."

"Na Arábia Saudita os casamentos são celebrados com duas recepções separadas: uma para os homens e outra para as mulheres. Os únicos homens que participam da recepção das mulheres são o noivo, o pai do noivo, o pai da noiva e o religioso que celebra a rápida cerimônia"

Shokry Mohamed⁴⁶ também nos conta sobre essas cerimônias. Assim o faz: *"O casamento requer uma série de passos prévios e assim, uma vez eleita a noiva apropriada, o noivo e homens mais representativos de sua família vão na casa da noiva pedir sua mão. As mulheres se preparam para este momento, e ambas as famílias chegam a um acordo sobre o presente de casamento e o dote. O presente consiste em um anel de compromisso e o dote é pago mediante uma quantidade combinada e concordada previamente, à família da noiva. A partir desse momento, se anuncia oficialmente o compromisso e, uma vez aceito o presente, a futura esposa começa a receber suas amigas, vizinhas e parentes. Se reúnem em sua casa durante a tarde e ali cantam e dançam descrevendo a beleza, habilidade e nobreza da noiva e a inteligência e valentia do noivo. Formam um círculo e cada uma vai dançando diante da noiva enquanto uma mulher mais velha acompanha o ritmo com algum instrumento de percussão. Estas reuniões só acontecem durante uma semana antes da festa de casamento. "Enquanto isso, na casa do noivo se organiza um festejo similar dirigido por seus parentes mais próximos, irmãs e vizinhas. Também cantam canções que descrevem a bravura e as boas qualidades do noivo e acompanham com danças. É habitual que essas canções façam referência ao amor e às relações sexuais de uma forma indireta, geralmente através de palavras e situações de duplo sentido, sem que ninguém se sinta incomodado por essas insinuações."*

⁴⁶ La Danza mágica del Vientre, p. 79 (tradução da autora)

Shokry Mohamed⁴⁷ também nos conta que as mãos da noiva são pintadas com o objetivo simbólico de propiciar a fertilidade e acabar com o mau olhado.

"Vários fatores determinam a aptidão da mulher para o casamento na Arábia Saudita: seu sobrenome, a fortuna de sua família, ausência de deformidades e sua beleza. Como os encontros sociais são considerados tabu, o homem fica dependendo da visão aguçada de sua mãe e irmãs para lhe encontrar uma noiva adequada. Mesmo depois de feito o pedido e marcada a data do casamento, é muito raro que a moça veja seu futuro marido antes da noite de núpcias, embora haja famílias que permitem troca de fotografias entre os noivos. "

Mesmo sendo a mãe a escolher o marido para a filha, (...) *"muitas vezes a mãe também insiste num casamento contra a vontade da filha, por mais que esta proteste. Afinal, ela própria se casou com um homem a que temia, e sua vida transcorreu sem o horror ou sofrimento que tanto temia. A mãe explica à filha que amor e afeição são sentimentos passageiros, e é melhor entrar para uma família que elas já conheçam."*

"(...) a maioria dos casamentos na nossa terra são guiados pelas mãos das mulheres mais velhas da família (...)"

(depois do casamento) "(...) seu papel de mulher, que é o de servir e agradar o homem e gerar filhos."

"O islamismo concede aos homens o direito do divórcio sem questionar os motivos, ao passo que para a mulher é muito difícil se divorciar do marido. Caso Sara (personagem da história) se visse obrigada a pedir a separação, teria encontrado muitas dificuldades, pois as autoridades religiosas poderiam decidir que "Você pode não gostar de uma coisa que Alá criou para o seu próprio bem", e obrigar Sara a continuar com o marido. Mas o marido acabou cedendo e pronunciou as palavras "Eu me divorcio de você" três vezes na presença de duas testemunhas do sexo masculino. O divórcio foi consumado em questão de segundos."

"(...) O estigma social do divórcio é pesado, e o baque emocional e financeiro é esmagador para a mulher. (...) Se a mulher divorciada tiver sorte será acolhida por seus pais ou por um filho mais velho."

⁴⁷ La Danza mágica del Vientre, p. 80 (tradução da autora)

Sem uma família que a acolha, ela estará perdida, pois em meu país as mulheres solteiras ou divorciadas não podem de maneira alguma morar sozinhas. Existem asilos do governo para abrigar mulheres nessas condições."

"Na Arábia, lençóis manchados de sangue (da noite de núpcias) ainda são entregues à sogra da noiva para que ela possa mostrar às amigas e parentes que uma mulher pura e honrada entrara para a família"

O casamento era, e ainda é, considerado uma troca de poder e dinheiro. Eles só são realizados se, financeiramente, for bom para ambas as famílias pois o noivo tem de dar um dote em terras ou dinheiro para comprar a noiva. Shokry nos falou à pouco sobre esse sentimento da mulher de ser uma mercadoria. Isso aparece nos textos acima.

E, novamente, percebemos a inferioridade da mulher e relação ao homem na questão do divórcio. Simplesmente, se o homem disser não, é não e pronto. A mulher não tem muito como contestar e tem que se submeter àquele homem que não suporta e muitas vezes, o caso do livro é um, a maltrata até fisicamente.

"Na Arábia Saudita, é preciso que o homem dê uma carta de permissão para que as mulheres de sua família possam viajar. Sem esse documento, nós seríamos barradas na Alfândega e impedidas de embarcar."

"No Oriente Médio, a culpa nunca é do homem. Mesmo quando um homem mata a esposa, ele alega razões "válidas" para seu ato, as quais serão aceitas pelos outros homens sem questionamento. Já vi artigos em jornais homenageando homens que mataram a esposa ou filha pelo crime de "comportamento indecente". A mera suspeita de má conduta sexual, como o ato de beijar, por exemplo, pode resultar na morte para a moça. E, como se não bastasse, os religiosos ainda cumprimentam o pai em público pelo seu "notável" ato do cumprimento dos mandamentos do Profeta!"

Como já foi dito, os homens têm total controle sobre a vida das mulheres que vivem com ele. Mas essas histórias nos fazem entender porque a dança do ventre é vista como é hoje nos países árabes.

"Na Arábia Saudita, o governo construiu mesquitas em todos os bairros, proporcionando aos homens a conveniência de sempre poder ir a pé até a mesquita mais próxima, para fazer as cinco orações diárias de praxe. Embora estas possam ser feitas em qualquer lugar, é sempre preferível que faça numa mesquita."

"No meu país as mulheres são proibidas de entrar nas mesquitas. Embora o profeta Maomé não proibisse as mulheres de orar em público nas mesquitas, ele disse que era melhor elas fazerem suas orações na privacidade de seus lares. Consequentemente, nenhuma mulher jamais teve permissão de entrar numa mesquita."

A mulher não pode freqüentar o local onde a sua religião venera o deus.

"Ainda que o governo da Arábia Saudita não permita a entrada de turistas no país, há muitas mulheres estrangeiras que trabalham como enfermeiras, secretárias ou empregadas domésticas em nossas grandes cidades, e muitas delas sentem o peso da ira daqueles que falam em nome de Deus mas agem com desprezo em relação à mulher. Se uma mulher tem a coragem de desafiar nossas tradições expondo seus braços e pernas, corre o risco de ser espancada e pintada com tinta vermelha."

Essas mulheres, muitas vezes, são independentes dos homens e vivem sem muitas das restrições que as mulheres árabes tem. Mas a maioria é maltratada. São vistas e usadas como mulher para que os filhos homens da casa se divirtam. São constantemente violentadas por eles e todos sabem disso, inclusive as mães, que apoiam dizendo que os filhos precisam de sexo e, como as mulheres sauditas são muito santas, os filhos têm que se divertir com elas mesmo. Uma vida muito difícil mas, às vezes, melhor da que tinham em seus países.

"Na cultura árabe, onde se dá tanta importância à passagem da fase de menina para a de mulher, todas as garotas aguardam com um misto de medo e profunda satisfação o aparecimento da primeira menstruação. (...) A chegada das regras da mulher é um tema normal de conversa no mundo muçulmano. "

"Na Arábia Saudita, a chegada da primeira menstruação significa que é tempo de escolher o primeiro véu e abaaya."

"Embora a cor do véu seja sempre preta, existem diversas variedades de trama e peso do tecido. O véu pode ser de tecido fino, dando ao mundo uma vaga idéia de rosto proibido. Um tecido de peso médio é mais prático, pois a mulher consegue enxergar através do véu sem os olhares rancorosos ou observações rudes dos mantedores da fé. Quando a mulher escolhe o véu de tecido grosso, nenhum homem consegue imaginar suas feições (...)"

"A menina entra na loja, mas quem sai é uma mulher, coberta com véu e, a partir daquele dia, em idade de se casar. (...) Coberta com o véu, nós, mulheres árabes, tornamo-nos tentadoras e desejáveis aos homens árabes."

Os véus são incômodos. Até que as mulheres se acostumem com eles, tropeçam, não enxergam direito e, como disse Sultana: *"Como é que as mulheres conseguiam enxergar através dos véus mais grossos? O céu perdera o azul, o sol perdera o brilho; senti um aperto no coração ao me dar conta de que, a partir daquele momento, fora da minha casa eu nunca mais veria o mundo como ele realmente é, com todas as cores."*

"Tropecei nas crianças de uma beduína e invejei a liberdade de seu véu. As beduínas usam o véu sobre o nariz, deixando os olhos descobertos."

Para os árabes, como vimos, a menina virar adulta é muito importante, por isso o fato é tratado com naturalidade, (diferente de nós, ocidentais) pois é o momento em que ela passa a ser "perigosa" para a sociedade sendo uma ameaça estar sozinha ou desacompanhada. Por isso a casam logo.

E, pudemos observar um fato interessante que é como muda a visão para a mulher com véu. Ela vira um mistério e, portanto, tentadora. A vontade de descobrir um mistério mexe com qualquer ser humano. Ela fica perigosa mesmo. Talvez seja esse o sentido da dança com véus feita pelas bailarinas de dança do ventre... Logo veremos.

"O Corão diz que toda esposa deve ser tratada como as outras. Assim sendo, os ricos não têm dificuldade para suprir suas esposas com igualdade, e aos mais pobres basta erguer quatro tendas e prover alimentação básica. É por essa razão que os muçulmanos mais ricos e os mais pobres têm quatro mulheres. Só o saudita da classe média é que

tem de se contentar com uma única mulher, pois ele não tem condições de sustentar quatro famílias dentro dos padrões da classe média."

Algumas mulheres, como sultana e suas amigas de adolescência, acreditam em deus e que Maomé foi seu mensageiro, mas acham que as mensagens de Maomé foram interpretadas erroneamente por seus seguidores, pois nenhum Deus iria desejar tanto sofrimento para as mulheres.

"Desde que nos entendemos por gente, nós, mulheres sauditas, aprendemos que é pecado nos unirmos a um homem que não seja muçulmano: a religião dos filhos de tal união não ficaria garantida se o marido fosse cristão ou judeu."

"Todo muçulmano aprende que o islamismo é a mensagem final de Alá para a humanidade e, portanto, é a fé superior a todas as outras. Os muçulmanos não podem se submeter conscientemente a não muçulmanos, e tampouco devem permitir que tal relacionamento se desenvolva. Todavia, muitos homens sauditas desposavam mulheres de outras religiões sem que isso causasse qualquer repercussão - só as mulheres sauditas pagavam o preço supremo por sua união com um infiel. Nossos religiosos afirmam que a união de homens muçulmanos com mulheres de outras religiões é permissível porque os filhos são criados na religião dos pais. "

Observem como a situação dela é difícil de ser mudada nos países árabes com a história que vem a seguir.

"Há muitas e muitas gerações, as mulheres de nossa família eram circuncidadas. (...) foi preparada uma festa com banquete, e a jovem Nura (doze anos) deleitava-se com o fato de ser homenageada. Momentos antes do ritual, mamãe lhe disse que as mulheres mais velhas iriam realizar uma pequena cerimônia, e que era importante que Nura permanecesse deitada sem se mexer. Uma mulher começou a tocar um tambor, e outras mulheres cantavam. As mulheres mais velhas reuniram-se em torno da menina assustada. Nura, nua da cintura para baixo, foi segura por quatro mulheres sobre um lençol estendido no chão. A mais velha de todas ergueu a mão e Nura, horrorizada, viu que ela segurava um instrumento em forma de navalha. Nura começou a gritar. Então sentiu uma dor lancinante na região genital. Atordoada, foi erguida no ar pelas mulheres e cumprimentada por sua maioridade. Completamente apavorada, viu sangue escorrendo dos

ferimentos. Em seguida foi carregada para uma tenda e as lacerações foram cobertas com ataduras."

"Os ferimentos não demoraram a cicatrizar, mas ela não entendeu as implicações do procedimento até a noite de núpcias, quando sentiu uma dor insuportável e perdeu muito sangue." (...) Finalmente, depois de engravidar, foi a um médico ocidental que ficou horrorizado com suas cicatrizes. Ele disse a Nura toda sua genitália externa tinha sido removida (...).

"Para a surpresa do médico, as circuncisões foram feitas por insistência de minha mãe. Ela própria passara pelo ritual e acreditava que aquela era a vontade de Alá."

Deu para entender um pouquinho como é difícil mudar a vida das mulheres árabes? Elas mesmas já acostumaram com a situação e muitas "vivem" assim sem reclamar ou imaginar que tanto sofrimento pode ser coisa do homem e não de deus.

"Eu sabia que, como mulher, minha vida seria uma perpétua luta contra a ordem social da minha terra, onde as mulheres são sempre sacrificadas."

Depois de entender como as mulheres eram mesmo maltratadas, Sultana compreendeu que seu objetivo de igualdade entre os sexos era inalcançável, pois reconheceu que o mundo dos homens apresenta uma condição mórbida de excesso de amor por si mesmos. As mulheres são escravas e os muros dessa prisão são intransponíveis pois essa grotesca doença de superioridade vive no esperma de todos os homens e é passada de geração em geração - uma doença mortal e incurável, cujo portador é o homem e cuja vítima é a mulher.⁴⁸

"Nós, mulheres árabes, só podemos encontrar a felicidade se o homem que nos domina tiver consideração por nós; caso contrário, teremos uma vida de sofrimento. Não importa o que façamos, nosso futuro depende de um pré-requisito: o grau de bondade do homem que nos domina."

Somente a partir de 1975 é que as mulheres árabes passaram a poder estudar. Algumas tiraram o véu, somente da classe média, mesmo sob ameaça dos religiosos, mas continuaram cobrindo os cabelos. As mulheres da

⁴⁸ JEAN PASSON, *Princesa*, p.103

classe alta, como Sultana, não tiveram essa liberdade; essa força vem da classe média mesmo e dá esperanças às outras mulheres.

Além disso, não existiam mulheres engenheiras pois elas são obrigadas a seguir carreiras consideradas apropriadas para as mulheres tais como pediatria, professoras ou assistentes sociais para outras mulheres e crianças. Também não podem ter contato com professores homens.⁴⁹

Eu fiquei um pouco chocada com essas coisas mas, ao mesmo tempo, entendi o porque de muitas outras coisas relacionadas diretamente à dança do ventre.

Como ficou, então, a situação da nossa dança diante dessa situação das mulheres, protagonistas da nossa história, com o advento do Islamismo?

Bom, a dança já não é mais considerada nem realizada de maneira sacra. Se profanizou, portanto. As bailarinas que resolveram continuar dançando tiveram que enfrentar o preconceito e, a maioria delas, se prostituir. Por isso são tão mau vistas pela sociedade. Não tem como se tornar uma grande bailarina se não passar por uma vida difícil de garota de programa. Portanto, não existe a profissão de bailarina. Ser bailarina é sinônimo de ser prostituta e, para os árabes, as prostitutas dançam para aprimorar sua profissão. As mulheres que querem dançar são expulsas de casa e bailarinas que vêm de outro países dançar nos países árabes são vistas da mesma maneira.

Shokry Mohamed⁵⁰ nos fala que *"Para o resto das mulheres, as bailarinas eram umas prostitutas, e seu trabalho não era honrado. Levavam uma vida desonrada e desfrutavam de uma liberdade exagerada, bebiam álcool e a cada noite estavam com um homem diferente. Mais ainda, arrancavam os homens casados de seus lugares, não tinham nem educação nem vergonha, fumavam (...), e esta opinião era muitas vezes compartilhada pelos homens. Isto mostra uma grande contradição, pois tanto o homem como a mulher desfrutavam da contemplação da dança. E, certamente, a bailarina recebe em muitas ocasiões a admiração do homem e a inveja da mulher."*

Isso que o autor nos fala vemos, também, nos relatos de Sultana sobre a dança do ventre. É exatamente o que acontece. A bailarina é admirada, invejada, assistida mas considerada uma prostituta por ambos os sexos. Observem.

A família foi viajar para o Cairo e Sultana nos conta que na primeira noite que lá estavam, os homens iam num show de dança do ventre numa boate. Acharam melhor que as mulheres não fossem mas Sultana tanto

⁴⁹ JEAN PASSON, *Princesa*, p. 172

⁵⁰ *La Danza mágica del Vientre*, p. 77 (tradução da autora)

insistiu que elas foram. Lá chegando *"Hadi devorava as dançarinas com os olhos e fazia observações grosseiras sobre seus dotes físicos, embora assegurasse Ali que elas não passavam de prostitutas e que, se dependesse dele, seriam todas apedrejadas."*

(durante o casamento) *"Dançarinas do ventre (os grifos são nossos), vindas do Egito, ocuparam o centro da tenda. As convidadas fizeram silêncio e ficaram assistindo à dança. (...) a maioria das mulheres parecia constrangida com os movimentos eróticos. Nós, sauditas, somos sérios demais e encaramos diversão e risos com desconfiança. Mas eu fiquei admirada quando uma de minhas tias mais velhas entrou na dança, balançando os quadris no ritmo das outras bailarinas. Ela dançou muito bem, mas ouvi várias parentes resmungando em reprovação."*

Aqui aparece uma referência à dança do ventre. Podemos perceber que, sendo uma dança tradicional dessa região, as mulheres comuns dançam sim, mas somente com a roupa que estiverem no corpo e como uma brincadeira, socialmente, em festas da família, não como profissão. E, na Arábia Saudita, ainda assim, muitas mulheres não gostam. E as bailarinas profissionais são vistas com maus olhos.

Apesar disso, confirma-nos Shokry Mohamed⁵¹, *"tanto as mulheres egípcias como as árabes em geral dançam em festas e comemorações familiares. Quando, por exemplo, se casa uma filha ou um filho, sua mãe, sua irmã e suas parentes próximas dançam"*. A mãe rompe com todas as ataduras e costumes impostos pela religião e pela sociedade e dança. E é admirada pelas pessoas mesmo que achem estranho a mãe do noivo ou noiva estar dançando.

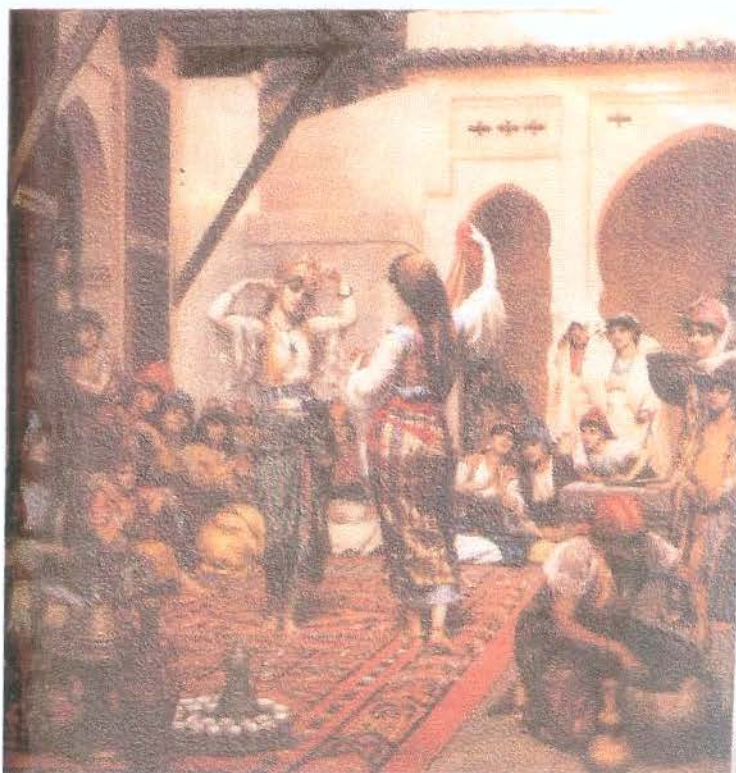
Observamos, então, que a dança foi saindo dos templos, perdendo seu caráter religioso, e indo, aos poucos, para as ocasiões mais alegres da vida como os casamentos, nascimentos...

As mulheres da família dançam nessas ocasiões não porque aprenderam em alguma escola mas sim com as mulheres mais velhas que vão passando de geração para geração. Coreografia? Imagina! Só se for de uma bailarina. É natural para elas aprender a dançar essa dança.

As palavras de Shokry Mohamed quando nos falou sobre o casamento mostra-nos a importância da dança em todos os momentos desse acontecimento. Dança-se antes e durante a festa. E mais, não existe casamento sem a bailarina e seu grupo que participam de todos os momentos da festa inclusive acompanhando os noivos até sua nova moradia onde

⁵¹ *La Danza Mágica del Vientre*, p.78 (tradução da autora)

termina a celebração. Tem um show da bailarina e seus músicos durante a festa momento em que os convidados dão dinheiro ao grupo, tanto à bailarina quanto aos músicos e eles saúdam os presentes dando um grande espetáculo de dança e música. É o momento mais esperado. A família do noivo e o grupo chegam, geralmente, a um acordo prévio de que, do dinheiro arrecadado, 1/3 fica para o grupo e o resto para a família.



(BUONAVENTURA, 1950, P. 86)

Gaston Saintpierre. Mulheres dançando numa festa de casamento na Algéria. 1870. Pintura à Óleo. Coleção Privada

Vejamos, agora, como se deu a sobrevivência da dança do ventre olhando o lado das bailarinas. Falaremos especificamente sobre o Egito, país que tem muitas informações registradas por causa da invasão de Napoleão, como já disse anteriormente.

Mohamed⁵² nos conta que a rua do Cairo chamada hoje de Mohammed Alí, é a rua de onde saíram as maiores figuras da dança e do canto, onde viveram as gawasis com seus grupos musicais, cantores, encantadores de serpente, acrobatas e onde se vende, trazido por elas, amuletos, incensos para afugentar os maus espíritos e atrair o bem, a saúde e a riqueza.

Segundo Meirit Aton⁵³, somente em 1866, com a ocupação otomana, as gawasis puderam voltar ao Cairo e dançar sem problemas. (foram expulsas em 1834, lembram?)

⁵² *La Danza Mágica del Vientre*, p. 62 (tradução da autora)

⁵³ *Dança do ventre Dança do Coração*, p.51

Elas foram voltando aos poucos e, como nos conta Cristina Schafer, podiam dançar com algumas restrições.

O início do ano de 1870 marcam um verdadeiro desabrochar da dança e do canto egípcio contemporâneo. Cada cantor ou bailarina importante dirigia um grupo apesar de ser completamente analfabeta. Esta época, em torno do ano de 1871, alcançou fama uma bailarina chamada Shawq. Foi ela quem dançou diante de um numeroso grupo de ilustres espectadores durante a festa de inauguração do canal de Suez.

Em 1880 surge um movimento nacionalista de resgate das tradições e valores egípcios, o *Lanahda*.

Em 1887 reabre o primeiro *Mahla* chamado "*Kahua Al Raks Al Baladi*" que significa "café para dançar o *baladi* ou para dançar a dança das mulheres egípcias". O próprio nome diz o porque da reabertura. Mas agora existe uma falta de mulheres para dançar e aí bailarinas da Síria, Pérsia, Marrocos e Tunísia começam a ir para o Egito e são contratadas. Essas bailarinas começam a trocar conhecimento com as egípcias, principalmente com as *gawasis*, a elaboram o que, hoje, é a dança dos egípcios chamada de *Raks Masri*. Essa dança é acompanhada de grandes orquestras, para levantar a imagem da dança. Os donos dos novos cafés eram turcos e as bailarinas chamadas de novas *almehs*.

Essas novas *almehs* dançavam com um xale ou véu chamado de *cabaya* que esconde toda a bailarina. Elas entravam com ele e só depois soltavam-no. Interpretavam as canções com muita emoção. Seus *shows* eram curtos pois tinham que fazer muitas entradas na mesma noite pois muitos clientes se renovavam durante esta. Elas tinham um cachê fixo e uma porcentagem de tudo o que era consumido na noite. Todas as pessoas podiam entrar.



(BUONAVENTURA, 1950, P. 125)

Imagens de dançarinas. Gravura Orientalista.
1910. Cartões Postais. Coleção Privada.

Nesse mesmo ano aparece Shafia al Coptia, uma grande e famosa bailarina que tinha um estilo de dança popular com música clássica árabe.

Muitos estrangeiros vão ao Egito para ver essas bailarinas e elas começam a fazer muito sucesso.

Segundo Meirit Aton, em 1893 os americanos assistiram à uma apresentação de dança do ventre no Chicago Word Fair da bailarina Little Egypt.

"O estilo de cabaré teve início em 1920 (...). Aos poucos as boates foram alastrando-se para atender a procura do público colonial."⁵⁴

"O *Cassino Ópera*, foi a primeira casa noturna egípcia, construída no Cairo em 1926, pela dançarina e atriz libanesa *Badia Massabni*."⁵⁵

⁵⁴ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre Dança do Coração*, p.51

⁵⁵ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre Dança do Coração*, p.51



*Fig. 11.1. Badia Masabni fue la reina
de la noche caiota.*

(SHOKRY, 1994, P. 118)

Badia Massabni era uma *Lusta Calima*. O que é isso? É uma profissão. Mulheres mais velhas vão para o interior procurar meninas bonitinhas e mais novas. Ensinam-nas a dançar e fecham contratos com os Moutay Ou Bati para que elas dancem e recebam um cache. Esses Moutay Ou Bati são homens que conhecem as casas das pessoas, as festas... que tem contatos. Eles ficam observando quem quer bailarinas para dançar nesses eventos e/ou locais e as pessoas também os conhecem e os procuram quando querem isso. Então ele procura uma Lusta Calima e ela encontra as bailarinas. Todos ganham os caches com isso.

No dia da festa, as bailarinas se enrolavam num pano preto chamado cabaia e colocavam muitas jóias. Era típico usarem o *mandil*, pompons presos nos cabelos. Iam de charrete cantando até chegar no cabaré ou festa. Dançavam⁵⁶ o balade improvisando, a dança do candelabro, o melea laf, a dança do bastão e a dança com *snujs*. Dançavam interpretando as músicas que são sempre de amor, alegres e tristes. Usavam muito a cabeça para

⁵⁶ Somente serão citados os nomes das danças pois mais adiante, no subtítulo “significado das diversas danças” elas serão explicadas com detalhes.

expressar isso, tremidos, pés descalços e braços perto do corpo (braços longe significa soltura e o balade não tem isso, é bem tímido).

O espetáculo passa a ser visto como um produto de consumo perdendo, aos poucos, seu carácter artístico.

Em 1930, mais ou menos, começa a aparecer os filmes Hollywoodianos. Os homens vão ao Egito em busca de bailarinas Falam com Badia Massabni.

As prostitutas, que sempre existiram, como já vimos anteriormente, percebem o sucesso das bailarinas e aprendem a dançar. São contratadas para e passam a entrar nesse meio. Os donos dos s acham pois elas faziam os clientes consumirem mais. Foi aí que a dança começou a ser confundida com prostituição. Elas passaram a ficar cada vez mais desnudas.

O governo teve, novamente, que interferir e proibir a dança.

Em 1950 o governador Nasser permitiu a dança de novo mas com uma restrição que permanece até hoje: só se pode dançar com ventre coberto, mesmo que o tecido seja transparente.

Em 1963, por causa das prostitutas, novamente, o governo teve que impor regras rígidas e duras para as bailarinas. Todas que dançavam tinham que ter uma carteira e uma licença para dançar. Além disso, tinham que pagar um imposto. A fiscalização passou a ser feita pelo ministério do turismo, os fiscais entravam sempre nos cabarés para ver o que estava sendo dançado e muitas letras de música foram censuradas.

Muitas discussões aconteceram entre o povo, o governo e a igreja sobre o traje das bailarinas determinado em 1950 por Nasser. Finalmente, em 1964 saiu um decreto com as seguintes disposições: (MOHAMED, 1994)

1. "Os trajes da dança devem estar dentro dos limites dos bons costumes, e para isso fechados na parte inferior, sem aberturas laterais ou centrais. Com respeito ao peito e ao ventre, serão cobertos de uma forma que não ofendam os bons costumes.
2. Proíbe-se a bailarina de dança do oriente a executar os seguintes movimentos e posturas
 - Cair sobre as *espaldas* ou sobre o solo, ou movimentos de carácter sexual.
 - Movimentos trepidantes que incitem sexualmente
 - Abrir as pernas completamente sobre o solo e estremecer-se para cima ou para baixo para incitar o sexo
 - Mover algum membro do corpo com um gesto de significado sexual
3. Durante a dança se utilizará lugar reservado para ela em um estabelecimento ou em lugar público e se proíbe dançar sobre e entre as *sillas*.
4. Não se permite à bailarina que durante a dança se fotografe com os clientes de forma pouco honrosa

5. Proíbe-se terminantemente qualquer membro do grupo musical que acompanha a bailarina e, especialmente o encarregado do ritmo, que realize movimentos ou gestos durante a dança que tenham conotações sexuais.
6. Não se dançará a dança oriental com música religiosa ou nacional com fim de conservar o nobre fim original dessa música".

Pudemos perceber a grande preocupação do Egito em proteger a dança, sua imagem para as pessoas e seu significado. A dança passou a ser um entretenimento, um espetáculo artístico. Está tentando-se manter a arte, ao menos.

O Egito tem a dança do ventre muito desenvolvida e conhecida.

A dança do ventre hoje

Hoje a dança do ventre é um tabu em qualquer país do oriente. Continua sendo...

*"Em certa ocasião, escutei uma entrevista pelo rádio de um homem religioso. O interlocutor perguntou à ele sua opinião sobre a dança e ele respondeu: A dança oriental, da forma em que estamos vendo atualmente fotografada nas revistas, por exemplo, é sexualmente provocativa e contraria as boas maneiras, especialmente se se dança na frente de estrangeiros. Se dançasse a esposa para o marido, não haveria nenhum impedimento. O corpo da mulher árabe, com relação aos estrangeiros, é todo nudez, expostos o rosto e as mãos."*⁵⁷

Segundo Cristina Schafer, essa dança ainda é muito mau vista e a maioria das bailarinas foi ou é garota de programa. Só quando ela chega aos seus 40 anos, mais ou menos, ela passa a ser respeitada. Normalmente se casa com algum homem rico. Aí vira estrela. Todos querem assistir aos seus shows.

Cristina Schafer também nos fala sobre a dança em alguns países árabes. Vejamos:

Em Israel não existe dança do ventre porque ela é vista como a dança dos árabes, dos primos bastardos.

Na Turquia, hoje, tem muita dança do ventre. É uma dança bem ostensiva com muitos *shimies* de busto ostensivos. Os banhos públicos são da cultura turca. Nesses banhos tem a *Kolba* que é a massagista, quem toma conta do local e a mulher mais velha que puxa a roda de dança nas festas. Os músicos tocam para as mulheres de olhos vendados e as mulheres

⁵⁷ SHOKRY MOHAMED, *La Danza Mágica del Vientre*, p. 92 (tradução da autora)

aprendem a dançar dentro dessas casas de banho com as *Zefras*. As mulheres dançam nos hotéis de luxo e ganham a vida assim mas são vistas como prostitutas. Muitas vezes são contratadas para dançar nas casas dos turcos em casamentos e aniversários.



Fig. 7.6. Los baños como punto de encuentro de mujeres.

(SHOKRY, 1994, P. 81)

Nos Emirados Árabes a bailarina também é vista como prostituta. Muitas bailarinas de outros países são contratadas para dançar nos hotéis de luxo e restaurantes em Dubai, capital do país, inclusive brasileiras.

O Kuait é um país muito rico por causa do petróleo. Muitas bailarinas estrangeiras são contratadas para dançar lá, assim como nos Emirados Árabes.

No Líbano a dança do ventre se desenvolveu muito. Depois que o país foi reconstituído por causa da destruição da guerra, a dança do ventre passou a ser muito querida pois atrai muitos turistas. As bailarinas são muito sofisticadas para dançar usando saltos altos, muita técnica, palco, *show*. Têm um estilo bem diferente das turcas e egípcias. Uma grande bailarina libanesa é a Samara.

Podemos dizer que hoje existem três estilos de dança: o egípcio, mais conhecido, o turco e o libanês.

Não existe escola de dança do ventre em nenhum dos países árabes, até hoje, e nem estudo sobre a dança. Todos os registros que se tem foram

feitos por europeus ou americanos, ocidentais, portanto com o nosso olhar. Não se estuda essa dança pois existe esse preconceito enorme. Se alguém for para o Egito, hoje, dificilmente verá uma apresentação de dança do ventre. Fazer aula então? Só se for indicada por alguém. As bailarinas não ensinam. Têm medo.

Alguns homens começam a ensinar a dança do ventre. São grandes coreógrafos que estudam muito e passam a ensinar essa dança pois sendo homens não tem problema. É a primeira vez que a dança do ventre é passada por um homem e não uma mulher. Um grande coreógrafo egípcio é Ibrahim Akfe. Dedicou 50 anos de sua vida à dança oriental. É primo da bailarina Naima Akfe. Em 1950 ficou famoso como bailarino dos filmes de Hollywood.

É por isso que as fitas de vídeo que os americanos fizeram com as bailarinas que buscaram no Egito são tão importantes para nós. São os únicos registros sobre essa dança do Egito que podemos ter acesso para conhecermos vermos como elas dançam, o que fazem... Mesmo tendo sido feitas pelos americanos e dentro dos padrões que eles queriam. Elas mudaram um pouco o estilo da dança pois vão dançar para pessoas ocidentais, num palco, com cenário, figurino... Não dançam mais com tanta espontaneidade e improvisado como antes pois agora tudo é coreografado, virtuoso, muito técnico e sensual. Elas param de cantar a música junto com a dança e entram outros instrumentos musicais como o órgão e o violino eletrônico.

Algumas das bailarinas que foram para os Estados Unidos são: Tahia Carioca, Samia Gamal, Naíma Akef, Fifi Abdo.

No Egito as bailarinas não querem mais ser chamadas de novas *almehs*. Acham antigo. Querem ser chamadas de *Rack Kassa*.

Segundo Shockry Mohamed⁵⁸, a música árabe mudou muito e a dança teve que mudar também. Ficou mais estridente, forte, rápida e as bailarinas não podem fazer nada sem combinar com os músicos tendo que mudar sua dança também. Por essa razão, a dança perdeu sua naturalidade, vida, espontaneidade. Ficou presa à uma série de movimentos previamente calculados com detalhe.

Algumas bailarinas fazem acordos com os músicos para que se estabeleçam um meio termo fazendo o início e o final do *show* combinado e a parte central deixando à livre disposição da bailarina. Nessa parte ela pode demonstrar suas habilidades combinando sinais de troca de ritmo com os músicos na hora que quiser.

Outras bailarinas continuam dançando da maneira tradicional mas só alcançam a fama as que se adaptaram a fazer espetáculos como foi dito anteriormente, em que participam um grande número de bailarinas. Aqui não

⁵⁸ La Danza Mágica del Vientre, p. 124 (tradução da autora)

há espaço para improvisações e todos os movimentos são ensaiados e combinados previamente.

Shokry⁵⁹ acredita que, mesmo que faltem muitas coisas nesses espetáculos, está se formando uma nova concepção de dança.

Mesmo assim, "a dança possui um papel de suma importância nas festas sociais da colônia árabe, porque a família é o pilar da sociedade. Em animação de bodas de casamento, batizados e aniversários, dificilmente não está presente uma dançarina e um conjunto de músicos árabes, pois são muito festivos."⁶⁰

A dança continua estando presente na vida das pessoas. As mulheres das famílias continuam dançando nessas festas e admirando e invejando, ao mesmo tempo, as bailarinas.



(BUONAVENTURA, 1950, P. 160)

Criança aprendendo a dançar em Bousaada. 1890. Fotografia. Coleção Privada.

⁵⁹ *La Danza Mágica del Vientre*, p. 125 (tradução da autora)

⁶⁰ *Dança do Ventre Dança do Coração*, p. 65

Cristina Schafer nos diz que, até hoje, nos casamentos árabes, a bailarina entra na festa na frente dos noivos. Estes se sentam em cadeiras enfeitadas simbolicamente para eles. A bailarina dança e no fim da música ela fica entre os noivos. O noivo põe a mão no ventre da bailarina e a bailarina põe a mão no ventre da noiva. Os dois unem-se no ventre da bailarina. E ela, neste momento, simboliza toda fertilidade do mundo.



*Fig. 7.4. Desfile de boda,
con danzarinas.*



(SHOKRY, 1994, p. 78)

Essa é a prova de que o simbolismo da essência da dança do ventre, dos seus primórdios, não morreu. Continua vivo e mora no fundo dos nossos corações...

*"(...) da dançarina do ventre. Ela é a própria representação do feminino em toda sua forma e força. O que acaba sendo, muitas vezes, um resgate, por tudo isto estar enterrado no interior das mulheres."*⁶¹

As roupas usadas hoje são com o ventre coberto, *bustie* bordado, muitas pedras, bordados, cristais, paetês.

Hoje continuam existindo as Lusta Calima e, principalmente, os Moutay Ou Bati. Cada vez se desenvolvem mais. Dificilmente se contrata uma bailarina diretamente com ela. Ela tem um empresário. Isso é o Moutay Ou Bati.

⁶¹ Dança do Ventre Dança do Coração, p. 127

Vamos acompanhar um pouquinho do que foi feito pelas grandes bailarinas nos últimos anos em relação à dança, segundo Cristina Schafer.

Em 1980, Fifi Abdo e Rackia Rasan foram pesquisar a dança *baladi* para recuperá-la e não deixá-la se perder pois só estava se dançando para turistas e para ganhar dinheiro.

Em 1994, Fifi Abdo fez um espetáculo para homenagear as grandes almehs Zouba el Klobaiyya, Nazla al Radel, Naima Samaka.

Segundo Meirit Aton⁶², *"O teatro tornou-se uma interpretação de um texto perdendo muitas vezes seu caráter antigo vinculado à dança e ao canto. A pintura tornou-se algo visual, um pouco distante de um sentido social. A dança desatou-se do teatro, da música e das raízes primordiais. A sociedade gira em torno da escrita, da fala. Vivemos em uma época onde tudo deve facilitar o nosso dia a dia, para que não percamos tempo."*

Muito mudou em relação à maneira como a dança era e é vista hoje nos países árabes, em relação à vestimenta, aos ritmos e à música, ao estilo da dança. Tomara que tenha dado para vocês perceberem e sentirem essas mudanças.

Eu concordo com Shokry quando ele diz que está se criando uma nova concepção de dança. Acho que é isso mesmo mas, como me disseram algumas bailarinas nas entrevistas, temos que tomar cuidado pois a essência da dança do ventre não pode se perder. Não é querer que ela volte a ser uma dança sagrada, é recuperar, guardar e transmitir aos nossos telespectadores a beleza do que é ter sido uma dança sagrada, ritualística e o poder que essa energia tem quando as pessoas captam essa beleza.

Isso se mostra presente nos casamentos árabes, como foi dito logo acima.

Como diz Gláucia La Regina⁶³, *"Não existe certo ou errado, existe uma técnica que pode ser e é utilizada de modo particular pelas bailarinas, que colocam o seu "jeito" e sua interpretação. Mas tudo isso dentro da dança do ventre, com passos e movimentos característicos dessa dança. E é aqui que entra o quibe com pimentão e azeite-de-dendê."*

Quibe com pimentão e azeite-de-dendê não é quibe. É carne moída com trigo e pimentão, temperada com azeite-de-dendê!!! O quibe perdeu sua essência, deixa de ser um prato da cozinha árabe e

⁶² Dança do Ventre Dança do Coração, p.46

⁶³ Dança do Ventre, uma arte milenar, p.77 e 78

torna-se outra coisa quando ingredientes estranhos à receita foram adicionados a ele sem critério.

Com a dança acontece o mesmo. Ninguém imagina uma bailarina clássica, nas pontas, executando passos de samba... do mesmo modo não imaginamos uma passista de escola de samba dançando passos de balé clássico com suas sandálias de plataforma... É também inviável misturar tango com valsa, bolero com pagode e assim por diante.

Com a dança do ventre, não poderia ser diferente.

Se acrescentarmos passos de outras danças, não teremos mais dança do ventre, ela perde sua essência, (...)."

A história de algumas bailarinas estrangeiras...

Meirit Aton⁶⁴ nos fala um pouco e Shokry Mohamed⁶⁵ também.

Badia Massabni era libanesa e mudou-se para o Egito para dirigir o Cassino Ópera no qual dançaram grandes bailarinas como Taheya Carioca, Naima Akef e Samia Gamal. Para essas bailarinas o cassino foi uma grande escola. Badia fazia apresentação à vezes com mais de dez bailarinas e essa foi a imagem que ficou desse local. Atualmente seu cassino se tornou um hotel, o Sheraton, e existe uma ponte que atravessa o Nilo ali próximo com seu nome em homenagem. Conta-se, no Egito, que em uma certa altura Badia não conseguiu manter seu cassino, devido aos impostos, e deixou-o dessa maneira para Beba Azzeiddin fugindo para o Líbano com passaporte falso. Não se tem nenhum registro cinematográfico dela que morreu em 1975 em Beirute.

Taheya Carioca nasceu no Egito em fevereiro de 1921 e morreu no mesmo país, em Cairo, em setembro de 1999 de infarto. Recebeu seu nome artístico nos anos trinta. Juntou-se à companhia de dança de Badia Massabni e ali conheceu Siliman Nageeb que a ajudou no seu aprendizado. Sua dança era caracterizada por extrema delicadeza e movimentações pequenas. Atuou como atriz em vários filmes e programas de televisão, por volta de trezentos. Por voltados anos 70 ela se tornou muçulmana. Abandonou a dança em 1963, foi para um centro no Cairo, alugou um quarto e formou um grupo de teatro. Sua primeira peça foi com Shafia la Copta. Casou-se quatorze vezes. Ela ficou conhecida como carioca por suas habilidades dentro do samba. Foi uma das bailarinas que mais êxitos teve no Egito; se

⁶⁴ Dança do Ventre Dança do Coração, p. 75 à 95

⁶⁵ La Danza Mágica del Vientre, p.116 à 121 (tradução da autora)

dizia que ela tinha metade de sua inteligência nos pés e a outra metade na cintura.



Fig. 11.3. Tabía Carioca fue una de las mejores bailarinas egipcias.

(SHOKRY, 1994, p. 119)

Shafia la Copta Participou da primeira feira Internacional em Paris em 1971 e ficou classificada em primeiro lugar. Sua dança era delicada e leve e sua personalidade era doce. Tentou sempre ajudar os necessitados mas acabou ela na miséria.

Naima Akef nasceu no egito e veio de uma família circense. Era prima do coreógrafo Ibrahim Akef. Atuou em mais ou menos trinta filmes. Sua dança teve origem nas atuações acrobáticas sobre os cavalos e foi seu pai que percebeu seu talento e a incentivou a seguir a carreira artística na dança. Morreu aos sessenta anos.

Samia Gamial nasceu em 1924 em uma pequena aldeia egípcia. Mudou-se com a família para as vizinhanças do mercado Khan el Khalili e foi trabalhar com Badia Massabni. Foi ela que lhe colocou esse nome pois seu original era Zainab. Como protagonista participou de 84 filmes. Em sua

primeira apresentação esqueceu a coreografia no meio e saiu correndo do palco causando uma grande insatisfação do público mas seu coreógrafo obrigou-a a voltar e ela entrou no palco, tirou os sapatos e começou a dançar improvisando. Ela ficou conhecida como a "bailarina dos pés descalços" e o público adorou sua performance. Seu estilo de dança era clássico e marcante e ela foi responsável por levar a dança do ventre para Hollywood e a Europa. Ela fugiu para o exterior por causa das perseguições da imprensa que atrapalharam seu romance com Farid el Atrash, músico do cassino de Badia Massabni. No exterior fez muito sucesso como bailarina e ganhou muito espaço. Casou-se nos Estados Unidos e quando separou-se resolveu voltar para o Cairo. À partir de 1984 se afasta dos palcos e recusa-se a realizar qualquer trabalho. Morreu em 1994 no Cairo.



(Buonaventura, 1950, p.148)

Samia Gamal com Farid Al Atrache. 1930. Fotografia de cena de filme. Coleção Arabesque, New York.

Nagwa Fouad nasceu em 1942. Aos 15 anos já não estava mais em sua casa e trabalhava como telefonista na Orabi, uma agência de cinema que lançava grandes estrelas. Sonhava em dança no Cairo e aos 16 anos alugou um traje e começou a dançar para turistas numa barraca no Saara. Alguns meses depois atuou no Nightclub de Mohamed Abd el Nadie. Nesta época foi detida pela polícia por ser menor de idade mas conseguiu convencê-los de alterar sua idade para continuar dançando. Após sua liberação atuou no

Abdeen Casino onde conheceu Ahmed Fouad Hassan (produtor) que a convenceu a dançar ao vivo uma das músicas mais prestigiadas da época. Nagwa casou-se com ele mas separou-se 6 anos depois. Em 1976 o compositor Mohamed Abdel Wahab escreveu uma música especialmente para ela onde Nagwa diz ter podido combinar a dramaticidade de Taheya Carioca e as acrobacias de Naima Akef. Foi seu primeiro sucesso responsável por seu reconhecimento. Após ele, foi obrigada a criar uma coreografia nova a cada três meses. Foi a pioneira a incorporar elementos originais e sofisticados dando a dança do ventre um teor muito mais adaptável ao ocidente. Assim, apresentou-se na Europa, América do Norte e Ásia e participou de vários filmes cinematográficos. Fundou uma escola de dança oriental em Nova York. Recentemente quis interromper a carreira mas não conseguiu por causa dos inúmeros pedidos alegando que ela é insubstituível.

Fifi Abdou tem, hoje, uns cinquenta e poucos anos e é uma das mais famosas bailarinas egípcias pagando um dos mais altos impostos. Ela diz não ter rivais pois, para ela, uma moça que balança os quadris não significa que é bailarina. Ajuda aproximadamente trinta famílias carentes mesmo os islâmicos dizendo que seu dinheiro é sujo e ilegal. Ela contesta dizendo que esse dinheiro é bonito pois existe graças ao seu árduo trabalho. Com certeza ela causa inveja à qualquer bailarina com seu *shimie* de quadril. Tem uma personalidade rebelde.



(Buonaventura, 1950, p. 156)

Fifi Abdou. 1980. Fotografia. Coleção Arabesque. New York

Nadia Gamal tem origem grega. Nasceu em 1937 e morreu em 1990 de câncer. Foi responsável pelo surgimento da primeira escola de dança do ventre em Beirute. Sua dança era sofisticada e parecia reunir muitos estilos que davam força à sua identidade. Nadia possuía uma dramaticidade que combinava perfeitamente com performances de dança e teatro. Chegou a trabalhar com o derbakista Setrak. Esteve duas vezes nos Estados Unidos ministrando cursos.

Mona Saidi é descendente de africanos. Muito simples sempre esteve dividida entre Londres e Cairo. Trabalha muito com músicas clássicas e com flautas.

Souhair Zaki significa "estrela inteligente". Muito delicada sofreu fortes influências de Taheya Carioca que serviu de inspiração para o seu trabalho. O acordeon era a marca registrada de suas apresentações. O *baladi* era o auge do *show*. Atualmente ela abandonou a dança.



(Buonaventura, 1950, p. 157)

Suhair Zaki. 1980. Fotografia. Coleção Arabesque. New York.

Depois dessa retrospectiva toda, vou encerrando essa parte sobre a história da dança do ventre nos seus países de origem para iniciar uma outra...

A história da dança no Brasil...

Quando comecei a pesquisar sobre a história da dança do ventre no Brasil, todas as pessoas me diziam que ela tinha chegado ao Brasil com a Shahrazad há uns 20 anos atrás. Consegui ter acesso ao livro que ela escreveu e obter algumas informações sobre ela e essa história.

"Madeleine Iskandarian (nome artístico SHAHRAZAD), nasceu dia 1º de setembro em Bethlehem (Palestina) e criou-se em Alep (Síria) e depois foi para Beyrouth (Líbano). É descendente de armênios.

Dança desde os 4 anos de idade e aos 7 começou a dançar profissionalmente a Dança do Ventre, sem jamais ter sido ensinada. "Foi um Dom de Deus". Quando os pais se separaram, ainda criança, ela costumava ir às festas e casamentos, ela dançando e a mãe tocando bandolim. Assim ganhavam dinheiro para o seu sustento.

Aos 9 anos Shahrazad foi dançar no aniversário do Rei Abdallah, da Jordânia, e tirou o 1º lugar num concurso de Dança do Ventre. O Rei ficou tão impressionado que lhe deu muitos presentes.

Ela frequentou a Academia Jasmin Nassar Hassan, e dos 10 aos 12 anos a Academia Jorge Rainer de ballet. Sua professora Irma Zeiner não se conformava ao vê-la rebolar quando executava o "Pas de Deux". Dos 12 aos 14 anos frequentou a Academia Suhal Khadra Aburachid, na Síria. Depois mudou-se para Beyrouth onde se casou e veio para o Brasil em 1957, onde nasceram seus 2 filhos. Separou-se, e como a dança estava dentro dela, recebia mensagens nos seus sonhos que ela devia ser percursora dessa dança no Brasil e no mundo pois ela inventava movimentos maravilhosos para o corpo e a saúde da mulher. Atuou como bailarina durante 18 anos. Em 1979 começou seu trabalho de formação de bailarinas profissionais.

Apresentou-se num show do Silvio Santos que teve um grande sucesso e assim ela começou a dar entrevistas e aparecer em vários programas de TV, sempre levando ao público a arte e a cultura milenar do Antigo Egito. Os exercícios da Shahrazad são inéditos pois foram todos criados por ela.

Ela foi a pioneira aqui no Brasil a lançar métodos e lutar para que essa arte fosse valorizada e não vulgarizada."⁶⁶

Shahrazad diz ser a pessoa que começou a ensinar a dança do ventre no Brasil. Bailarinas como Fádua Chuffi e Raquel Agnello também ouviram dizer que foi a Shahrazad que começou a ensinar a dança aqui no Brasil, mas acreditam que ela chegou junto com a imigração libanesa, síria, árabe em si. Todas as mulheres dessa cultura dançam, como nós dançamos samba, portanto, quando elas aqui chegaram, trouxeram parte de sua cultura junto. Trouxeram a dança. Shahrazad foi, então, uma das primeiras a divulgar a dança como profissão.

As bailarinas Nájua e Fátima Fontes falam-me da Saamira dizendo que ela ensinava dança do ventre em São Paulo juntamente com a Shahrazad. Por e-mail consegui conversar com a filha dela, Shalimar e ela me passou algumas informações.

Saamira iniciou sua carreira artística na década de 70 como bailarina profissional de dança do ventre realizando *shows* com conjuntos ao vivo e ministrando aulas. Seu nome artístico completo é Saamira Samia. Foi uma das primeiras bailarinas do país.

Infelizmente, naquela época, havia poucas informações sobre o assunto e as bailarinas eram obrigadas a bordar suas próprias roupas e a única fonte que possuíam eram algumas poucas fitas de vídeo com apresentações de 4 ou 5 bailarinas do Oriente Médio.

A Saamira é, então, auto didata. Desde pequena sempre quis tornar-se bailarina e assistia à filmes antigos. Seus pais proibiam aulas de dança e, portanto, só começou a dançar depois de casada.

Os cursos ministrados por ela são diplomados ao final de 5 anos e assim as alunas estão prontas como professoras e bailarinas profissionais.

Saamira criou o Festival de Dança do Ventre, o Mercado Persa, o primeiro Jornal e o primeiro Desfile de Roupas de Dança do Ventre e, com certeza, abriu campo para centenas de pessoas se especializarem nesse segmento.

Meirt Aton⁶⁷ também nos conta um pouco sobre a história de Saamira. Diz que ela começou a dançar em 1978 no restaurante árabe Semíramis, em São Paulo, época em havia mais ou menos umas 10 bailarinas na cidade. Também dançou no restaurante grego Zorba, no El Chalita, no

⁶⁶ MADELEINE ISKANDARIAN, (Shahrazad Shahid Sharkey), *Resgatando a feminilidade expressão e consciência corporal pela dança do ventre*.

⁶⁷ *Dança do Ventre Dança do Coração*, p.84

Bier Maza e na casa de chá Khan el Khalili. Os *shows* eram sempre com música ao vivo pois eram para a colônia árabe.

Além de me falarem da Saamira, Fátima Fontes e Nájua me contaram sobre a história delas com a dança do ventre e descobri como se deu a trajetória da dança do ventre no Brasil depois de Shahrazad e Saamira começarem.

Nas palavras de Nájua: *"Quando eu comecei foi em uma festa em Santos. Fui com a minha professora e o grupo de ballet dançar ballet. E era um jantar árabe. Era o Tony Mozayek que estava tocando. Lá conheci a Fátima Fontes que também tinha ido com a professora de ballet dela. Tivemos que dançar dança do ventre pois as bailarinas que iam não foram. Nem sabíamos o que era mas fomos. O Tony gostou e nos chamou para continuarmos a dançar com ele. Eu nem sonhava em fazer dança do ventre. Queria fazer ballet. Achava aquilo horrível pois vi as meninas levantando a saia para o público. Tipo prostituição mesmo.*

Dois meses depois que comecei a dançar com a banda árabe, a Fátima me ligou dizendo que estavam precisando de bailarina na casa de chá que era pra eu ir lá. O Jorge nem me viu dançar, só fez umas perguntinhas e já nos contratou. E eu fui um relaxo, de jeans rasgado, aquela coisa. Mas ele não agüentava mais a bailarina que estava lá dançando. Queria outra.

Na época, tinha a Shahrazad e a Samira dando aulas de dança do ventre em São Paulo. Fui com a Fátima fazer aula com a Shahrazad mas não gostamos. Ela parecia que sabia muito mas não queria passar nada. Não ensinava o que sabia. Saímos. A Fátima descobriu a Samira e foi fazer aula com ela mas era muito longe pra mim e não pude ir.

Quando chegamos na casa de chá, conhecemos a Lulu (Sabongi) e passamos, as três, a estudar juntas a dança. Ficávamos inventando movimentos, assistindo à vídeos das colônias árabes da região. Tinha a loja do Tony que era uma loja bem pequena que tinha alguns poucos vídeos de bailarinas árabes. Fomos nós que começamos a estudar a dança do ventre, a olhar para ela como uma arte, a respeitar a dança. Esse "bum" da dança do ventre de hoje; fomos nós que começamos a fazer.

Uns dois meses depois vieram a Laila e a Danila e nós estudávamos juntas. Elas trouxeram um vídeo de uma bailarina árabe que fazia o oito maia. Foi aí que aprendemos. Nós começamos a estudar, ter técnica, nos especializarmos. Levantamos a dança do ventre como

arte, com respeito pois ela é uma dança muito linda. Não é uma dança de prostituição.

Depois veio a Chams e a Karina que já pegaram a coisa mais feita. As outras bailarinas como Gisele e Simone Bomentre, Samira, Shahrazad ficaram impressionadas com o que estávamos fazendo."

Por causa delas, Lulu, Nájuar Fátima... a dança do ventre cresceu tanto em São Paulo e em todo o Brasil e hoje é o fenômeno que é.

Todas as bailarinas entrevistadas disseram que São Paulo é o estado que mais tem dança do ventre.

Dizem isso porque as precursoras da dança do ventre no Brasil estão aqui, moram nesta cidade e começaram a desenvolver seus trabalhos na mesma. E também porque os músicos mais populares também moram em S.P.. Além disso, neste estado existe uma colônia forte, é onde tem a maior quantidade de descendentes libaneses, mais ou menos 2 milhões. Segundo Shokry Mohamed⁶⁸, a numerosa quantidade de imigrantes árabes para a América favoreceu muito a difusão da dança. Por causa deles, começou-se a publicar revistas especializadas e abrir escolas e estabelecimentos comerciais onde se podem encontrar artigos necessários para a dança.

E, há muitas bailarinas clássicas interessadas que deram certo neste ritmo por ser muito parecido com o nosso.

Bom, a dança do ventre se divulgou muito por todo o país graças aos *workshops* organizados pelas grandes bailarinas que não se incomodam de viajar para longe de suas cidades para divulgar a dança, graças às aulas ministradas por elas, à internet, às revistas que têm publicado algumas coisas e à televisão que tem feito algumas reportagens e programas específicos sobre o assunto.

A história de algumas bailarinas brasileiras...

Gisele Bomentre, segundo Meirit Aton,⁶⁹ começou sua carreira no Brasil mas atuou muito no exterior. Tem formação em ballet pela escola Municipal de Bailados. É bailarina e professora de dança do ventre à 15 anos aprendendo essa arte através de vídeos. Viajou para o México em 1987 para abrir o *show* do coreógrafo egípcio Mahmoud Redha que estava em turnê pelo país. Trabalhou por oito anos no Oriente Médio e foi comparada pelos

⁶⁸ *La Danza Mágica del Vientre*, p. 134 (tradução da autora)

⁶⁹ *Dança do ventre dança do coração*, p.86

críticos e revistas especializadas do mundo árabe às grandes bailarinas da década de 60 põe possuir técnicas do ballet clássico. Entre outras grandes apresentações, foi escolhida entre outras bailarinas, para substituir a mestra Nadia Gamal, após sua morte, e estreiar no espetáculo teatral Laiáli Libnan. Também se apresentou no festival de música de Beirute na praça Achrafie para 20000 pessoas.

Nájua⁷⁰ nasceu em outubro de 1964 e é formada em Urbanismo e Arquitetura. Sua formação em dança é pela Escola Municipal de Bailados em São Paulo onde cursou jazz, moderno, flamenco... É bailarina de dança do ventre à 15 anos e professora dessa dança à 10 anos. Sabemos um pouco do seu início de carreira, como já foi contado acima, e hoje Nájua é uma grande bailarina reconhecida em todo o Brasil. Realiza *workshops* em todo o país divulgando a dança do ventre Segundo ela, "*temos que pensar numa dança do ventre em que se dá e se recebe, uma dança do ventre feliz, humilde pois ela mexe com a beleza, com a vaidade das pessoas. É uma missão levar uma dança do ventre boa!*"

Fádua Chuffi⁷¹ nasceu em fevereiro de 1971. Tem formação em ballet, dança contemporânea e cursos de dança do ventre e flamenco nos Estados Unidos e Espanha. É bailarina de dança do ventre à 11 anos e professora dessa dança à 6 anos. Começou a dançar no Brasil mas toda a sua formação foi nos Estados Unidos com Ibrahim Farrah. É descendente de libaneses e como já era bailarina antes, seu interesse pela dança do ventre foi ainda maior. Faz a divulgação da dança do ventre através de *workshops* e festas tentando trazer sempre coreógrafos e bailarinas estrangeiras para o Brasil. Tem uma preocupação grande com o crescimento da dança do ventre, Diz que: "é preciso tomar cuidado com o excesso de popularidade porque qualquer pessoa, de repente, se acha profissional, acha que pode dançar quando , na verdade se trata de uma dança que tem toda uma técnica por trás, uma expressão decorrentes de anos de estudo. Não é algo fácil, só remexer."⁷² Fádua tem uma página na *internet* para divulgar e trabalhar melhor esses temas polêmicos da dança.

Fátima Fontes tem por volta de 36 anos. Começou sua carreira juntamente com a Nájua e a Lulu, como vimos anteriormente. Dançou e deu aulas durante 15 anos na casa de chá Khan el Khalili. Saiu da casa no ano 2000 e hoje ministra suas aulas em outros dois espaços em São Paulo além de aulas particulares. Tem um trabalho muito bonito voltado para a consciência corporal acreditando que a dança mais bonita é aquela mais orgânica. É dessa maneira que trabalha. Sua dança representa bem isso

⁷⁰ Entrevista

⁷¹ Entrevista

⁷² Entrevista do jornal "Dance"

sendo muito introspectiva e perfeita em seus movimentos profundamente sentidos. Também organiza *workshops* por todo o Brasil

Lulu Sabongi⁷³ nasceu em 1966. Iniciou sua carreira em 1983 com aulas ministradas por Shahrazad em São Paulo. Conviveu intensamente com famílias árabes podendo aprender, também, diretamente na fonte da dança do ventre. Além disso, mantêm contato com bailarinas estrangeiras já tendo se apresentado em Nova York. Lá, esteve com o coreógrafo Sayed no restaurante "Nile". Dança profissionalmente na Khan el Khalili desde 1984 e em 1990 iniciou sua carreira como professora. Até hoje a casa de chá tem aulas de dança do ventre graças ao sucesso inicial de Lulu. Hoje ela é um grande nome na área divulgando a dança através de aulas, *workshops* por todo o país, e uma grande página na *internet* muito completa e bem detalhada.

Soraia Zaied⁷⁴ "iniciou seus estudos de *ballet* clássico aos 9 anos e aos 17 começou sua trajetória na dança do ventre. Tornou-se integrante do grupo folclórico "Associação Brasileira de cultura Egípcia", tendo como padrinhos de dança Lutfi e Cecy Zaied. Aprendeu tudo o que sabe sobre folclore direto da única fonte de cultura egípcia existente no Brasil. Em 1991, passou a se apresentar em festas árabes com música ao vivo e, em 1992, foi convidada pelas bailarinas Nájua e Shams a entrar para a Khan el Khalili, onde permanece até hoje como uma das estrelas da casa. Seu interesse pelo folclore levou-a a pesquisar cada vez mais e, em 1997, viajou para o Egito, tendo lá permanecido quase dois meses estudando exclusivamente o folclore egípcio. Foi a primeira dançarina no Brasil a apresentar o *meleah lef* e é conhecida por sua habilidade nessa área."

Esses são só alguns nomes da dança do ventre brasileira que fazem parte e ficaram marcados na nossa história.

A dança do ventre tem crescido muito e o que foi escrito aqui é um pouco do que pôde ser recuperado dessa história.

⁷³ KHAN EL KHALILI, O Egito e sua arte, p. 21

⁷⁴ KHAN EL KHALILI, A Arte da Dança do Ventre vol. 3, p. 3

Quais são as semelhanças e diferenças entre a dança do ventre no Brasil e nos países árabes?

Falemos um pouco das diferenças entre ambos.

O homem oriental, segundo Shokry Mohamed⁷⁵, prefere as bailarinas grossas. Não gosta de encontrar uma bailarina delicada. Além disso, prefere bailarinas com o corpo robusto, forte. Ao contrário é o espectador europeu e americano, incluindo o brasileiro. Por estarem mais próximos dos ideais estéticos ligados ao ballet, preferem as bailarinas com corpo esbelto, magras e definidas. Mas, com certeza, os movimentos da dança do ventre estão mais de acordo com um corpo, não obeso, mas digamos... "cheinho".

Como consequência disso, no Brasil, a mulher com seus 35, 40 anos já não é mais contratada para realizar *shows* pois os contratantes estão mais interessados na beleza das dançarinas do que na dança em si. Nos países árabes é somente nessa idade que as bailarinas conseguem ganhar um pouco de prestígio e respeito e, se a fama vier, será somente nessa idade. É a experiência que é exaltada, não a beleza.

Meirit Aton⁷⁶ nos fala de uma outra diferença significativa entre nós e os países árabes que é quanto à música; no Brasil a dançarina, a maioria das vezes, dança sem música ao vivo, com CD, pois faltam músicos árabes que toquem para ela. Nos países árabes acontece justamente o contrário; só se dança com grandes orquestras tocando para a bailarina dançar. Além disso, aqui, quem contrata a bailarina e, portanto, comanda o *show* geralmente é o músico. Lá, é bailarina quem contrata os músicos que são numerosos. O *show* é totalmente ensaiado e com muitas coreografias diferente do Brasil em que os *shows* são improvisados. Isso causa uma pobreza técnica e falta de sintonia entre os músicos e a dançarina. Fádua Chuffi⁷⁷ também nos fala sobre isso: "Lá, em todos os espetáculos, em todos os clubes, tem orquestra e elas tocam durante a noite várias vezes."

Segundo a bailarina Aisha⁷⁸, hoje, nos países árabes, a dança é um espetáculo festivo, a bailarina usa roupas modernas como *shorts*, mini saia, vestidos justos, as músicas são festivas e algumas danças estão em desuso como a dança da espada, taças e velas; utilizam mais bastão, véu, *snujs* e *khalige*. Em alguns lugares a dança é vista com muito preconceito e a bailarina é mau vista em virtude da religião. Outros lugares, como a Arábia

⁷⁵ *La Danza Mágica del Vientre*, p.86 (tradução da autora)

⁷⁶ *Dança do Ventre Dança do Coração*, p. 56, 66, 67

⁷⁷ Entrevista

⁷⁸ Entrevista

Saudita, ainda mais conservadora, nem permite espetáculos de dança do ventre. Nos países de origem: tem dois lados bem claros: o lado do mau e o do bem. Os árabes dividem bem isso. Aquela que dança para o bem é a clássica, e a que dança para o mau é a dos cabarés.

Quanto à quantidade de bailarinas, Gisele Bomentre⁷⁹ nos diz que hoje não tem muita dança do ventre, lá, profissional. Tem umas 50, 60 bailarinas em cada país. Aqui no Brasil têm umas 5000, 6000 bailarinas que colocam roupa e saem dançando.

Fádua Chuffi⁸⁰ também nos fala sobre a quantidade de bailarinas: *"Hoje, no Oriente Médio, você encontra pouquíssimas bailarinas que são profissionais e boas pois comparando com as antigas, hoje em dia, tá muito mais pobre o trabalho. Isso na dança do ventre. No folclore não. É ótimo."*

E continua dizendo que *"na dança do ventre você não encontra algo mais organizado; muitas escolas, professores, coreografias. São poucas as pessoas que fazem isso lá no Oriente Médio. Aqui no Ocidente, Europa, EUA, talvez até aqui no Brasil, está se levando a dança mais a sério, estudando e colocando a dança do ventre como qualquer outra dança com pesquisa, com estudo. Nós aqui estamos fazendo mais isso do que as próprias árabes, da origem. Lógico que é uma boa experiência assistir à shows, que são sempre ao vivo, mas é difícil achar. Tem que procurar. No ocidente você acha mais técnica boa, um trabalho bonito de coreografia, um trabalho mais teatral. As árabes, o que tem de interessante nelas, é que conhecem a língua e a dança é muito da cultura delas. Existe algo nessas mulheres que vem de dentro da aldeia, das casas; não são profissionais. Dançam bem pois têm a linguagem corporal e a expressão por conhecer a própria língua, o que a música está falando. Por já terem uma história, já têm aquela ginga, aquele jeito de se expressar. É isso que você aprende com elas. Mas a parte mais técnica, mais artística, mais teatral você aprende na Europa, EUA. No oriente você encontra pouca coisa. Lá no Egito tem mais músico."*

A bailarina Raquel Agnello, Amira⁸¹, nos diz a mesma coisa que Fádua sobre a maneira como os orientais e os ocidentais tratam a dança do ventre: *"Lá é bem mais comum, tradicional, do povo. Aqui é mais técnica, mais didática. As técnicas foram criadas aqui, do nosso*

⁷⁹ Entrevista

⁸⁰ Entrevista

⁸¹ Entrevista

jeito e acho que aqui é mais rico que lá pois conseguimos juntar tudo dos países todos e passar didaticamente. Lá não tem aula. As grandes bailarinas são muito reverenciadas e as de "baixo calão" dançam, dançam... se prostituem até. Elas só param de dançar quando casam com alguém rico. Aqui no Brasil, antes, era vista como uma coisa vulgar, de odalisca mesmo. Agora que as pessoas estão conhecendo, estão entendendo mais."

Nájua nos fala bastante de várias diferenças, e semelhanças também, de acordo com a história e a cultura povos em questão: *"Lógico que uma bailarina lá é mau vista. Qualquer atriz lá é mau vista. É vista como prostituta. Eles têm essa visão. A filha de um árabe nunca vai dançar. A mulher árabe jamais vai virar bailarina. Quando eles assistem a uma apresentação eles têm sempre essa visão de prostituição, mesmo que a bailarina não seja. Os árabes que não têm essa visão são os árabes que estudaram, que saíram do país, que conhecem a Europa, a América. Esses árabes entendem o lado mais artístico da dança. Mas o árabe que não sai do país dele não olha por esse lado. Hoje, aqui no Brasil, nós olhamos para uma atriz, uma bailarina, normalmente. Ainda existe um certo preconceito mas pouco. Hoje a mulher é casada e ela pode ser bailarina, atriz e tudo bem. Lá nos países árabes não. Existe aquela tradição, eles mantêm a cultura ainda daquela época. Ainda é assim. A bailarina é vista como prostituta e só quando alcança o topo é respeitada. Fica muito rica. E aí sai na televisão, em todas as revistas... existe um respeito porque ela vive de sua fama. Mas a maioria são, realmente, meninas de programa. Hoje o Líbano ainda tá mais moderno, já tem algumas bailarinas que são estudantes e querem ser atriz. Mas 90% ainda tem essa coisa. A maioria das artistas que se projetam passou por isso, filmes pornográficos e outras coisas mais para chegar na grande pessoa que é hoje.*

Existe uma grande diferença de vestimenta entre nós e as árabes. Nossa vestimenta no Brasil é parecida com as americanas. Nossas roupas são adaptadas para o americano em geral. Usamos a roupa tradicional. Lá existe a roupa tradicional mas existe muito a roupa moderna; vestidos. Por causa do islamismo. O vestido cobre mais. No Egito, quase não se usa franja. Muito pouco. Usa-se muito vestido, barrigueira... Nos outros países árabes também é assim. O que muda é o estilo de música; o Egito tem um, que é o mais famoso. O Egito é a escola mesmo. O Líbano tem outro. A Turquia não é um país árabe mas

tem bastante dança do ventre. É diferente. Lá as bailarinas são bem assim... As roupas são bem chamativas, abertas, bem sensuais e sexuais. A música é outra. A dança do ventre, em cada região do mundo, se adapta ao seu povo. Aqui, no ocidente, usamos o tradicional mais hollywoodiano. O ocidente fantasia. Agente trabalha em cima dos sonho, de fantasia. Às vezes joga o tradicional em cima desse sonho, dessa fantasia. Às vezes joga o tradicional na original. Mas o brasileiro não gosta muito do tradicional da origem. Quando agente vai buscar a origem mesmo da dança, o brasileiro fala: - "Nossa, isso é dança do ventre?" Estranha a roupa, o próprio estilo da dança, que é mais repetitivo porque o oriental é assim; mais em cima do sentir, do ritual. Mais emoção. O ocidental é mais material, mais técnico. Ele enjoe muito rápido. Aqui tudo muda muito rápido."

Essas informações foram obtidas através das entrevistas feitas com essas bailarinas citadas. Pudemos constatar algumas diferenças bem claras quanto à vestimenta, como nos falou claramente Nájua, quanto à maneira de expressar a música, quanto à profissionalização da dança, quanto a maneira como se vê a dança. Enfim, são muitas diferenças. Vejo como semelhança o que já venho falando a algum tempo que é a essência da dança. Por mais que muitos fatores tenham mudado dança do ventre, tanto aqui como lá ela continua-se tentando manter esse caráter.

Algumas danças que se incorporaram e hoje fazem parte de qualquer aprendizado e apresentação de dança do ventre.

Segundo Fairuza e Yasmin⁸², essas são danças folclóricas que foram incorporadas à cultura da dança do ventre.

Dança do Candelabro

"... Os candelabros egípcios eram, na maioria das vezes, feitos de bronze mas também eram comuns os candelabros de barro, feitos para dança ritualística dos recém-nascidos, realizadas mais precisamente, no sétimo dia do nascimento.

Atualmente, esta dança é executada em festas, aberturas de performances e principalmente em casamentos árabes. O candelabro original é de sete velas (mas é muito comum haver candelabros de 9, 12, e até de 14 velas) e, à medida que a dança é executada, as velas vão queimando os karmas da bailarina.

⁸² Curso Prático de Dança do Ventre, p. 77 à p. 98

Em shows feitos em casamentos, entram em cena sete bailarinas, com um candelabro de sete velas cada um. Enquanto elas executam a dança, os noivos vão apagando as velas, simbolizando, por cada vela apagada, sete anos de sorte, fartura e felicidade na nova união.

Por ser uma dança sagrada, é sempre feita de ventre coberto e às vezes, com shador"

Shokry Mohamed⁸³ também nos fala da dança do candelabro dizendo que está relacionada aos recém nascidos. Ela tem uma relação forte com as comemorações mais felizes, o nascimento, o casamento, e precede ambas as festas com uma comitiva muitas vezes acompanhada de derbaques e cantores profissionais.

Cristina Schafer fala que o candelabro tem a simbologia da luz, por isso a dança com ele é dançada nas ocasiões que simbolizam vida, e a vida nova. Luz (dar a luz quer dizer nascimento).

Samsara e Amira⁸⁴ dizem ser uma crença que, ao dançar com as velas, a bailarina se purifica e purifica o ambiente.

Já Sueli Lys⁸⁵ diz que essa dança teve sua origem no deserto, quando Moisés retirou o povo judeu do Egito. Nas noites que passaram no deserto, depois de longas caminhadas durante o dia, o povo se reunia ao redor de fogueiras e as bailarinas surgiam misteriosas, vestidas de dourado, com um candelabro na cabeça, trazendo luz e alegria para o povo que celebrava a liberdade do cativo egípcio. Diz que, hoje, as bailarinas podem tanto dançar com o candelabro como com tacinhas com velas dentro nas mãos.

Dança do Jarro ou do Rio Nilo

"Esta é uma dança que retrata uma passagem do povo da região em questão, seus costumes e hábitos. Os jarros são feitos de barro e, com o passar do tempo, era comum vê-los em bronze.

*As aguadeiras do deserto saiam de suas tendas, caminhavam até a fonte natural, enchiam seus jarros de água (esta, no deserto, tão rara!!!), banhavam-se e voltavam para as tendas. Estas "mulheres do deserto" eram de uma simplicidade singular. Possuíam o corpo totalmente coberto, inclusive véus na cabeça e no rosto (shadôr)."*⁸⁶

⁸³ *La danza Mágica del Vientre*, p.69 (tradução da autora)

⁸⁴ Apostila de dança do ventre, p. 6

⁸⁵ *Dança do Ventre descobrindo sua deusa interior*, p.104

⁸⁶ FAIRUZA E YASMIN, *Curso Prático de Dança do Ventre*, p. 82

Fádua Chuffi também nos diz isso: "*O jarro, da Tunísia, Líbano, Egito, representa a mulher estar trazendo água do rio para casa equilibrando-o na cabeça. Isso, realmente, vem dessa tradição.*"

Dança da Espada

"Reflete toda a alma de luta do povo árabe, sua disputa e dedicação pela terra amada.

*Uma das prováveis origens dessa dança diz que quando os grandes guerreiros e guardiões chegavam da luta, na maior parte das vezes vencedores, as escravas pegavam as suas espadas, colocavam na cabeça e dançavam como se estas fossem o troféu da vitória conquistada...*⁸⁷

A revista da casa de chá⁸⁸ fala que hoje a espada é usada somente como equilíbrio mas que começou a ser usada pela escravas egípcias, que eram vendidas para as cortes ou para os ricos, para demonstrar sua destreza e independência usando a espada delicadamente equilibrada na cabeça expressando sua liberdade de espírito.

Fádua Chuffi⁸⁹ nos fala que tem dois tipos de dança com a espada: uma é na dança beduína (povo árabe guerreiro), usada nas mãos como que numa luta, na Síria, Líbano, Jordânia; outro tipo é na dança do ventre. Foi incorporada como equilíbrio nas civilizações antigas como Egito. Não existe nada sobre usá-la como equilíbrio. Shokri acha que isso veio da Idade Média no auge da época de ouro dos árabes e nos grandes castelos as bailarinas devem ter pegado as espadas dos reis para entreter as pessoas das grandes festas.

Nájua⁹⁰ nos fala sobre a espada dizendo que o árabe não a reconhece como dança. "As bailarinas não levavam muito a sério. Pegavam a espada do homem e dançavam. O ocidente gosta mais dela."

⁸⁷ FAIRUZA E YASMIN, *Curso Prático de Dança do Ventre*, p. 84

⁸⁸ KHAN EL KHALILI, *A Arte da Dança do Ventre*, p.4

⁸⁹ Entrevista

⁹⁰ Entrevista



(Shokry, 1998, p.31)

Pintura de Gérôme. Bailarina com duas espadas.

Dança dos Sete Véus

"É uma dança enigmática, sagrada. É uma ritual em homenagem à deusa Ísis no qual as sacerdotisas representavam a sabedoria existente dentro de cada mulher.

Simbolizava os sete chakras do corpo sagrado da bailarina semideusa. Esta, por sua vez, porta grande iluminação, ascensão espiritual e habilidade extrema para tocar e trabalhar com os sete véus.

(...) as cores dos véus e os locais onde colocá-los devem obedecer respectivamente esta ordem:

- Branco ou dourado ou prateado, no quadril, atrás;
- Azul, na lateral direita do quadril;
- Lilás, na lateral esquerda do quadril;
- Amarelo, na parte frontal do bustier;
- Verde na parte de trás do bustier;
- Laranja, como shadô; e
- Vermelho como véu de entrada.⁹¹

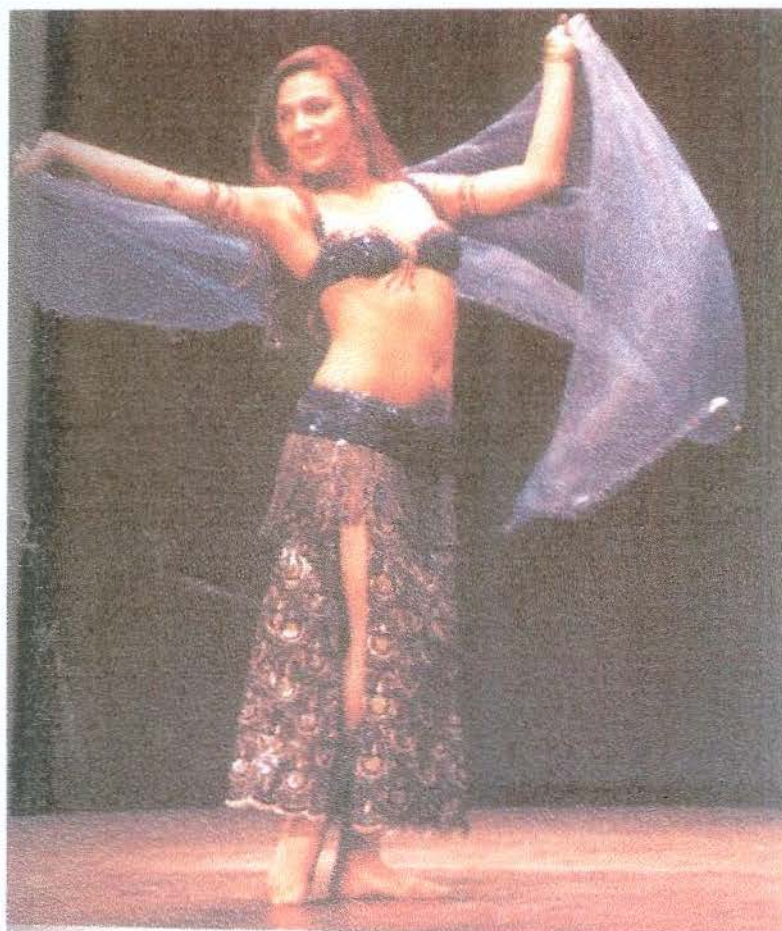
A revista "Cantares" trouxe uma outra maneira de ver a dança dos sete véus.

"A dança dos Sete Véus é um dos rituais mais famosos, belos e misteriosos ritos primitivos que era praticada pelas sacerdotisas dentro dos templos da deusa egípcia Ísis. Cada um de seus véus corresponde a um grau de iniciação e revelam os sete degraus de ascensão espiritual. A retirada de

⁹¹ FAIRUZA E YASMIN, Curso Prático de Dança do Ventre, p. 86

cada um dos véus, presos ao corpo da dançarina, representa a dissolução dos aspectos mais nefastos e a exaltação das qualidades pessoais.

- *Véu vermelho: está associado a Marte, sua retirada significa a vitória do amor e da confiança sobre a agressividade e a paixão*
- *Véu laranja: representa Júpiter, que dissolve o impulso dominador e dá vazão ao sentimento de proteção e ajuda ao próximo.*
- *Véu amarelo: está ligado à cor do sol, que elimina o orgulho e a vaidade excessiva, trazendo confiança, esperança e alegria.*
- *Véu verde: vale para Mercúrio, que mostra a divisão e a indecisão sendo vencidas pelo equilíbrio entre os opostos.*
- *Véu azul claro: é Vênus o qual revela que a dificuldade de expressão foi superada, em prol do bom relacionamento com os entes queridos.*
- *Véu lilás: é o que representa Saturno, mostra a dissolução do excesso de rigor e seriedade, a conquista da consciência plena e o desenvolvimento da percepção sutil.*
- *Véu branco: está associado à Lua (a união de todas as cores), a queda do último véu mostra a imaginação transformada em pensamento criativo e pureza interior.⁹²*



⁹² Revista Cantares p. 4

(Shokry, 1998, p.49)

Eva Chacon "Nur Al Sabaad" durante a dança, Cairo, 1996

Dança do Punhal

"Possui duas origens distintas:

- *A primeira remonta uma passagem da Turquia, em que as bailarinas usavam o punhal como meio de proteção.*
- *Segunda origem é cigana. Dançava-se com o punhal circundando o fogo e purificando o ambiente.*⁹³

Cristina Schafer diz que a dança do punhal é somente e essencialmente masculina. É um instrumento do mau, para matar por trás, sorrateiramente. Diz que não existe a dança do punhal feminina.

Segundo Fádua Chuffi,⁹⁴ "o punhal é uma dança feita pelos homens pois representa a guerra. Os homens usam sim."

Dança do Bastão ou Bengala

"Sendo uma das danças mais alegres, fortes e enigmáticas, a Dança do Bastão, como é normalmente chamada, remonta uma passagem antiga de países como Egito, Marrocos, etc.

Em regiões interioranas, os pastores tangiam rebanhos com cajados de madeira nas mãos. Por muitas vezes, ao anoitecer, acendiam-se fogueiras (fogueiras como símbolo de iluminação e clareza da escuridão, pois se lembre, não existia luz elétrica naquele tempo!!!) e, acabavam se reunindo com os parentes, esposas e filhas. As mulheres, como forma de "representação" destes pastores, começavam a dançar com os cajados de madeira nas mãos.

A dança do bastão possui características singulares:

- *A sua dança é mais marcada e mais rítmica*
- *São utilizados batidas e tremidos de quadril*
- *Ela é feita de vestidos, ou seja, uma roupa mais fechada e, originalmente com cinturões e testeiras de moeda.*
- *Não é qualquer música que pode ser dançada; a música é típica para essa dança, no ritmo egípcio chamado Saaidi.*⁹⁵

⁹³ FAIRUZA E YASMIN, Curso Prático de Dança do Ventre, p.92

⁹⁴ Entrevista

⁹⁵ FAIRUZA E YASMIN, Curso Prático de Dança do Ventre, p. 94

Segundo Sansara e Amira⁹⁶ essa dança com o bastão era, originalmente, masculina simbolizando a bravura e a virilidade masculina como que numa luta entre os participantes. A mulher egípcia pegou o cajado do homem para demonstrar sua graça e habilidade de maneira a igualar-se à ele mas com muita meiguice.

Cristina Schafer também fala isso e acrescenta que o original dessa dança é o bastão, o cabo de vassoura, usado pelos homens e, portanto, pesado e grosso. Hoje dançamos com a bengala muitas vezes, uma criação européia, simbolizando a mesma coisa que o bastão, mas ela não é original.

Fádua Chuffi⁹⁷ nos diz que o objeto mais usado é o bastão que veio do folclore. Toda bailarina deve saber usar e ter em sua apresentação. Veio de uma dança masculina que era uma arte marcial feita, uma luta de exibicionismo, de mostrar quem era o mais forte.

Nájua⁹⁸ nos fala, também, sobre o bastão. Diz que ele vem do Egito. *"Um homem dava um bastão para uma bailarina quando achava que ela dançava bem e ela ficava lá fazendo charme."*



⁹⁶ Apostila de dança do ventre, p. 7

⁹⁷ Entrevista

⁹⁸ Entrevista

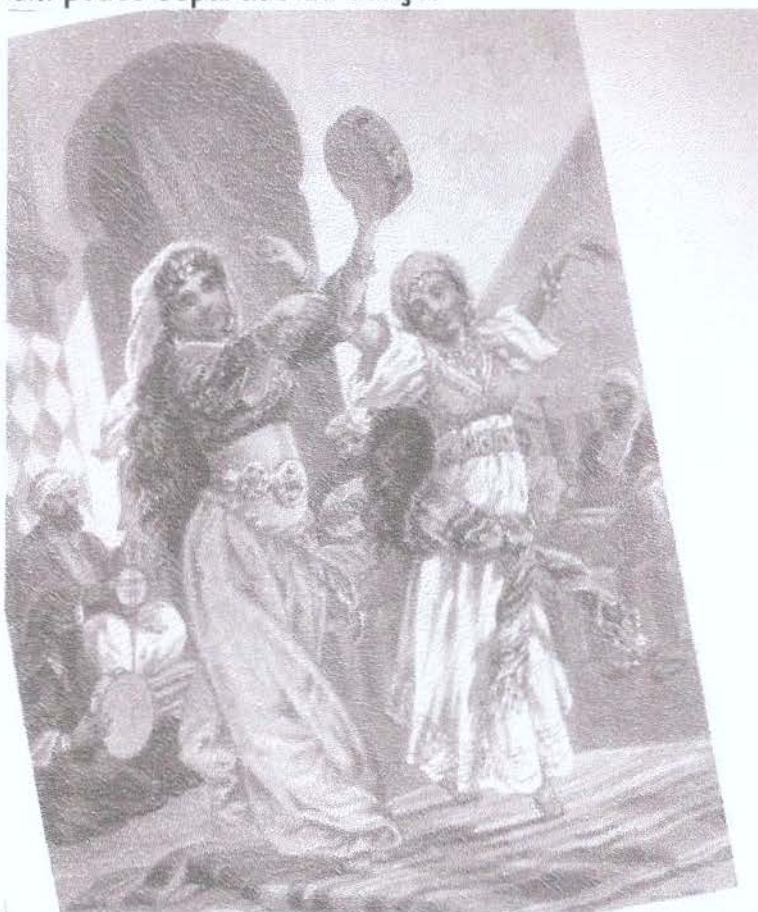
(Shocky, 1998, p. 49)

Eva Chacón dançando a dança do Bastão

Dança do Pandeiro

*"A dança do pandeiro é uma dança alegre, que também remonta uma passagem histórica do povo árabe. Representa a época da colheita farta de frutas. Esta fartura transmite um sentimento de alegria e de romantismo para o povo."*⁹⁹

Fádua Chuffi nos fala que o pandeiro até se vê nas apresentações antigas, bailarinas tocando pandeiro. Mostra que as mulheres também tocam percussão. É um pouco separado da dança.



(Buonaventura, 1950, p. 125)

Imagens de bailarinas. Pinturas Orientalistas. 1910. Cartões Postais. Coleção Privada.

Dança Khalige

"Provinda da região do Golfo Pérsico,..."

⁹⁹ FAIRUZA E YASMIN, *Curso Prático de Dança do Ventre*, p. 96

... Este tipo de dança é muito comum em casamentos ou "festas femininas" que os antecedem.

"A bailarina Khalige": o vestuário desta bailarina é simplesmente riquíssimo. Ela usa anéis, colares, brincos, gargantilhas, shadôs, luvas, enfim, uma infinidade de adereços feitos de ouro e pedras preciosas. O vestido e a capa são bordados com fios de ouro. Antes de entrar em cena, as bailarinas se perfumam com incensos e até entram com incensários para dançar. Os cabelos são super valorizados e bem tratados e a pintura nos olhos é extremamente forte."¹⁰⁰

Segundo Sansara e Amira¹⁰¹, Khaleege significa "golfo". É uma dança do Golfo Pérsico. Dançada com o ritmo específico "Saudi" e a roupa típica "Tope al nash'ar", uma túnica, um vestido bordado em cima da sua roupa normal. É uma dança tradicional feminina dançada em festas e casamentos.

Dança da Serpente

Segundo Sansara e Amira¹⁰², essa dança originou-se na antiguidade. Quase todos os povos primitivos a executavam em volta das fogueiras e no abrigo das grutas. Vestidos com peles enormes de cobras ondulavam seu corpo. O objetivo era estimular a energia Kundalini situada no final da coluna vertebral. Acreditavam que essa energia trazia benefícios para a percepção espiritual e clarividência.

Existe registro em pinturas de bailarinas dançando com serpentes envolvidas em seu corpo. Nos dias atuais, a popularização da dança com a serpente vem dos Estados Unidos.

Segundo Fadia Chuffi¹⁰³: *"A serpente, nunca vi lá mulheres trabalhando com ela. Tem os encantadores de serpente mas a dança... é algo mais Hollywoodiano, uma visão mais ocidental do oriente."*

Dança com os snujs

São 4 pratinhos de metal usados nos dedos que acompanham o ritmo das músicas. Dizem que quando tocados espantam os maus espíritos. São bastante utilizados nos dias de hoje por todas as bailarinas.

Fadia Chuffi¹⁰⁴ nos diz que os *snujs* são mais usados pelas *gawasis*, ciganas egípcias, mais popularmente e para folclore e menos para música clássica.

¹⁰⁰ FAIRUZA E YASMIN, *Curso Prático de Dança do Ventre*, p. 98

¹⁰¹ Apostila de dança do ventre, p.8

¹⁰² Apostila de dança do ventre, p.9

¹⁰³ Entrevista

¹⁰⁴ Entrevista

Nájua¹⁰⁵ nos fala sobre os *snujs*. Diz que são da época dos faraós para espantar os maus espíritos em velórios... Quando morria alguém importante.

Melea laf

Segundo Samsara e Amira¹⁰⁶, é a "dança do lenço enrolado". Dança egípcia dançada pelas meninas do subúrbio do Cairo. Nesta dança a bailarina é extremamente charmosa, carismática e exagera nos gestos, que são típicos das mulheres baladi do Egito. É normal que você veja uma bailarina representando essa personagem entrar em cena mascando chicletes e falando no meio da dança. As mulheres se envolvem em lenços pretos bordados ou não.

A revista da casa de chá¹⁰⁷ nos diz que "a *milaya* é um tipo de véu oriental que ganhou popularidade no Egito nas décadas de 30 e 40. Seu maior atrativo era que, apesar de esconder o corpo, por ser escuro e pesado era ao mesmo tempo revelador, pois o tecido era enrolado bem apertado ao redor do corpo. (...) Ela tornou-se um item muito popular na moda egípcia.

Um acompanhamento tradicional desse traje é a *borrka*, um véu tricotado para o rosto, com amplos buracos que acrescentam mistério ao rosto, em vez de cobrir, no sentido tradicional do Islã.

Apesar de dançar profissionalmente não ser considerado "certo", as mulheres encontraram uma maneira de realçar suas danças nas ocasiões festivas e comemorações. Começavam a dançar lentamente com a *milaya lef*, usando o gesto de se enrolar como parte da dança. O véu enrolado apertado e justo ao corpo mostrava as curvas do quadril e da cintura. Assim o véu era usado para criar um tipo de dança provocante, ainda que totalmente coberta. O progressivo enrolar e desenrolar do *xale*, jogando-o ora nos braços, ora nos ombros, se tornou a base para uma dança folclórica da Alexandria, que fala da vida dos pescadores. Antes dos homens irem para o mar, as mulheres dançavam de brincadeira no cais - uma dança na qual elas batiam os saltos dos tamancos juntos, andavam rebolando os quadris de forma provocante, laçando os pescadores de forma provocante. (...) A dança com *milaya* representa a dança misteriosa mais usada para o flerte."

Segundo Gisele Bomentre¹⁰⁸, "nenhum dos aparelhos teve algum significado inicialmente, dos que damos hoje, mas através de estudos paralelos fomos dando. As outras são folclóricas (pandeiro, *khalige*), espada e candelabro são mais acrobacias.

¹⁰⁵ Entrevista

¹⁰⁶ Apostila de dança do ventre, p. 9

¹⁰⁷ KHAN EL KHALILI, A arte da dança do ventre, p. 5

¹⁰⁸ Entrevista

O que é ser bailarina?

"Usar "aquela" roupa linda, maravilhosa e sedutora que pesa, pica, arranha e nos machuca, com um lindo sorriso angelical e sedutor, executando com graça uma "senhora" performance. Tocar o céu com nossas mãos, receber a benção da Deusa em nossas cabeças e pisar em tenebrosa realidade com nossos doloridos, machucados e maltratados pés!!!

Passar muitas vezes um dia terrivelmente cansativo e difícil mas, ao entrar em cena, ser a mais feliz das mulheres e levar esta alegria a quem nos assiste, transformando assim nossa realidade. É fazer amor apaixonado com nosso público, amar de perda paixão rostos desconhecidos de homens, mulheres, crianças por um leve momento e não pertencer a ninguém!!!

É ser humilde por trás dos bastidores, esperar sofredamente para dançar, passar por vezes sem conta por situações ridículas e inusitadas que acontecem segundos antes de entrarmos em cena, mas debaixo dos refletores e em frente às câmeras e *flashes* dos fotógrafos, ser o que o público espera de nós.

É doação, sacrifício, renúncia, entrega, mas ao mesmo tempo colher em nossas delicadas e suaves mãos, glória, sucesso, aplausos e o instante mágico e inesquecível em que nos sentimos deusas...

Transportar sempre conosco a terrível e inseparável bagagem de uma bagagem de uma dançarina, o peso e a complicação de nosso material, a eterna arrumação de nossos trajes ao fim de cada *show* mas dançar sempre sorrindo feliz e leve como uma fada...

Ser dançarina é rezar para Deus dançando, e no momento supremo da entrega, fazer parte do Universo!"¹⁰⁹

Samira (bailarina e professora - SP)

¹⁰⁹EVÂNIA E RAQUEL, *Apostila de Dança do Ventre*, p. 1

"A professora é como um copo de água transparente: todos podem ver o que há dentro do copo. Se ela dispõe de toda a sua água e não busca mais, seu copo parecerá vazio e de fato estará. Beba sempre mais e mostre sempre tudo"

Rakia Rassan

Considerações sobre o Ensino da Dança do Ventre

Nesse capítulo vamos começar apresentando o quadro temático explicado no Tratamento dos Dados do capítulo anterior. Após essa apresentação, passaremos aos comentários, opiniões, considerações e sugestões sobre o assunto de acordo com a minha vivência no ensino da Dança do Ventre.

Sintetização das Respostas	Aproximação por Categorias Temáticas
O que ensinar antes do que?	
Ouvir a música e articular todo o corpo (2). Consciência corporal (4). Assistir a vídeos. A dança do ventre pode ser dançada por todas as mulheres pois todas elas têm charme, delicadeza... é só começar a usar. Fazer isso através de vídeos, textos, poemas... Consciência do quadril e soltá-lo (2). Consciência da parte inferior do corpo, das articulações. Saber o que é a dança do ventre. Respiração. Contato com as primeiras técnicas de movimento, suas intenções e postura (2). Aprender movimentos ondulatórios e braços. Contato com ritmos, musicalidade e instrumentos musicais (2). Giros de quadril (rebolado).	1º consciência corporal e consciência sobre o que é a Dança do Ventre. 2º Contato com as primeiras técnicas de movimento. 3º Começar a introduzir os aparelhos, os folclores e os ritmos árabes

<i>Shimies</i> e tremidos. Primeiro colocar véu depois bastão e danças folclóricas (3) Batidas de quadril, básico, <i>twist</i>, encaixe e desencaixe, tronco, braços, mãos, cabeça. Movimentos circulares. Movimentos ondulatórios. Véu (3 a 4 meses). Começar a integrar todos os movimentos. Bastão, folclore, ritmos, pandeiro (5, 6 meses). <i>Snuj</i> (1 ano mais ou menos). Trabalhar o charme e a expressão desde o início.	
Como você prepara a sua aula?	
Coloca uma música e monta uma coreografia. Não prepara a aula, vê o clima das alunas e vai na hora (2). Escolhe um tema e o trabalha a aula toda. Como outra aula qualquer de dança.	Não prepara a aula; vê o clima das alunas e monta na hora. Escolhe o tema e/ou proposta da aula, trabalha os movimentos ligados ao tema, prepara uma seqüência, coreografia, improvisação.

Prepara os movimentos a serem trabalhados na aula, percebe como as alunas assimilam e, a partir daí, monta uma seqüência. Em turmas avançadas procura preparar previamente a seqüência. Escolhe a proposta para a aula, trabalha os movimentos e suas intenções e prepara uma seqüência em cima da proposta deixando sempre um momento de improvisação. De maneiras diferentes para cada nível; iniciante: trabalho de conhecimento do próprio corpo através de respiração, movimentos no chão e trabalho com os sentidos para que o corpo fique mais presente. De carona vem a técnica; intermediária: trabalho mais com a audição iniciando os <i>snujs</i> Deixando que a pessoa crie o próprio ritmo com <i>snujs</i>. Assim ela entra melhor no ritmo da música; avançada: trabalha com a prontidão, dinâmica e qualidade de movimento. O corpo deve responder exatamente ao momento; profissional: trabalha a maturidade do corpo de cada uma, as energias masculina e feminina.	
Qual é a estrutura da sua aula?	
Relaxamento para concentrar, alongamento, aquecimento e	Primeiro, relaxamento e alongamento no início da aula para

montagem de coreografia que vem da música na hora. Não faz trabalho específico com os <i>chakras</i> pois acha que a própria dança já mexe com eles. Aquecimento, alongamento, movimentos técnicos da dança, dançar para soltar-se. Lê sobre <i>chakras</i> mas não se sente a vontade para trabalhar. Alongamento, aquecimento, exercícios de tronco, bacia, braços e giros. Depois véu ou <i>snuj</i> e no fim coreografia. Não trabalha relaxamento e nem os <i>chakras</i>. Alongamento, movimentos técnicos da dança para aquecer, montagem de seqüência e alongamento no final principalmente da coluna. A própria dança trabalha os <i>chakras</i> e as energias e o relaxamento não é necessário no início da aula pois deixa as alunas meio sonolentas mas pode ser feito no final. Relaxamento para a mente da aluna tranquilizar, alongamento e algumas outras terapias, movimentos técnicos da dança e seqüências. Alongamento, relaxamento e exercícios bioenergéticos no início, movimentos técnicos da dança e suas intenções, introdução de algum aparelho ou folclore, seqüência de acordo com a proposta da aula e improvisação para se soltarem e ouvirem a música. Relaxar deitada com objetivo de se conectar e despertar o	tranqüilizar e se conectar com o corpo. Depois, movimentos técnicos da Dança do Ventre. Em seguida, introdução de algum aparelho ou folclore. Continuando, as seqüências e/ou coreografias. Quase acabando, improvisações e dançar para soltar-se. Por fim, alongar e/ou relaxar.
---	---

corpo com atenção especial para as articulações especialmente a do joelho, desenvolvimento do tema da aula como, por exemplo, movimentos sinuosos e véu, improvisação e coreografia.	
Faz algum tipo de preparo físico e indica às alunas?	
Faz balé clássico e musculação, acha muito importante e indica às alunas. Não faz preparo físico mas acha importante fazer musculação ou outra dança. Ginástica localizada, dança moderna, contemporânea, fortalecimento do abdômen e região pélvica e esteira (dá resistência para conseguir fazer <i>shows</i> longos). Indica às alunas. Faz musculação e indica às alunas alongar sempre. Faz um preparo com as alunas em aula e acha de extrema importância. Faz yoga, alongamento, natação e outras danças como dança cigana Importante ter experiência em artes cênicas, faz dança	Balé e/ou Dança Moderna. Musculação e/ou Ginástica Localizada. Outra dança. Técnicas cênicas.

moderna e yoga.	
Além das técnicas da dança do ventre o que mais você acha que uma aluna deve saber?	
Técnicas de maquiagem, de coreografia, de entrar e sair de cena, deslocar no palco (como qualquer outro profissional de dança). Sentir como é bom dançar, saber improvisar, conseguir dançar e se expressar, demonstrar seus sentimentos... curtir, sentir a música (3). Ter consciência de que a dança do ventre é uma arte. Libertar-se dos falsos invólucros que constituem o ser humano, ter ritmo, simpatia, noção do quanto pode deslocar-se para o público, sentir quando este quer ser olhado, manter altivez mesmo quando as coisas dão errado. Conseguir enxergar a dança como uma arte, como interpretação de um poema e/ou de uma figura corporal em uma pintura, e outras formas de expressão de sentimento e interpretação vindas de outras artes.	Sentir como é bom dançar, demonstrar seus sentimentos e saber improvisar. Enxergar a Dança do Ventre como uma arte. Ter ritmo, simpatia, desenvoltura no palco e com o público, saber entrar e sair de cena e manter a altivez mesmo quando as coisas dão errado. Conhecer bem o próprio corpo para poder trabalhá-lo com mais presença.

Conhecer o próprio corpo para trabalhá-lo com mais presença e conexão, entender a dança do ventre como um trabalho que vem de dentro para fora, saber ouvir a música e assimilar o ritmo interno de cada uma com o da música, conseguir responder exatamente ao momento da música, e equilibrar as energias opostas que temos dentro de nós, conseguir ser independente na sua dança e trabalhar grupo também.	
Como você acha que é melhor para as alunas aprenderem a dançar?	
Aprender os movimentos sem se deslocar, assistir à vídeos árabes para que vejam como a música é usada pelas árabes. Para quem está começando, fazer os movimentos no lugar e depois colocá-los em seqüências. Depois vem as coreografias e, quando estão mais seguras, as improvisações. Começar com movimentos ondulatórios e batidos simples. Faz jogos lúdicos quando o grupo já tem um pouco de união e amizade e trabalha sempre sensibilidade, alegria e descontração. É importante que não seja dura consigo mesma e nem que comece achando que já sabe tudo; deve estar aberta para que	Aprender os movimentos sem se deslocar, depois colocá-los em seqüências, partindo para coreografias e improvisações quando as alunas já estão mais seguras. A aluna deve estar aberta às experiências novas. A professora deve estar atenta para cercar as alunas por todos os lados e fazer de tudo para que esta compreenda o que ela quer.

possa aprender o máximo possível. Tem que entender que está aprendendo uma nova língua e a professora tem que estar atenta e cercar a aluna de todos os lados para que ela entenda e perceber que, muitas vezes, o problema pode estar na maneira como ele está explicando e não estar conseguindo passar o que quer Repetir os movimentos sem se deslocar, fazer pequenas seqüências ou coreografias para aprender a deslocar e ligar um passo ao outro, fazer improvisação em círculo ou individualmente para se soltarem e perderem a timidez.	
Faz algum trabalho específico para desenvolver a expressividade? Como?	
Pegar pelo menos o título da música, traduzi-lo e tentar fazer as alunas interpretarem a música para que possam senti-la e dançá-la. Trabalha as caras, os olhares, a expressão e a improvisação, sentir o tesão da dança, o que tem dentro de cada uma. Depois de 1 ano de dança mais ou menos, deve-se desenvolver a expressão em relação em relação à música e ao público. Interpretar as canções.	Traduzir o título da música e dança-la tentando interpretá-la. Colocar uma música e dançá-la tentando expressar o que ela diz à você. Jogos lúdicos e teatrais.

Com músicas especiais, no escuro e de olhos fechados, tentar expressar o que a música provoca. Pede para que repitam em casa. Jogos lúdicos, teatrais e respirações. Trabalho utilizando poemas para serem interpretados na dança ou figuras corporais de pinturas de mulheres. Com isso trabalha-se os sentimentos como tristeza, alegria, raiva, medo... e suas expressões. Faz improvisações e todas elas têm um tema para dançar buscando a expressão desse tema dentro de cada uma. O tema geralmente é um sentimento.	Dançar tentando interpretar um poema ou a pintura de uma mulher. Escolher um tema e tentar dançar expressando esse tema. Trabalhar a expressão. Trabalhar a improvisação. Trabalhar o prazer em dançar.
Em que se baseia para localizar uma aluna em iniciante, intermediária e avançada?	
Tem gente que já nasce com o dom. Pelos anos de dança e a técnica. Pela técnica. Iniciante: quando a aluna ainda não domina a maioria dos movimentos. Intermediária: quando a aluna domina a maioria dos	Pela técnica, pelo vocabulário corporal. Pela qualidade dos movimentos e a fluidez com que os desenvolve. Pela maneira como percebe o corpo.

movimentos mas ainda precisa de treino em ritmos e instrumentos.

Avançada: quando a aluna domina os movimentos e instrumentos e pode-se trabalhar coreografias, criatividade e características pessoais.

Pela qualidade dos movimentos que já aprendeu e fluidez com que os desenvolve.

Pela maneira como conhece e percebe seu corpo mais do que o vocabulário corporal.

Iniciante: não conhece os movimentos e suas técnicas, não tem conhecimento histórico da dança, do folclore nem dos ritmos.

Intermediária: conhece os movimentos básicos, tem pouco conhecimento histórico, sabe dançar ou já ouviu falar dos folclores e diferencia os ritmos básicos. Já sabe ouvir a música e suas nuances mas ainda tem interpretação falha dessas.

Avançada: conhece os movimentos básicos e é capaz de criar outros com esses, conhece a história da dança e dos folclores e sabe diferenciar e criar em ritmos e músicas e usar o ritmo apropriado para cada folclore, tem boa expressão.

Pela técnica e a fluidez com que a desenvolve juntamente com o conhecimento histórico da dança, dos ritmos e do folclore.

Segue alguma linha de pensamento?	
Alexander Lowen (bioenergética) e Isadora Duncan (movimentos naturais, percepção do mundo externo...). Que você respeite o corpo e saiba compartilhar e trocar com o grupo. A linha de dar luz para todo mundo. Levar para os outros uma Dança do Ventre boa, feliz, saudável e humilde sem vaidade, ciúmes. Levar a dança como algo mais elevado, espiritualizado; levar luz e alegria às pessoas fazendo com que esqueçam naquele momento o dia a dia, a rotina e as coisas ruins. Pensar na dança como algo divino, iluminado, dançar assim e transmitir isso às pessoas. Prestar atenção em cada aluna individualmente e com muito carinho pois cada uma é diferente da outra com movimentos e momentos diferentes que devem ser explorados e lapidados individualmente pois cada uma tem seu ritmo de aprendizagem. É uma dança muito individual, pessoal.	Levar alegria para as pessoas que estão assistindo; levar uma dança boa, saudável e iluminada sem ciúmes e vaidades. Respeitar o corpo e saber trocar com o grupo. Saber olhar para cada uma das alunas e trabalhar com elas com muito carinho. Levar luz para as pessoas que estão assistindo à sua dança entendendo-a como algo espiritualizado e divino.

Considerações Finais

Vamos começar lembrando que um dos objetivos desse trabalho é fazer um levantamento de como está se dando o ensino da Dança do Ventre nas cidades de São Paulo e Jundiá. Agora, após essa trajetória pelo Quadro Temático acima transcrito, podemos começar a desenvolvê-lo.

Na primeira pergunta fica bem clara a preocupação com a consciência corporal, principalmente no segmento quadril e membros inferiores. É interessante entender esse fato porque a Dança do Ventre é uma dança muito pessoal, isto é, exige da dançarina um contato com si própria intenso e profundo, mais do que acontece com outras danças, e isso deve ser transmitido e sentido pelo público

"E aí reside nosso interesse: conseguir despertar no ser humano a apreciação do "belo", sem vulgaridade".¹¹⁰

Por isso é extremamente necessária essa consciência corporal, de cada parte do corpo, cada osso, cada articulação e grupos musculares porque na Dança do Ventre mexemos partes do corpo de maneiras como nunca imaginaríamos fazê-lo. Meirit Aton diz que

"É importante trabalhar ensinar às dançarinas que essa dança trabalha com as articulações, primordialmente, e que se elas não captarem este sentido estarão prejudicando seu corpo, por não trabalharem suas alavancas de força."¹¹¹

¹¹⁰ KHAN EL KHALILI, *O Egito e sua Arte*, p. 15

¹¹¹ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre -- Dança do Coração*, p. 220

E o segmento pélvico, do quadril é, realmente, o segmento mais trabalhado e o que mais chama a atenção, por isso essa preocupação com a consciência dessa região. Teve uma bailarina que colocou como importante assistir à vídeos no início da aprendizagem; com o vídeo fica mais claro para as alunas o que é a Dança do Ventre e o que queremos dizer quando falamos tanto do sentir a música e dançar, do expressar os sentimentos mais profundos enquanto dançamos. O trabalho com vídeos deve ser desenvolvido durante toda a aprendizagem, para sempre. Essa foi uma dica que muitas bailarinas entrevistadas me deram para que eu melhorasse e aperfeiçoasse minha dança e está dando bons resultados.

Após esse trabalho inicial de consciência corporal, percebemos que todas as bailarinas-professoras entrevistadas partem para o ensino dos movimentos técnicos da dança mas percebemos, também, algumas diferenças na maneira como começam a fazê-lo pois, apesar de todas partirem para os movimentos técnicos básicos da Dança do Ventre, cada uma o faz da maneira que considera a mais adequada.

Algumas começam com os movimentos ondulatórios (em forma de ondas) e braços, partem para o contato com os ritmos e instrumentos musicais e depois vão para as danças folclóricas e os aparelhos como o véu; outras começam com movimentos redondos ou circulares (em forma de círculos), partem para os movimentos de *shimie* (batidas) e deslocamentos corporais, introduzem o véu como primeiro aparelho, depois os folclores e por último os instrumentos musicais como o *snuj*; e outras, ainda, começam com movimentos de *shimie*, partem para os movimentos circulares, depois os ondulatórios e por último integram os movimentos dos diversos segmentos do corpo. Aparece, também, a preocupação com a expressão, o charme, as intenções de cada movimento e a postura, muito importantes de serem trabalhadas desde o início. Meirit Aton¹¹² faz uma comparação de como ela acredita que deve se dar o ensino dos movimentos da Dança do Ventre com o desenvolvimento de um bebê justificando, assim, sua metodologia; diz que primeiro o bebê adquire o controle e o equilíbrio para frente e para trás (plano sagital), depois para as laterais (plano frontal) e por último os movimentos de torção do corpo (plano transversal). Portanto, segundo ela, não se deve começar ensinando movimentos laterais nem rotatórios e sim movimentos para frente e para trás, depois os laterais e por último os rotatórios.

Como aluna e professora de Dança do Ventre creio ser extremamente importante esse trabalho de consciência corporal no início das aulas. Como exemplo, juntamente com essa prática inicial, começo com os movimentos de

¹¹² Cf. *Dança do Ventre – Dança do Coração*, p. 218

segmentação corporal usados na Dança do Ventre; depois vem os *shimies*, os movimentos circulares e, por último, os ondulatórios e os quebrados (quadril para cima e para baixo). Tem dado bons resultados. Após a aprendizagem dos movimentos técnicos básicos e uma maior consciência do que significa dançar e conhecer o corpo, o véu costuma ser o primeiro aparelho que insiro pois para utilizá-lo pode-se usar músicas já conhecidas pelas alunas, isto é, não precisa ser um ritmo específico como para as folclóricas, e depende de uma desenvoltura corporal básica pois não exige equilibrá-lo (como a espada, por exemplo) ou acompanhar as batidas da música (como com um instrumento musical: snuj ou pandeiro). Depois, então, introduzo um pouco de folclore e só quando a aluna já estiver bem segura na sua dança vou colocá-la dançando com a espada, por exemplo, (equilíbrio em diversas partes do corpo), e com os instrumentos musicais pois ela terá que dançar e tocar junto com as batidas da música.

Procuro trabalhar sempre fazendo as alunas ouvirem a música e prestarem atenção no ritmo, nas batidas, para que quando comece com os instrumentos fique mais fácil de entender os toques musicais e tocar dançando. Procuro, também, sempre mostrar vídeos de bailarinas brasileiras e estrangeiras apontando as semelhanças, diferenças e detalhes de cada uma e entregar apostilas e discutir sobre a história e a cultura da Dança do Ventre pois trabalho tentando resgatar e manter a essência dessa dança.

Nas entrevistas com essas bailarinas-professoras pude perceber o quanto se preocupam com esse trabalho de conhecimento da Dança do Ventre como arte sendo indispensável para isso saber sobre a cultura, a história e o significado dessa dança para não distorcer sua essência, tanto ao dançar como ao ensinar e não "cair na onda da moda" só para ganhar dinheiro momentaneamente deturpando uma arte tão rica e tão fascinante.

Apesar dessa preocupação toda, percebemos nas respostas das bailarinas-professoras que algumas ainda vão dar aula sem prepará-la e/ou sem ter a menor idéia do que farão. Penso que todo mundo, um dia na vida já fez isso mas, por experiência própria, não dá. O curso que você ministra tem que ter uma linha a ser seguida e não dá para improvisar sempre; as aulas ficam sem sentido; como que... Vazias. Ainda bem que a maioria não faz isso. Observando as respostas vemos que, normalmente, a aula tem um tema ou uma proposta e os movimentos técnicos, as seqüências e as improvisações são pensados previamente e desenvolvidos a partir dessa proposta. Tudo está interligado. Uma das bailarinas-professoras que respondeu que não prepara suas aulas, disse que as faz por temas, por exemplo: quadril. Então trabalha só quadril durante toda aula, tudo o que achar, na hora, que as alunas estão precisando e querendo. Achei até uma idéia interessante quando não se trabalha com turmas fixas e sim com alunas que vão uma vez

ou outra e em cada aula aparece uma diferente. Isso acontece com essa bailarina-professora pois ela mantém horários para aula mas não cursos permanentes. E essa foi a maneira que encontrou por não conseguir seguir com continuidade as aulas.

Quando eu comecei a dar aulas, não tinha muito claro como prepará-las, qual planejamento seguir. Com o tempo fui definindo um caminho e percebi que não dá para esse caminho ser o mesmo para todas as turmas pois cada uma é uma, principalmente com a Dança do Ventre que é uma dança em que a pessoa precisa sentir profundamente para poder dançá-la e para conseguir isso a professora precisa ter um jeitinho todo especial de se trabalhar, isto é, precisa perceber o que cada aluna precisa em cada momento do trabalho... Às vezes é somente um toque ou um gesto ou um movimento... É sutil.

Até hoje anoto tudo o que pretendo fazer, o que deu certo e o que deu errado e porque isso aconteceu. Procuro não perder nada pois tenho um planejamento geral, de um semestre mais ou menos (pois, normalmente, acontecem festivais nos finais de semestre), e um planejamento aula por aula. A partir do que aconteceu e de como as alunas se sentiram, elaboro a próxima aula. É importante saber o que as alunas sentiram com esta ou aquela atividade, também, pois mexemos muito com os sentimentos mais profundos que existem dentro de nós e é importante que pensem sobre eles e sintam o que realmente está acontecendo com elas.

"...a Dança do Ventre...possui um contexto muito mais profundo se trabalhado de maneira personalizada e terapêutica. Como disse Amagatsu do Grupo Sankai Juku de dança Butô: "Se pegamos o tema vento, é possível associá-lo àquilo que sentimos entre o braço e o corpo, quando fazemos o movimento de alongar o braço para a direita. Olhando no espelho, como os ocidentais costumam fazer, é possível imitar o movimento dos ventos. No entanto, me interessa outra perspectiva, como se o espelho estivesse dentro do corpo. Cada um de nós tem uma força por dentro capaz de perceber o que é a sensação do vento. ... Assim, mesmo que todo um grupo realize o mesmo movimento, o gesto será diferente. Cada pessoa ao dançar deixa transparecer a pulsação interior."¹¹³

Uma coisa interessante que apareceu nas respostas foi que as estruturas de aula das professoras-bailarinas são muito parecidas entre si e estão ligadas à maneira como elas preparam suas aulas. Basicamente, a

¹¹³ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre – Dança do Coração*, p. 220-221

maioria faz um relaxamento no início da aula para "tranqüilizar a mente e se conectar com o próprio corpo"¹¹⁴. Depois é feito um alongamento e um aquecimento e, então, parte-se para os movimentos técnicos da Dança do Ventre. Vem, então, a introdução de algum aparelho ou um folclore, em seguida as seqüências com esses movimentos e aparelhos ou uma coreografia e, por fim, uma improvisação para as alunas se soltarem e dançarem além do alongamento e ou relaxamento para encerrar.

Teve uma bailarina que falou que não há necessidade de fazer o relaxamento no início da aula pois este deixa as alunas um pouco sonolentas. Meirit Aton fala que se pode usá-lo tanto no início da aula quando o objetivo for "deixar os corpos mais leves e a mente despreocupada" quanto no fim da aula quando o objetivo for "fazer com que se atinja um estado de calma, confiança e destencionamento."¹¹⁵ Acho que um relaxamento no início da aula tem que ser feito por uma pessoa que entenda bem do assunto e saiba com quais energias (basicamente os *chakras*, pontos energéticos que se localizam no eixo da nossa coluna vertebral) está mexendo pois ele pode, realmente, dar sono em vez de relaxar e se conectar com o corpo.

Particularmente, prefiro começar com o alongamento e o aquecimento e deixar o relaxamento para o final da aula para que as alunas voltem à calma e possam refletir sobre a aula e tudo o que fizeram, aprenderam e sentiram durante a mesma. É interessante que elas tenham um espaço para falar uma palavra, que seja, sobre isso. Um espaço bem individual.

Sobre a estrutura geral usada pelas bailarinas-professoras faço algo bem parecido. Somente gostaria de comentar que, numa turma de iniciantes, não tem espaço para os aparelhos, instrumentos e/ou folclore pois, primeiramente, elas têm que saber o básico da dança. Não dá para dançar de verdade com o véu, por exemplo, sem saber fazer e sentir os movimentos corporais básicos dessa dança. Então, a aula é baseada nos movimentos técnicos da dança, nas seqüências e nas improvisações e/ou jogos lúdicos.

Quanto a preparação física, a questão surgiu depois que comecei a dançar muito comecei a ter dores, na lombar principalmente. Parei para pensar na importância de se fazer um preparo físico quando alguém quer mesmo ser uma bailarina. Eu sempre fiz musculação para as pernas por causa do problema que tive no meu joelho e percebi o quanto isso estava sendo importante para minha dança. Então resolvi perguntar como as grandes bailarinas lidam com isso e pude perceber que também acham importante e fazem algum tipo de preparo físico. Normalmente é a musculação e o balé ou uma outra dança. O balé é considerado uma base para elas pois a maioria foi bailarina de balé clássico. O que achei interessante

¹¹⁴ Entrevista

¹¹⁵ MEIRIT ATON, *Dança do Ventre – Dança do Coração*, p. 219-220

foi aparecer as artes cênicas como um preparo para a Dança do Ventre. Não havia pensado nisso mas quando ouvi essa resposta achei-a da maior pertinência. Com um trabalho cênico fica muito melhor e mais fácil a expressão corporal natural na dança, uma coisa que é estritamente necessária. Fazer uma outra dança também é bom para isso. São outras energias que sentimos e expressamos que podem facilitar na nossa expressão mais profunda e sincera.

Em relação à preparação física, uma coisa interessante de se pensar é: porque precisamos fazer algum tipo de preparação física? Existem outras danças em que essa necessidade não surge. Pensamos um pouco sobre a questão e levantamos um ponto. Nos países árabes, como já foi dito, não existe a profissão de bailarina de Dança do Ventre pois são consideradas prostitutas. O ocidente é que profissionalizou essa dança criando escolas de ensino-aprendizagem, estudando e buscando resgatar sua história, cultura e essência. Por isso, no ocidente, surge essa necessidade, em algumas pessoas (não todas pois depende muito da estrutura corporal de cada uma) de um trabalho complementar, pois o trabalho é mais intenso e o estudo mais profundo, inclusive o técnico.

Além das técnicas de movimentos da Dança do Ventre e do preparo físico, uma mulher que queira dançar essa dança precisará buscar conseguir sentir como é bom dançar, demonstrar seus sentimentos e saber improvisar, ter ritmo, simpatia, desenvoltura no palco e conseguir conquistar o público com a sua arte, o seu sorriso e sua alegria demonstradas no completo conhecimento que tem do seu corpo. Deve iluminar a platéia com toda a luz que exalta dela, mostrar às pessoas que aquilo que faz é seu maior prazer e transmitir esse prazer àqueles que a assistem. Quando uma mulher conseguir fazer isso ela pode ser considerada uma bailarina. Para que isso aconteça, a aluna deve estar aberta às experiências novas propostas em aula buscando aprender o máximo que puder (fora da aula, também, buscando ler os livros já escritos, as revistas periódicas ou não que já existem nas bancas, os filmes de grandes bailarinas brasileiras e/ou estrangeiras... enfim, buscar todas as informações que puder ter acesso), e a professora deve estar atenta e cercar a aluna por todos os lados sendo clara nos seus objetivos e explicações, não achando que o problema está só na aluna quando esta não consegue executar uma atividade. Às vezes, a professora pode não estar sendo clara e/ou sensível à situação. Como disse Rakia Rassan em uma entrevista feita por Lulu Sabongi: *"Em primeiro lugar, devemos compreender que a dança não vai entrar em nosso corpo de uma só vez em uma só hora. Há de se colocar tempo e prática no seu desenvolvimento. Ir às fontes corretas para aprender, saber que o tempo é seu aliado e não seu inimigo. Se considero que já cheguei, já sei o suficiente, se paro de*

aprender, mato a mim mesma. Aprendizado é para sempre, até morrer. ... Ame a dança e a dança amará você. Uma boa bailarina deve ter um bom coração, se ela realmente amar sua dança isso aparecerá no palco. O verdadeiro artista cuida de si e se sente pequeno para sempre, sempre um aprendiz. ... quando viajo pelo mundo e as pessoas me dizem o quanto sou especial me dou conta de que não me sinto dessa forma. Sinto-me simples e uma pesquisadora e é assim que quero ser para sempre." (o grifo é nosso)¹¹⁶

Então, para despertar nas alunas essa sensibilidade no dançar, algumas coisas podem ser feitas como: traduzir o título de uma música e pedir às alunas para que dançam essa música tentando expressar o que sentem; simplesmente colocar uma música e pedir às alunas que dançam tentando expressar o que sentem; elaborar jogos lúdicos e/ ou teatrais entre as alunas fazendo com que brinquem entre si, se olhem, se toquem...; pode-se ler um poema que esteja ligado ao tema da aula ou mostrar a pintura de uma mulher e pedir para as alunas dançam tentando interpretar o poema ou a pintura; escolhe-se um tema, que pode ser um sentimento, por exemplo, e pede-se às alunas para que dançam expressando esse tema; pode-se fazer duplas e uma fica de olhos abertos e vai tocando partes do corpo da outra que está com os olhos fechados e tem que dançar com aquela parte do corpo tocada ao som de uma música. Enfim, muitas coisas podem ser feitas para despertar na aluna a mulher que existe dentro dela para que ela possa sentir-se feliz ao dançar e transmitir isso ao público que a assiste; essas são só algumas coisas já feitas. Deixe a sua imaginação se soltar para que a das suas alunas se solte também. Invente, tente... e conte para todas nós, professoras, o que deu certo. Assim poderemos nos tornar melhores e capazes de ensinar mais e de maneira melhor e mais bonita.

Bom, depois de ter falado bastante dessa sensibilidade que temos que desenvolver em nossas alunas fui tentar saber como essas bailarinas-professoras entrevistadas localizam suas alunas em turmas iniciante, intermediária ou avançada. Para minha grande surpresa, algumas me responderam que vão pela técnica somente ou prioritariamente. Ainda bem que a maioria respondeu que, além dos movimentos técnicos, presta atenção na fluidez com que eles se desenvolvem o que tem haver com a maneira como a pessoa percebe o seu corpo. E, também, o quanto a pessoa conhece sobre a história da Dança do Ventre, sobre os ritmos que a envolvem e sobre os folclores que fazem parte da cultura dessa dança.

¹¹⁶ Khan el Khalili, *A arte da dança do Ventre* n° 3, p.7

Achei muito boa essa maneira de avaliar as alunas. O tempo de aula não diz muita coisa mesmo. Muitos outros fatores devem ser analisados. Os citados acima me parecem bem sensatos.

Para finalizar os levantamentos sobre como está se dando o ensino da Dança do Ventre nas cidades de São Paulo e Jundiaí gostaria de comentar sobre a última questão. Encontrei pensamentos muito bonitos. A maioria não vem de um autor específico, como estamos acostumados a ouvir na universidade mas são pensamentos que envolvem a experiência na área e, principalmente, a sensibilidade das bailarinas-professoras entrevistadas. São pensamentos que faltam em muitas áreas, inclusive nessa, e em na sociedade em geral; Algumas falaram de levar luz e alegria às pessoas que as estão assistindo para que se sintam iluminadas com a sua dança e saiam felizes após a verem dançar. Outra falou de saber respeitar o corpo e trocar com o grupo. Outra, ainda, falou que devemos saber olhar individualmente (sic!) para cada aluna e trabalhar com elas com muito carinho.

Esses pensamentos foram todos citados durante o discorrer desse levantamento pois são essenciais para a formação do ser humano. Nós, professoras, temos a obrigação de transmitir esses sentimentos às nossas alunas para que elas possam senti-los e transmiti-los às outras pessoas também.

Espero que essa leitura tenha sido de grande valor para você, interessada em trabalhar com a Dança do Ventre ou você, interessada em saber como as coisas acontecem por aí no ensino dessa arte.

Dançando como uma Árvore

Por Osho Rajneesh

*Erga os braços e sinta-se como uma árvore num vento forte.
Dance como uma árvore na chuva e ao vento forte
Permita que sua energia se transforme numa energia dançante
Balance e mova-se com o vento, sentindo-o passar por você
Esqueça-se que tem um corpo humano - você é um árvore,
identifique-se com ela
Se possível, fique ao ar livre, entre as árvores, transforme-se
numa delas e deixe que o vento passe através de você
Sentir-se identificado com uma árvore é imensamente
fortificante e nutritivo
Entra-se facilmente na consciência primal
As árvores estão aí, fale com elas, abrace-as e de repente,
sentirá que tudo vem de volta
E se não for possível sair ao ar livre, pare no meio da sala,
visualize-se como uma árvore
E comece a dançar...¹*

Luciaurea

¹ <http://members.tripod.com/~luciaurea/>

Bibliografia

Livros

- ATON, MEIRIT. *Dança do ventre - Dança do Coração*. 1ª ed. São Paulo, Editora Espírita Radhu, 2000.
- BOOF, LEONARDO. *A águia e a galinha*. 35ª ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1997.
- BUONAVENTURA, WENDY. *Serpent of the Nile- Women and Dance in the Arab World*. 1ª ed. Brooklyn, Interlink Books, 1998.
- FAIRUZA E YASMIN, *Curso Prático de Dança do Ventre*. 1ª ed. São Paulo, W.B. Editores, 2000
- GIL, ANTÔNIO CARLOS. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo, Editora Atlas, 1991.
- LA REGINA, GLÁUCIA (MALIKA). *Dança do Ventre: uma arte milenar*. 1ª ed. São Paulo, Editora Moderna, 1998.
- LYZ, SUELI. *Dança do Ventre: descubra sua deusa interior*. 1ª ed. São Paulo, Editora Berkana, 1999.
- MOHAMED, SHOKRY. *La Danza Mágica del Vientre*. Madrid. Ediciones Mandala, 1995
- MOHAMED, SHOCKY. *La Mujer y la Danza Oriental*. Madrid. Ediciones Mandala, 1998
- PENNA, LUCY COELHO. *Dance e recrie o mundo: a força criativa do ventre*. 2ª ed. São Paulo, Editora Summus, 1993.
- QUALLS-CORBETT, NANCY. *A prostituta Sagrada: a face eterna do feminino*. 3ª ed. São Paulo, Editora Paulus, 1990, Col. Amor e Psique, Trad. Isa f. Leal Ferreira.
- SASSON, JEAN P.. *Princesa: a história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus*. 24ª ed. São Paulo, Editora Best Seller, 1998, Trad. Regina Amarante.
- SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM. *Metodologia do trabalho científico*. 20ª ed. São Paulo, Editora Cortez, 1996.

Periódicos

- O EGITO E A SUA ARTE. São Paulo. Khan el Khalili. 31ª ed. 2000.
- ÓTIMA! ESPECIAL DANÇA DO VENTRE. São Paulo. Ed. Escala. Ano I, Nº 5. 2000
- APOSTILA DE DANÇA DO VENTRE. Jundiaí. Samsara e Amira. 1ª ed. 2000.

ORIENTE, ENCANTO E MAGIA. São Paulo. Editora Cláudia Mattar. Ano III. Nº 13. Setembro/Outubro 2000.

KHAN EL KHALILI-A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo. MID produções gráficas e editora Ltda. Ano I. Nº I. 2000.

KHAN EL KHALILI-A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo. MID produções gráficas e editora Ltda. Ano I. Nº II. 2000.

KHAN EL KHALILI-A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo. MID produções gráficas e editora Ltda. Ano I. Nº III. 2000.

Jornal

CHUFFI, FÁDUA, Uma bailarina em busca do mundo. Dance, Outubro-2000, Nº 64, Ano VII, p. 9.

Anexo 1

Carta às Bailarinas

De: Profº Drº Adilson Jesus de Nascimento

Para:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MOTORA

Sabendo de vosso grande envolvimento e conhecimento sobre a Dança do Ventre, vimos, por meio desta, solicitar vossa valiosa colaboração para realização da pesquisa “Dança do Ventre: Considerações sobre sua História e seu Ensino” desenvolvida por minha orientanda, a aluna Cláudia Simões Trevisan, RA 970425, sob minha responsabilidade.

Gostaríamos de ressaltar que vossa participação será de grande importância pois contribuirá para a divulgação dessa Arte Milenar como conhecimento sério, de respeito e inédito campo de estudos que ora se faz presente nesta Universidade.

Esperando contar com vossa prestimosa participação, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Cordialmente

Orientador
Adilson Jesus de nascimento

Aluna
Cláudia Simões Trevisan

Diretor do Curso
Pedro Winterstein

Anexo 2

Ficha de Identificação

Nome:

Endereço:

Telefone para contato:

E-mail:

Nacionalidade:

Naturalidade:

Data de Nascimento:

Qual a sua formação escolar?

E a sua formação em dança?

Há quantos tempo é bailarina de Dança do Ventre?

Há quanto tempo é professora de Dança do Ventre?

Por que procurou a Dança do Ventre?

Onde começou a dançar?

Quem foram as suas professoras?

Anexo 3

Questionários

Questionário sobre a história e as características da Dança do Ventre

- 1) O que você sabe sobre a história da Dança do Ventre? Qual(s) é o(s) seu(s) país(s) de origem? Qual seu significado inicial (porque se dançava)? Qual(s) o(s) local(s) onde se dançava? Como foi o caminho dessa dança na história, isto é, que mudanças ocorreram no seu significado inicial e porque isso aconteceu?
- 2) Como a Dança do Ventre é vista hoje no seu(s) país(s) de origem? E aqui no Brasil?
- 3) Inicialmente a Dança do Ventre tinha um caráter sagrado ou não? Se sim, você acha que deve ser assim hoje ou não? Como acha que deve ser hoje?
- 4) Quais as diferenças existentes entre a Dança do Ventre, hoje, aqui no Brasil e no(s) seu(s) país(s) de origem quanto à vestimenta, aos instrumentos e aparelhos que as bailarinas usam para dançar, ao estilo de dançar, ao significado da dança para as bailarinas e para o público que as assiste...?
- 5) Você sabe como a Dança do Ventre chegou ao Brasil? Há quanto tempo isso aconteceu? Onde se iniciou e para onde foi? Como se deu esse processo de expansão da Dança do Ventre?
- 6) Quais outras danças da cultura árabe foram incorporadas pela Dança do Ventre? Por quê isso aconteceu e vem acontecendo até hoje? Você tem conhecimento sobre a história e o significado dessas danças? Quais as semelhanças e diferenças dessas danças aqui no Brasil e no seu(s) país(s) de origem? Seriam as danças: Punhal, Jarro, Candelabro, Espada, Véu, Bastão, Pandeiro, Snuj, Halije, Serpente, Zar, Meléa Laf, Dabke, Dança com Tacinhas com Velas
- 7) Você sabe se há alguma região do Brasil em que a Dança do Ventre é mais desenvolvida isto é, mais conhecida, praticada e estudada? Por quê?
- 8) Como você faz a divulgação da Dança do Ventre (aulas, *workshops*, livros, entrevistas, textos, entrevistas, textos, *internet*...)?

- 9) Em que fontes você busca as informações e o conhecimento que tem sobre a Dança do ventre? Em livros, textos, jornais, T.V., entrevistas, aulas, viagens...
- 10) Você conhece algum vídeo ou outro material que retrate as diferenças e semelhanças existentes entre as bailarinas brasileiras e as bailarinas árabes? Pode indicar-me ou mostrar-me?
- 11) Fale-me um pouco da sua história com a Dança do Ventre, do significado que ela tem para você, o que você sente sobre a dança e quando dança...

Questionário sobre o ensino da Dança do Ventre

A Dança do Ventre tem inúmeros movimentos técnicos lentos, ondulatórios, rápidos, cadenciados, batidos; que vão desde a cabeça passando por ombros, mãos, braços, peito, seios, abdômen até chegar nos quadris incluindo movimentos de deslocamento, giros e postura, que devem ser dominados pela bailarina. Além disso tem os aparelhos e instrumentos que uma bailarina também deve saber dominar.

- 1) O que é melhor ensinar antes do que? Qual é o momento mais adequado para se colocar um aparelho? Qual deles primeiro e em seguida? Por quê? (pela facilidade de manuseio, pelo significado que já tem a dança para a pessoa...) Isto é, qual o melhor momento para se trabalhar as importâncias da Dança do Ventre como a postura, técnicas, tremidos, aparelhos... além do charme, delicadeza, elegância, sentimento, saber ouvir a música, os ritmos...)?
- 2) Como você prepara a sua aula?
- 3) Qual é a estrutura da sua aula, isto é, como se dá o desenvolvimento dela? (Se a bailarina não falar sobre relaxamento, alongamento... perguntar “A dança do ventre veio para o Brasil e se deparou com outras coisas usadas por muitas professoras como o relaxamento, o alongamento, o trabalho com os chackas... você tem algum conhecimento sobre, usa nas suas aulas com as suas alunas...?)
- 4) Como bailarina você faz algum tipo de preparo físico? Acha que deve ser feito? Indica às suas alunas fazerem?
- 5) Além das técnicas dos movimentos, o que você acha que uma aluna tem saber, sentir e/ou aprender nas aulas para se tornar uma bailarina ou simplesmente poder dançar?
- 6) Como você acha que é melhor para as alunas aprenderem a dançar?
 - a- Repetindo os movimentos tecnicamente sem se deslocar

- b- Fazer seqüências em diagonais
 - c- Montar coreografias
 - d- Deixar que as alunas dançam sozinhas ao som de uma música
 - e- Inventar brincadeiras para se olharem, fazerem charme, se soltarem
- 7) Como fazer isso? Em que momento da aula ou do curso fazer essas coisas? Como você faz?
 - 8) Você faz algum trabalho específico para desenvolver a expressividade, o sentimento? Como o faz?
 - 9) Em que você se baseia para localizar a sua aluna em iniciante, intermediária ou avançada?
 - 10) Você segue alguma linha de pensamento?
 - 11) Gostaria de dizer mais alguma coisa que acha importante sobre a metodologia de ensino e a história da Dança do Ventre que esqueci de perguntar e/ou ainda não tenho conhecimento, e portanto me passou despercebido, e pode contribuir para esse trabalho?

Anexo 4

Transcrição das Entrevistas

Sujeito 1

Questionário sobre a História da Dança do Ventre:

- 1) Não se sabe em que momento da pré-história o homem começou a dançar. Já em culturas tribais antigas havia traços de seqüências rítmicas com danças aos deuses para boa colheita, chuva etc... que aconteciam em locais especiais como terrenos limpos. Depois, cada cultura, com suas deusas específicas (já que a sociedade era matriarcal) tinha seu templo onde aconteciam as danças e rituais. No caso do templo das deusas as danças eram feitas exclusivamente por mulheres. Portanto, dançava-se pela religião pois homens e mulheres eram religiosos.
- 2) A dança do ventre teve vários países de origem porém cada qual deu a ela sua cultura e sua crença. Por exemplo: se hoje a dança indiana e árabe são diferentes é porque cada povo colocou nela sua crença e cultura mas a origem é a mesma. (ritual às deusas feito nos templos). Porém, os árabes colocaram a dança tão intensamente na sua cultura que hoje a dança do ventre é associada aos árabes. Hoje, a dança nos países árabes é admirada como espetáculo; nada tem de sagrado. É até pejorativa em alguns lugares em função da religião e do machismo. No Brasil também é admirada como espetáculo artístico.
- 3) Inicialmente a dança do ventre tinha caráter sagrado. Hoje é vista como espetáculo artístico e cultural e deve ser encarada pela bailarina como arte e podendo ser acoplada à outras artes como teatro, expressão etc.
- 4) Hoje, nos países árabes, a dança é um espetáculo festivo, a bailarina usa roupas modernas como *shorts*, mini saia, vestidos justos, as músicas são festivas e algumas danças estão em desuso como a dança da espada, taças e velas. Utilizam mais bastão, véu, *snujs* e *khalige*.. Em alguns lugares a dança é vista com muito preconceito e a bailarina é mau vista em virtude da religião. Outros lugares, como a Arábia Saudita, ainda mais conservadores, nem permitem espetáculos de dança do ventre.
- 5) Não dei ao certo como a dança do ventre chegou ao Brasil. Dizem ser através da bailarina *Shahrazad* em mais ou menos 1930. Ela teria ensinado e divulgado a dança do ventre.

- 6) Dança da espada, com velas, com taças, bastão, pandeiro, *snujs*, *khalige*, punhal, jarro, candelabro, *zaar*, *melea laf*, *dabke*. Significados: dança com o punhal e espada tem origem turca; dança do jarro tem origem no rio Nilo quando as mulheres iam lá pegar água; dança do candelabro é feita nos casamentos com as bailarinas acompanhando a frente da comitiva com um prato de barro e castiçais equilibrando; o bastão e o pandeiro são beduínos; o *khalige* é do Golfo Pérsico; o *zaar* é uma dança de transe; o *meléa laf* é uma dança onde a mulher seduz o homem. Era das beduínas ou das ciganas, muito extrovertida, a bailarina mascarava chicletes, fala no meio da dança e é bem despojada; dança das tacinhas é turca; *dabke* é um folclore libanês.
- 7) Em São Paulo. Não sei porque.
- 8) Pela *internet*, revistas de dança do ventre, cartões
- 9) Em livros, *internet*, revistas, jornais, viagens, aulas, vídeo etc.
- 10) Vídeos árabes da Amany e da Samara são alegres, com estilo libanês moderno. Vídeos da Souhair Zak e Mona Said que são egípcias. Vídeo da Nájua Fouad que é clássico e The Great Anknoun, Maima Akef, Samia Gamal, Nadia Gamal, Tahia Carioca, antigos. Vídeos brasileiros: Os *shows* da Casa de Chá e os da Nájua.
- 11) Com 18 anos busquei a dança do ventre para ter algo de diferente para o festival da academia de ballet onde dava aula para crianças. Nessa época também fiz dança cigana. Gostei da dança do ventre pela livre expressão de sentimentos e movimentos e pela intrigante história e origem. Este poema de Santo Agostinho é bem o que eu acho da dança: “Louvada seja a dança porque ela liberta o homem do peso das coisas materiais e une os solitários para formar a sociedade. Louvada seja a dança que tudo exige e fortalece, saúde, mente serena e uma alma encantada. A dança significa transformar o espaço, o tempo e a pessoa que sempre corre o perigo de se desfazer e ser ou somente cérebro ou somente vontade ou só sentimento. A dança porém exige o ser inteiro, ancorado no seu centro, e que não conhece a obsessão da vontade de dominar gente ou coisa e que não sente a demonia de estar perdido no seu próprio ser. A dança exige o homem livre e aberto, vibrando na harmonia de todas as forças. Ó homem, ó mulher, aprenda a dançar senão os anjos do céu não saberão o que fazer contigo...”

Questionário sobre o Ensino da Dança do Ventre:

- 1) Primeiramente acredito ser interessante ensinar que a dança do ventre pode ser dançada por todas as mulheres pois todas elas têm charme, delicadeza etc. É só começar a usar. Após esse despertar, pode-se usar textos, vídeos etc. Ensino os movimentos da dança e sua técnica enfatizando postura e intenções de movimento. Quando alguns movimentos já tiverem sido absorvidos trabalho ritmo e musicalidade para os mesmos. Só então trabalho as danças folclóricas como bastão, *khalige*, espada, véus etc. Pois as alunas terão alguns movimentos e saberão do ritmo específico para cada folclore.
- 2) Num primeiro momento faço alongamento, relaxamento e exercícios bioenergéticos. Num segundo momento trabalho a proposta da aula com as técnicas dos movimentos e suas intenções, movimentos sem deslocamento, *snujs*, véus, folclore ou outra proposta. Num terceiro momento trabalho uma sequência montada com utilizando a proposta da aula, uma coreografia com enfoque na expressão. E num quarto momento trabalho com a improvisação para se soltarem e ouvirem a música. Por exemplo fazendo um círculo e todas participam ou cada uma no seu lugar
- 3) A estrutura da minha aula é: um momento para alongar e relaxar, outro para desenvolver a proposta da aula em si com movimentos técnicos e sequências, outro para pequenas coreografias e um último para improvisações.
- 4) Faço yoga, alongamento, natação e aulas de dança cigana e do ventre. Além disso faço um preparo mental estudando a história da dança.
- 5) Além da técnica da dança a aluna deve ser orientada a ver a dança como uma arte, interpretando um poema, trabalhando a figura corporal de um pintura...
- 6) Primeiro, repetir o movimento sem se deslocar; segundo, fazer pequena sequência ou coreografia para aprender a se deslocar e ligar um passo no outro e terceiro, fazer uma improvisação em círculo para se soltarem e perderem a timidez ou uma improvisação cada uma no seu lugar ouvindo uma música.
- 7) Faço círculos para que as alunas improvisem e se soltem ou uma improvisação individual ouvindo uma música. Sempre no fim das aulas.
- 8) Trabalho utilizando poemas para serem interpretados na dança ou figuras corporais de pinturas de mulheres. Com isso, trabalhamos o

diferenciar dos sentimentos de alegria, tristeza, raiva, medo... e sua expressão.

- 9) Iniciante: não conhece os movimentos e suas técnicas, não tem conhecimento histórico da dança e folclore nem os ritmos. Intermediária: conhece os movimentos básicos, tem pouco conhecimento histórico, sabe dançar ou já ouviu falar dos folclores e diferencia os ritmos básicos. Já sabe ouvir a música e suas nuances, tem expressão e interpretação falha das músicas e do folclore. Avançada: conhece os movimentos básicos e é capaz de criar outros com esses, conhece a história da dança do ventre e dos folclores, sabe diferenciar e criar em ritmos e músicas e usar o ritmo apropriado para cada folclore. Tem boa expressão e interpreta a música de acordo com a leitura da mesma.

Sujeito 2

Questionário sobre a História da Dança do Ventre

- 1) A dança é uma coisa que já nasceu com o homem. Este, antigamente, devia imitar a natureza e esses movimentos foram evoluindo e viraram dança que inicialmente eles dançavam para os deuses e, por exemplo: dançavam para o deus e/ou imitavam o que iam fazer ou que viam e queriam e acreditavam que isso ia melhorar o que iam fazer. Ex: caçar. A dança do ventre é feminina, pertence à mulher, realça os seios, os quadris... tem o ventre, a barriga... A mãe terra tem tudo haver com a mulher pois a terra recebe, gera, dá vida e a nutre assim como a mulher. Essa dança reverencia a terra e por isso era a mulher que dançava para ela. É muito lógico e simples. A mulher desse período do matriarcado reverenciava a terra e a deusa que era a mãe terra. Quando dançava, representava a deusa. A dança mudou quando chegou o patriarcado pois eles achavam que o poder não tinha nada haver com aquela cultura. Eles não entendiam pois elas eram iniciadas em várias artes inclusive no amor e eles não entendiam que o sexo é um encontro energético. O homem faz parte de uma cerimônia e a dança não é pra ele. Começa a ser profana quando as mulheres passam a dançar para os homens dentro dos haréns. Umas se suicidaram por não agüentar isso e outras entraram nessa e passaram a dançar para os homens e a se prostituir. Foram os ingleses, mais pra frente, que fizeram isso com o olhar ocidental deles. Não entendiam isso.
- 2) No oriente é prostituição. No ocidente é mágica, é encantadora. No oriente também se venera, mas nunca uma filha minha vai fazer essa dança. Mas elas não são vulgares dançando mesmo sendo prostitutas.
- 3) Manter o caráter sagrado sem ser radical. Sagrado significa ser íntegro. Integridade com respeito à dança. Exemplo: Não dançar só para mulheres.
- 4) Bem diferente. Os figurinos. Aqui tem que se adaptar. Tem que ficar o menos possível descaracterizada.
- 5) Por causa de uma feira que aconteceu em Chicago e aí eles exportaram bailarinas egípcias para dançar lá pois ninguém nunca tinha visto. Foi em 1853. No Brasil, Sharazad e Samira começaram a ensinar. Fátima foi aluna da Samira. Era bailarina de Ballet. Aí umas bailarinas furaram para dançar numa noite em Santos em que o Tony Mozayek ia tocar. Daí a Fátima foi com a professora dela e a Nájua

com a dela. Lá elas dançaram uma coisa que não tinha nada haver com dança do ventre.

- 6) As perguntas 6 à 9 não puderam ser respondidas por falta de tempo
- 7)
- 8)
- 9)
- 10) Sim. (emprestou-me)

Questionário sobre o ensino da Dança do Ventre

- 1) Para todos os níveis: quanto mais consigo propor à mulher que habite melhor o seu corpo percebo que ela aprende melhor o movimento. Já fui muito técnica mas percebi que às vezes faltava dança. Era presa à técnica. Hoje a técnica é uma parte da aula. Tão importante quanto a consciência corporal. Executar movimento e dançar movimento. Respiração para haver uma sintonia do grupo. Cada uma vem de um lugar com seus medos, ansiedades, energias... A respiração é para perceber e se integrar ao grupo. Divido o corpo em quatro partes: Inferior anterior e posterior e superior anterior e posterior. E articulações: Quadril, joelho, tornozelo, ombros, cotovelo, punho e de dos). Brincar com os movimentos nem sempre de dança do ventre para perceber esses movimentos dessas articulações. Isso é para ficar para sempre, é a base da dança. Levar a respiração para a parte inferior do corpo. A respiração presente te deixa mais sensível o que te deixa mais sensível à parte externa (consciência do grupo, do espaço). A partir daí você dança. Minha didática é valorizar a consciência e trabalhar com humildade. Daí eu entro nos movimentos. Começo com os *shimies*, Ter a imagem do tremido. Deixo mais para frente os movimentos ondulatórios como por exemplo o camelo. Os movimentos circulares todos bem no começo.
- 2) Iniciantes: primeira aula, as meninas nem se conhecem e nunca fizeram aula de dança do ventre ou outra dança qualquer. A dança oriental do ventre recebe bem as mulheres, sem discriminação. Às vezes é até melhor que ela nunca tenha tido outro contato com a dança pois vem sem preconceito. Começo usando muito chão, contato e conhecimento de si mesmo no chão é diferente de na horizontal. Conhecimento do corpo, de todas as partes do corpo. Trabalho com o resgate dos sentidos, alonga e aquece no chão.

Entrar logo com a técnica é um caminho menos orgânico por isso trabalha tentando trazer os sentidos ficando o corpo mais presente coma respiração e o sentir. De carona vem a técnica, por outro caminho.

Intermediária: já ganhou vocabulário e percepção corporal, já tem um pouco de técnica dá pra trabalhar mais a audição com os *snujs*. Trabalhar o próprio ritmo criando o próprio ritmo nos *snujs*. Quando a pessoa tá a vontade com o próprio ritmo ela entra mais fácil no ritmo da música.

Avançada: prontidão é o mais explorado. Já tem assimilado o ritmo, ouvido... trabalha com a dinâmica e qualidade de movimentos. O corpo deve responder exatamente ao momento. E aí você tem a interpretação da sua dança. É a sua paisagem interna que cria a dança pois ela exige uma coisa mais orgânica. É um caminho de dentro para fora. Do mesmo jeito que ela possui uma ação ela possui uma inação, a pausa e o movimento, acelerar e des acelerar. Tudo se complementa. Sempre vai pelos dois caminhos. No avançado agente tá mais preparada para isso.

Profissional: tudo isso mais a maturidade do corpo de cada uma que já viveu tudo isso . Trabalha com as energias masculina de certeza, agressividade, ação, prontidão e feminina, energia circular, difusa, receptiva, de espera.

- 3) Deitar e dar um tempo para esquecer as coisas lá de fora buscando o contato, o despertar do corpo. Respirar, consciência corporal (usa bolinhas de tênis, toalhas...). Depois alonga mas com o objetivo de acordar o corpo o que já aquece e alonga. Cuidado com a articulação do joelho, principalmente, pois é muito fácil machucá-la. Tenho contato com uma fisioterapeuta que me informa bastante. Depois gosto de dividir por exemplo: movimentos sinuosos mais véu em um dia, movimentos estacatos mais *snujs* em outro, movimentos de chão, rolamentos mais espada... tem um tema ali. Mas também gosto de sentir o grupo e se perceber que a proposta da aula não está bem com energia do grupo, mudo. Sempre gosto de ter uma improvisação e uma composição coreográfica.
- 4) Usava o ballet clássico como preparo. Os giros, a disciplina. Fui mudando, tirando a rigidez. Aí tive o contato com a dança moderna e me apaixonei e esqueci o ballet. É bom ter experiência com as artes cênicas, em moderno e yôga. (conecção, movimento sem esforço, tudo é uma intenção e não tensão, respiração).
- 5) Deve conhecer o próprio corpo, dançar inteira de si, presente, entregue. A aluna deve conseguir fazer os movimentos sozinha na

momento certo, hora certa e música certa, isto é, deve saber ouvir a música e independente de alguém, fazer o que a música está pedindo. A aluna deve ser dona da sua própria dança, deve ser independente, conectada com ela mesma e não deve se deixar corromper.

- 6) Para aluna é importante ela não ser crítica consigo mesma, não ser dura consigo mesma. Perceber que realmente não sabe fazer. Ou o outro extremo que é achar que já sabe tudo. É melhor que a aluna esteja aberta pois mesmo insegura, o movimento sai. É importante, também, que ela perceba, por exemplo, a diagonal, que sinta o espaço a sua volta.
- 7) Não é em uma aula. Depende da receptividade das alunas. A pessoa tem que aprender que ela está aprendendo uma nova língua diferente do português que ela conhece. A professora tem que perceber e cercar de todos os lados com o que pode fazer para que aluna consiga perceber. E a professora tem que ter consciência que ela muitas vezes não vai atingi-la. Perceber que o problema, muitas vezes, está no professor, em ele não saber exatamente o que quer e não estar conseguindo passar isso à aluna e por isso ela não estar conseguindo fazer pois não a entende claramente. E o aluno tem que entender que as coisas não virão mastigadas.
- 8) Com as improvisações, tem um tema para dançar e aí usa a improvisação para buscar essa expressão lá dentro da pessoa. Exemplo: tema é amor. Exercício para buscar esse sentimento, essa expressão dentro de cada uma não necessariamente usando a dança oriental.
- 9) Olhar resposta da pergunta número 2. A entrevistada respondeu naquele momento. Resumindo, é pelo conhecimento que a aluna tem do seu corpo, pelo conhecimento que tem da dança do ventre e pela desenvoltura com que trabalha esses conhecimentos.
- 10) Que você respeite o seu corpo. Isso é o mais importante. Essa coisa de compartilhar, também, em trabalho em grupo. Trocar entre as alunas e o grupo. Todo mundo dança melhor assim.
- 11) Não, acho que falamos um pouco de tudo, né?

Sujeito 3

Questionário sobre a História da Dança do Ventre

- 1) Era um culto à deusa mãe Ishtar ou Inana feito nos templos da Babilônia. Era uma dança da fertilidade, a mulher fertiliza a terra, dança da mulher. A partir daí foi indo para outros países como Egito, Índia... No início nesse século, mais ou menos, a dança do ventre passou a ser *show*. Aí as bailarinas passaram a pegar elementos de outras danças regionais como o ballet, flamenco e outras danças árabes para melhorar e aumentar o *show*, prender a atenção do público
- 2) Nos países de origem: tem dois lados bem claros no Oriente Médio. O lado do mau e o do bem. Os árabes dividem bem isso. Aquela que dança para o bem, clássica, e a dos cabarés, do mau.
- 3) Como todas as danças sagradas elas passaram a ser vistas como pelas outras pessoas que acabaram degradando a dança. Como tudo o que é sagrado, né, não só a dança do ventre. Tinha um caráter sagrado sim mas isso depende muito do olhar das pessoas, da energia delas. Hoje para dança do ventre ser sagrada precisa ser feita como uma meditação em movimento.
- 4) Hoje não tem muita dança do ventre lá profissional. Tem umas 50, 60 bailarinas em cada país. Aqui no Brasil tem umas 5000, 6000 bailarinas que colocam roupa e saem dançando. Não é tão diferente pois ela tem que enfrentar a família, como no Brasil nos anos 60, 70, quando as mulheres eram mais recatadas. No Líbano é mais liberal mas para ser bailarina tem mesmo que encarar. Hoje, no Brasil, a maioria do que existe não é dança do ventre. Dá uma impressão de uma forma contida do que deveria ser a dança do ventre verdadeira. A dança do ventre árabe é feminina, sensual, alegre, leve; mesmo tendo o lado sensual, é leve. É natural, os movimentos fluem no corpo da mulher.
- 5) Chegou junto com a imigração libanesa, síria, árabe em si. Todas as mulheres dançam como nós dançamos samba.
- 6) No momento em que a dança do ventre passou a ser *show*, as bailarinas começaram a se diferenciar das bailarinas de rua se apropriando de outras danças para complementar a sua e de muitos adereços. Nenhuma dessas danças tem algum significado específico pois são todas para enfeitar o *show*.
- 7) Em São Paulo é onde tem mais pois é onde tem a maior quantidade de descendentes libaneses, mais ou menos 2 milhões.

- 8) Aulas, *workshops*, entrevistas
- 9) Em livros, aulas, viagens, jornais, internet...
- 10) Site da Babilônia Brasil. Vídeos da Fifi Abdo, Souhair Zak, Tarreia Carioca, Mona Saidi, Nájua Fowad, Nadia Gamal, Samia Gamal, Naima Akfe.

Questionário sobre o Ensino da Dança do Ventre

- 1) Primeiro ela tem que saber o que é a dança do ventre, o que ela tá dançando. Tem que ver um vídeo. Depois começar com movimentos ondulatórios e braços.
- 2) Com músicas, textos e coreografia que vem da música. A música fala, é tão orgânica. Parece que diz o que tem a dança, qual movimento dançar.
- 3) Relaxamento é bom para a concentração, para desligar do que tá lá fora. Alongar no começo, na hora de aquecer.
- 4) Faço ballet clássico e musculação. Musculação não faço oblíquos, nem braços, nem ombro. É feio bailarina com esses músculos ressaltados. Faço costas, peito, lombar e membros inferiores. Indico sempre às minhas alunas pois acho que com os anos pode machucar a musculatura da coluna e também porque ajuda muito para se levantar mais, se colocar melhor, fazer tudo com mais potência. Quando vou dançar faço um pouco de ballet clássico para alongar.
- 5) Uma bailarina profissional deve saber técnicas de maquiar, coreografia, entrar e sair de cena, palco... tudo como qualquer outra profissional de outra dança.
- 6) Aprender os movimentos sem se deslocar, fazer diagonais, montar coreografias, improvisar, assistir à um vídeo pois ele fica na cabeça, a maneira como foi usada a música pelas árabes.
- 7)
- 8) Pegar pelo menos o título da música árabe, saber o que ele está falando e dançar, interpretar a música. Tem que sentir.
- 9) Tem gente que já nasce com o Dom.
- 10) Eu acho que nessa época que estamos vivendo a LUZ é muito importante. Arte maricari, Seishonoie, San German, calendário Maia. Todas elas dizem que temos a permissão de usar a luz para nos desvencilharmos das coisas ruins e usá-la para coisas boas.

- 11) Tem que ter um trabalho de ética pois tem gente que começa a ser vaidosa negativamente, centraliza tudo nela, só ela é, só ela pode. Quando você dá, você recebe. Falar sempre da luz, do amor. Que você melhore cada vez mais e para o bem, para a luz, a paz, o amor.

Sujeito 4

Questionário sobre a História da Dança do Ventre

- 1) Começou no oriente mas não acredito que tenha começado apenas em uma região no Egito. Aquela região toda é uma integração de povos e acho que tem influência muito daquela parte do Mediterrâneo, dos Persas e também do antigo Egito, lógico. Mas, segundo a história, a dança do antigo Egito como agente vê naqueles afrescos, é uma dança mais acrobática, deforma acrobática, não existia esse movimento ondulatório da bacia. Você encontra essa dança até no lado da Índia, Indonésia, Hawaí. Por isso eu acho que não foi só de um lugar que veio, que como existia essa ligação com a natureza, essa parte ritual dos povos em relação à dança, deve ter se desenvolvido em vários pontos e com o tempo ela foi de mesclando durante, principalmente por causa da cultura, né, das invasões que houveram nessa região, integração dos povos. Acho que a arte também foi se integrando assim e na verdade foi uma mistura de cada povo, um pouquinho dessa região do Mediterrâneo, Pérsia. Toda a dança, toda a cultura de hoje, sem dúvida elas vieram do Oriente pois os mais antigos registros de dança estão ali, naquela região. Acredito, realmente, que a dança do ventre teve uma origem ritual não só pela dança mas pela própria forma como as pessoas naquela época, forma de vida delas, tinha um tempo de tratar dessa parte de relação com a natureza, com os deuses e a forma de honrá-los, de estar em contato com a natureza era através da dança. Então, acho que, sem dúvida, ela começou de uma forma ritualística e com o passar do tempo, o desenvolvimento da humanidade, foi tomando um caráter mais profissional e foi se dividindo pelos profissionais e tinha um cachê mesmo naquela época do antigo Egito. Já existia profissionais de dança. Mas ela continua dentro das famílias. Começou como ritual, foi passando como forma mais de diversão, também e hoje chegou a ser uma dança que pode ser profissional, *show*. A forma das pessoas viverem era diferente da de hoje.
- 2) Começou com o lado ritual, foi passando para o profissional e com a decadência também de todo povo árabe, houve muitas invasões. O árabe teve seu apogeu naquela época de ouro da Idade Média. Teve uma decadência e a dança também teve uma decadência nessa época, depois da Idade Média até depois de 1800 teve várias invasões. Acho que no século passado ela já começou a ter um ressurgimento e nos anos 20, 30, 40, 50 teve aquela época do cinema de Hollywood e cresceu muito. Hollywood acabou influenciando muito os árabes e vice-versa. Hollywood também pegou alguns temas sobre os árabes

aqueles “noites nas arábias...” um monte de filmes. Os filmes são bem Hollywood aquele monte de bailarinas dançando e uma no meio. Coisa da época que foi influenciando. Até os anos 80, se pega aquelas bailarinas antigas tipo Nájua Fowad, Nadia Gamal.. no meu ponto de vista parecia que a dança tava tomando um caráter mais profissional mas, como tudo hoje, tá, de novo, indo para um lado muito comercial. Hoje, no Oriente Médio, você encontra pouquíssimas bailarinas que são profissionais e boas pois comparando com as antigas, hoje em dia tá muito mais pobre o trabalho. Isso na dança do ventre. No folclore não. É ótimo. Mas na dança do ventre você não encontra algo mais organizado assim, muitas escolas, professores, coreografias. São poucas as pessoas que fazem isso lá no Oriente Médio. Aqui no Ocidente, Europa, EUA, talvez até aqui no Brasil, os ocidentais tão levando a dança mais a sério, estudando e colocando a dança do ventre como qualquer outra dança com pesquisa, com estudo. Nós aqui estamos fazendo mais isso do que as próprias árabes, da origem. Lógico que é uma boa experiência assistia à *shows*, que são sempre ao vivo, mas é difícil achar. Tem que procurar. No ocidente você acha mais técnica boa, um trabalho bonito de coreografia, um trabalho mais teatral. As árabes, o que elas têm de interessante, como elas conhecem a língua e é tão da cultura, existe algo nelas que, mesmo dentro da aldeia, das casas, não são profissionais, sem escola, dançam bem pois elas têm é a linguagem corporal e a expressão por conhecer a própria língua, o que tá falando na música. Por já Ter uma história, já tem aquela ginga, aquele jeito de se expressar. É isso que você aprende mais delas. Mas a parte, vamos dizer, mais técnica, mais artística mesmo, mais teatral, você aprende mais na Europa, EUA. No oriente você encontra pouca coisa.

- 3) Um caráter sagrado. Isso acho, sem dúvida, deve ser uma verdade e mesmo essa questão da maternidade, existem alguns lugares hoje, no norte da África, que as mulheres, antes de dar a luz do parto elas realmente fazem alguns movimentos da dança do ventre. Fazem os movimentos para ajudar no parto e, na região do oriente os persas, turcos, eles celebram o nascimento. As festas são excelentes. Na hora que nasce a criança eles estão dançando. Eu acho que deve manter o caráter sagrado sim porque até hoje existem danças que são rituais. Agora depende da hora de usar e como usar. Isso que é o problema. Porque se você vai apresentar dentro de uma festa, de um casamento, as pessoas, claro que não vão estar ligadas nesse lado ritual e não vão entender o que você quer dizer e hoje, mesmo o povo árabe, quando dança, não tão pensando no lado ritual, né, não fazem pensando no

lado sagrado. Fazem pensando no lado de alegria, uma celebração, uma alegria principalmente.

- 4) Lá no Egito tem mais músico. Lá, em todos os espetáculos, em todos os clubes, tem orquestra e elas tocam durante a noite várias vezes. Na dança, por saber a língua, ajuda a interpretar melhor a música. Mas no ocidente a dança é levada mais a sério do que lá, encaramos com mais técnica, mais profissional, estudamos, somos profissionais. Lá é uma dança popular, não é vista como profissão.
- 5) Shahrzad foi uma das primeiras a divulgar a dança como profissão mas acho que chegou com os imigrantes que continuam dançando aqui. O dabke e as mulheres.
- 6) O objeto mais usado é o bastão que veio do folclore. Toda bailarina deve saber usar e ter em sua apresentação. Veio de uma dança masculina que era uma arte marcial feita, uma luta de exibicionismo, de mostrar quem era o mais forte. Os snujs são mais usados pelas gawasis, ciganas egípcias, mais popularmente e para folclore e menos para música clássica. A espada tem dois tipos: um é na dança beduína (povo árabe guerreiro) usada nas mãos como que um luta na Síria, Líbano, Jordânia; outro tipo é na dança do ventre. Foi incorporada como equilíbrio nas civilizações antigas como Egito. Não existe nada sobre usá-la como equilíbrio. Shokri acha que isso veio da Idade Média no auge da época de ouro dos árabes e nos grandes castelos as bailarinas devem Ter pego as espadas dos reis para entreter as pessoas das grandes festas. O jarro, da Tunísia, Líbano, Egito, representa a mulher estar trazendo água do rio para casa. Isso realmente vem dessa tradição equilibrando-o na cabeça. O pandeiro até se vê nas apresentações antigas bailarinas tocando pandeiro, como as mulheres também tocam percussão. É um pouco separado da dança. A serpente nunca vi lá mulheres trabalhando com ela. Tem os encantadores de serpente. Algo mais Hollywoodiano, uma visão mais ocidental do oriente. O candelabro vem dos hebreus (até na Bíblia tem essa representação). O ocidente é que começa a usá-lo para dançar e depois foi para o oriente. Nós pegamos alguma coisa mais como fantasia e eles agora usam. Os lencinhos são usados principalmente no Líbano em casamentos. Bem festivo. Mulheres usam muito. O punhal, no ocidente, tem uma idéia mais pervertida dele. É uma dança feita pelos homens pois representa a guerra. Os homens usam sim.
- 7) São Paulo tem mais por ter mais gente, talvez, mas tem no país inteiro.

- 8) Mala direta, *workshops*, entrevistas, trazendo pessoas do exterior para ensinar a cultura, a experiência de espetáculos em teatro.
- 9) Em livros, viagens, *internet*, cursos.
- 10) Não.

Questionário sobre o Ensino da Dança do Ventre

- 1) Se a pessoa não tem uma base de dança é a consciência corporal. Trabalhar todas as aulas força muscular na região do abdômen. Se a pessoa já dança vai facilitar mas, mesmo para quem faz, é difícil pois mexo muitos movimentos que não são habituais. Depois, contato com os ritmos e instrumentos musicais. Como isso faz diferença! Dá pra perceber nitidamente a diferença de dança quando conhece os ritmos e os instrumentos também. Depois véu, bastão, jarro (folclóricas). Mas tem que ter um certo tempo de dança.
- 2) Como se fosse uma outra aula qualquer de dança; alongamento mais aquecimento mais exercícios só de tronco, bacia, braço, ondulatórios, giros. Depois véu, *smujs*, coreografia em turmas mais avançadas.
- 3) Alongamento, aquecimento, movimentos técnicos da dança, algum aparelho ou folclore e coreografia.
- 4) Faço um pouco de ginástica localizada, fortalecimento do abdômen e região pélvica (o movimento é solto mas o músculo tá tenso. É a articulação que tá solta). Passo isso para minhas alunas. Faço, também, moderno e contemporâneo. Faço esteira e passo para as alunas. Dá resistência para fazer *shows* longos. Treino diariamente em casa, no mínimo 3 vezes por semana. Lá elas têm um *show* todo montado. É claro que tem um pouco de improvisação, é importante saber se virar, mas ela não é o fator principal da sua dança. Lá elas não fazem isso. É um *show* mesmo, como de outra dança qualquer que faz um *show*. Improvisação é importante saber mas palco é palco. Você vai acabar repetindo os movimentos e não fazendo um *show*. A não quando você vai brincar com o público. A estrutura do *show* é toda montada.
- 5) Tem que saber sentir a música, ouvir a música e dançar.
- 6) Uso de todas essas alternativas
- 7) Trabalho com as técnicas da dança como se fosse outra dança, começo a trabalhar expressão mais pra frente, com um ano mais ou menos.
- 8) Depois de um ano assim, deve-se desenvolver até nos movimentos mais simples a expressão. Através da expressão em relação à música

e em relação ao público. Interpretar o que o músico está falando, as canções. Lá os árabes gostam e se faz muito isso. Sentimento muito forte pela música.

- 9) Pela técnica mais, né. Iniciante o trabalho é mais lento. Avançado atécnica é mais forte desenvolvendo coreografia no fim da aula mudando de dois em dois meses, assim, as coreografias.
- 10) Levar a dança como algo elevado, espiritualizado, levar luz, amor, alegria às pessoas para que possam ir ao *show* e ficar felizes, esquecer do seu dia a dia elevar algo bom, fazendo bem às pessoas. Ensinando coisas boas. Pensar na sua dança como algo divino, iluminado e isso passa para as pessoas que ficam mais encantadas com você e com elas.

Sujeito 5

- 1) Nos países árabes. Supõem-se que é do Egito. Alguns livros trazem que veio dos rituais de fertilidade e outros como folclore. Depois foi para os haréns para funções mais sexuais, se prostituíam e nas invasões dormiam com os soldados. Os povos árabes migram muito e levaram para todo o mundo. Ela mudou muito e quando foi para o cinema começou a ter influências de outras danças como o ballet, flamenco.
- 2) Não sei
- 3) Sim, tinha um lado sagrado mas não tem mais.
- 4) Lá é bem mais comum, tradicional, do povo. Aqui é mais técnica, mais didática. As técnicas foram criadas aqui, do nosso jeito e acho que aqui é mais rico que lá pois conseguimos juntar tudo dos países todos e passar didaticamente. Lá não tem aula, não é assim como aqui. Lá as grandes bailarinas são muito reverenciadas e as de “baixo calão” dançam, dançam... se prostituem até. Elas só param de dançar quando casam com alguém rico. Aqui era vista como uma coisa vulgar, de odalisca mesmo. Agora que as pessoas tão conhecendo, tão entendendo mais.
- 5) Com Shahrazad, Samira...
- 6) Nenhum dos aparelhos teve algum significado inicialmente, dos que damos hoje mas através de estudos paralelos fomos dando. As outras são folclóricas (pandeiro, *khalige*), espada e candelabro são mais acrobacias.
- 7) Em São Paulo porque as precursoras da dança do ventre no Brasil estão aqui, moram nesta cidade e começaram a desenvolver seus trabalhos na mesma. E também porque os músicos mais populares também moram em SP.
- 8) Através de aulas, eventos, jornais e televisão.
- 9) Vídeos, principalmente. Assistindo as bailarinas mais antigas e consagradas e também procuro livros que tratem da cultura dos países árabes e participo de *workshops* de artistas internacionais árabes e egípcios.
- 10) Não tenho conhecimento
- 11) Acho que gosto dessa Arte desde que nasci pois tudo o que via a respeito da dança ou cultura árabe sempre me atraiu. Nunca tive

conhecimento de algum lugar no Brasil que tivesse aulas de Dança do Ventre até que, um dia, vi um anúncio no jornal de uma aula aberta e liguei no mesmo dia meio desconfiada pois achava meio impossível alguém ter esse conhecimento, principalmente aqui no interior. Mas fui assim mesmo. E então, pude constatar que a professora é muito boa (Samsara) e leva a sério a dança e me apaixonei perdidamente. Fizemos a primeira apresentação juntas depois de 8 meses de aula e no próximo mês surgiu um convite para que eu desse aula, coisa que eu nunca quis, mas fui pra ver no que dava ...(foi quando te conheci) e parece que, desde então, minha carreira deslanchou. Foram surgindo outros convites e o fato de estar dando aula me empurrou a buscar coisas novas. A responsabilidade aumenta... Foi quando comecei a ter aulas com a Soraia e aprendi um jeitinho diferente de dançar. A partir daí, tive mais informações de fontes de estudo e eu percebi que estava, ainda, engatinhando e tenho a vida inteira pra aprender. A dança hoje é minha vida, sou apaixonada pelo que faço e me considero uma pessoa de sorte apesar de sempre ter alguns obstáculos em nosso caminho. Ouço música árabe o dia inteiro, adoro dançar. Cada dança é uma experiência diferente, um momento mágico. Cada aluna que conheço é um mundo novo a ser explorado e seus progressos e alegrias me realizam profundamente. Agora, também, tem as crianças que se apaixonaram e eu por elas... e é uma experiência muito diferente. Enfim, a dança é tudo pra mim hoje em dia pois ela me proporciona muitas descobertas e me ensina muitas coisas novas, sempre. É um desafio, constante. Isso me atrai.

Questionário sobre o Ensino da Dança do Ventre

- 1) Primeiro a aluna tem que ter consciência de seu quadril. As batidas laterais começam a soltá-lo. Depois passo para os giros de quadril, o “rebolado”. Daí para os movimentos de batida de quadril, o básico, o *twist*, desencaixe e encaixe... E também os movimentos de tronco e ombros, cabeça e mãos. Depois de mais ou menos 3 a 4 meses, começamos a conhecer o véu. É sempre mágico o primeiro encontro com ele. Algo que me parece que as mulheres sempre desejaram, brincar com o véu... Em seguida, depois de alguns meses mais ou menos, o bastão e o folclore, um ritmo diferente. Um pouco de pandeiro. Depois de mais ou menos 1 ano, um pouco de *snuj* sem muita dança, mais para acostumar e poder treinar em casa e estudar os ritmos diferentes da música árabe. Eu não costumo pensar muito em tempo. Vou mais pelo desempenho da turma em geral e dos

gostos das mesmas. O charme e a expressão procuro trabalhar desde o início.

- 2) Procuro utilizar seqüências para facilitar a assimilação dos movimentos mas, às vezes, elas não são previamente preparadas. Eu preparo os movimentos, percebo como as alunas assimilam e, a partir disso, monto a seqüência na própria aula. Às vezes, nas turmas avançadas, procuro preparar antecipadamente as seqüências ou laboratórios.
- 3) Primeiro há alongamento, depois com os próprios movimentos da dança, o aquecimento e depois a seqüência. No final, alongamento principalmente da coluna, geralmente no colchão. Já trabalhei muito com relaxamento e pude perceber que, às vezes, ele atrapalha. Deixa as alunas meio sonolentas e não é tão necessário. A não ser que seja feito de vez em quando, no final da aula, uns 10 minutinhos... A própria dança trabalha as energias e os chakras.
- 4) Eu faço musculação mas por gosto pessoal e não pela dança. A única coisa que indico para minhas alunas é alongar sempre.
- 5) Ela tem que se conscientizar que é uma Arte e por isso ela tem que sentir a música e demonstrar seus sentimentos e não apenas Ter uma técnica perfeita e mecânica.
- 6) A união de todos.
- 7) Você os colocou na seqüência. Pra quem tá começando, fazer os movimentos no lugar. Depois de aprendê-los, trabalhar as seqüências. Em seguida as coreografias. Quando estiverem mais seguras, as improvisações.
- 8) Com músicas especiais, no escuro, de olhos fechados. Tentar expressar o que a música provoca. Peço para que repitam em casa.
- 9) Iniciante: quando a aluna ainda não domina a maioria dos movimentos

Intermediária: quando já domina a maioria dos movimentos mas ainda precisa de treino em ritmos e instrumentos.

Avançada: as alunas dominam os movimentos e instrumentos e podemos trabalhar mais coreografias, criatividade, características pessoais.

- 10) A minha. Cada bailarina é um mundo diferente com movimentos diferentes e momentos que devem ser explorados e lapidados.
- 11) Só uma opinião minha. Tenho um certo receio de algumas pessoas colocarem estágios na dança ou formaturas sei lá eu. É uma

dança individual, pessoal. Tem bailarina que demora cinco anos pra aprender e outras cinco meses. Devemos tomar cuidado e trabalhar com carinho cada uma delas.

Sujeito 6

Questionário sobre a História da Dança do Ventre.

- 1) Sobre a história da dança do ventre? Acho confusa e contraditória. Sobre o país de origem? Tenho dúvidas. Acredito que essa arte era completamente fechada, era um matriarcado, onde a força feminina imperava com sabedoria e respeito ao corpo que era preparado para a fecundidade ou receber a semente da vida. Acredito na idéia de que essas mulheres dançavam em templos sagrados numa espécie de ritual e que o patriarcado submeteu a energia feminina sob seu domínio por não, conseguirem entender e admitir o poder das mulheres de gerar outra vida.
- 2) Hoje essa arte é popular e comercial, sendo na sua própria raiz considerada pagã e vulgar. São poucas as pessoas que a entendem e/ou respeitam sua essência.
- 3) Acredito que sim, tinha um caráter sagrado. Hoje as pessoas pregam essa sacralidade mas não têm fundamento do que falam. Apenas acham bonito e contam suas versões. Tenho receio das pessoas que se utilizam da vibração positiva que a dança emerge sem se aprofundar.
- 4) As roupas são basicamente as mesmas, apenas acrescentando um detalhe ou outro, afinal de contas, cultura é cultura. No Egito é proibido mostrar o abdômen e, por esse motivo, elas fecham com delicadas “telinhas” ou vestidos. O material de trabalho é o mesmo: bastão, espada, jarro, punhal, véu. São danças de raiz e nisso não se mexe.
- 5) Pelas informações que tenho, a bailarina Shahrazad, hoje com 60 anos, mais ou menos, foi a pioneira dessa arte no Brasil. Suas poucas alunas em São Paulo se encarregaram de levar essa arte adiante assim como a pioneira fez vários *shows* de TV (Silvio Santos que utilizava como *show* de atração).
- 6) Você percebe o ritual e do porquê é sagrada? Onde na cultura muçulmana mostra que é “sagrada” a dança com velinhas, candelabro, punhal, véu, *snujs*? Porque a dança dos sete véus? As danças são aceitas por eles, árabes., *melea laf*, dabke e pandeiro como sendo arte popular sem se ligar no processo ritualístico que tem por trás disso.

- 7) São Paulo. Existe uma colônia forte, e há muitas bailarinas clássicas interessadas que deram certo neste ritmo, por ser muito parecido com o nosso.
- 8) Panfletos e jornais já foram feitos muitos. Hoje funciona somente o boca a boca pois a dança do ventre virou sinônimo de confiança.
- 9) As poucas informações que vem de livros são superficiais. Fiz uma analogia com os fundamentos da Índia e muita coisa de explicou pra mim. Faço aulas e *workshops* até hoje.
- 10) Não, não conheço.
- 11) Descobri que a energia gerada enquanto se executa essa dança é de alto nível e qualidade, dignificando a mulher que a faz. Penso que todas as mulheres deveriam conhecê-la. Para desinflamar e desintoxicar o sistema físico, emocional e psicológico. Sinto em mim que isto acontece e meu corpo todo se enche de êxtase, prazer e alegria por esse motivo. Por achar que a emoção é de grande intensidade, tenho me poupado de apresentações em público. Estou em processo de recolhimento para reconhecer algumas virtudes e desintegrar alguns desvios energéticos que ainda estou assimilando.

Questionário sobre o Ensino da Dança do Ventre

- 1) Ouvir a música e articular todo o corpo, parte por parte. Gosto de colocar primeiro o véu para a aluna, mulher, se sintonizar com a essência da dança. Em seguida, o bastão para ajudar a segurar as mãos. Coloco os primeiros aparelhos quando a aluna já entrou em contato com os primeiros movimentos. Para se saber as importâncias dessa dança explico o tempo todo e corrijo o tempo todo para que, aos poucos, a mente da aluna comece a disciplinar-se visto que é necessário a articulação de toda a estrutura energética e psicológica da bailarina.
- 2) Não preparo, deixo a aula acontecer de acordo com as alunas que estão na sala.
- 3) Gosto de começar com um relaxamento para a mente da aluna “parar” e tranquilizar-se. O alongamento às vezes é puxado. E outras terapias. Movimentos e seqüências técnicas e coreografias.
- 4) Não só faço como acho de absoluta importância. Faço com as alunas em aula.
- 5) Dançar não é executar movimentos, e sim libertar-se de envólucros falsos que constituem o ser humano. A bailarina deve ter ritmo, simpatia, força, noção de espaço físico, noção de quando pode

deslocar-se para o público, sentir quando ele quer ser olhado e manter a altivez mesmo quando as coisas no momento dão errado.

- 6) Uso todas as alternativas da questão.
- 7) Faço jogos lúdicos quando o grupo já tem um pouco de união e amizade. Trabalho sempre a sensibilidade, alegria e descontração para que a bailarina já deixe aflorar a essência da dança.
- 8) Jogos lúdicos, teatrais e respiração.
- 9) A qualidade de movimentos que elas já aprenderam e a fluidez com que desenvolvem.

Sujeito 7

Questionário sobre a História da Dança do Ventre

- 1) É uma coisa difícil de se afirmar porque não existe nada comprovado. O que tem é, assim, algumas pessoas que estudam. Tenho uma amiga, a Bárbara, que ela pesquisa e a pesquisa dela é em cima de descobertas arqueológicas, coisas que aconteceram, que é estudado. Então eu acho interessante isso. Mas assim, o pouco que agente sabe sobre a origem da dança é que... bom, começou no Egito e era uma dança ritualística feita por sacerdotisas... essa história que a própria casa de chá já conta. Eram feitos rituais de fertilidade e depois, com o tempo, as invasões árabes no Egito, foi se difundindo por todos os países árabes, se popularizou, e depois para o mundo inteiro. Mas eu já ouvi uma versão que a dança do ventre ela começou, não era dança do ventre, era uma dança, dos ciganos indianos, que eles saíam, eram nômades, e por onde eles passavam, iam deixando influências dessa dança deles. E a passagem deles pelo Egito deixou essas influências e passou a ser dança do ventre. Inclusive a pessoa que me falou isso é um filósofo que estuda a filosofia da Índia, é o Levi Leonel. Ele falou que os indianos são anteriores ao povo egípcio e que ele acha que a dança do ventre teve influência desses ciganos. Eles passaram por várias regiões do planeta. Agora, isso não é uma coisa documentada, ele se baseou em cima disso pelos estudos que ele tem. Então, nas entrevistas assim, como eu não tenho uma base concreta, acabo dizendo que ela teve origem no Egito. E, vamos dizer que esses indianos até tenham influenciado a dança do ventre mas eu acredito que os indianos não vieram com os rituais. Acho que esse ritual nasceu mesmo no Egito que era uma coisa mesmo de sagrada, né. Uma dança sagrada. Nos países árabes eles quase nem sabem, sabem menos que agente. Cada país diz que é dele. Os turcos dizem que é deles. Imagina! Turco nem é árabe. Os egípcios dizem que é deles. Mas o berço mesmo é no Egito. É lá que temos melhores músicos, as melhores bailarinas. É o berço, vem de lá. Era uma dança sensual por ser uma dança da fertilidade.
- 2) Então, lógico que uma bailarina lá é mau vista, uma atriz lá é mau vista. É mau vista como? É prostituta. Eles têm essa visão. A filha de um árabe nunca vai dançar. A mulher árabe jamais vai virar bailarina. Quando eles assistem a uma apresentação eles têm sempre essa visão de prostituição mesmo que a bailarina não seja. Os árabes que não têm essa visão são os árabes que estudaram, que saíram do país, que conhecem a Europa, a América. Esses árabes entendem

pelo lado mais artístico da dança. Mas o árabe não sai do país dele não olha por esse lado. Ele até gosta e respeita. Depende também de como você se coloca no ambiente. A sua postura. Você faz o ambiente e você se coloca nele. Você se dá o respeito. Então, hoje, aqui, nós olhamos uma atriz, uma bailarina, é normal. Ainda existe um certo preconceito mas pouco. Hoje a mulher é casada e ela pode ser bailarina, atriz e tudo bem . agora lá não, existe aquela tradição, eles mantêm aquela cultura ainda daquela época. Eu quando fui entrar no ballet meu pai não gostou, não queria porque esse ambiente artístico não era ambiente artístico não era ambiente para a filha dele. Você vê isso há alguns anos. Era assim. Depois ele mudou, já faleceu, mas admirava o meu trabalho. Mas foi assim. Lá ainda é assim. . A bailarina, lá, então, é vista como uma prostituta. E quando ela alcança o topo, ela é respeitada. Fica muito rica. E aí ela sai na televisão, sai em todas as revistas... existe um respeito porque ela vive de sua fama. Existe isso lá fora. Então eu acho que, quando eu trabalhei lá fora, existe um respeito, apesar das pessoas pensarem assim em relação às bailarinas, existe um respeito em relação à você. Ninguém te xinga, ninguém te trata mau, você é muito bem tratada, muito respeitada. E se você conversa com as pessoas e explica porque você está ali, como, eu explicava, eu dizia que eu já tinha sido casada, que era formada sabe essas coisas?. E eles achavam um absurdo: como? Seu marido aceita? E eu falava: lógico! Na América é diferente, na Europa é diferente. E eles respeitavam isso e passavam a ter uma outra visão. Por que as bailarinas árabes lá geralmente são meninas de programa. A maioria é. Hoje o Líbano ainda tá mais moderno, já tem algumas bailarinas que já são estudantes mas querem ser atriz, bailarina porque Líbano já tá mais a frente. Mas 90% ainda tem essa coisa. A maioria é garota de programa. Mas elas são respeitadas. Até aqui é assim. Nesse meio artístico. A maioria das artistas que se projetam passou por isso, filmes pornográficos e outras coisas mais para chegar na grande pessoas que hoje. Exemplo: Xuxa.

- 3) Tinha um caráter sagrado, era um coisa ritualística, feita por sacerdotisas. Mas isso foi mudando, foi tomando uma outra cara. E a dança do ventre, como era uma dança muito sensual, um dança muito especial, então ela se popularizou porque as bailarinas, prostitutas né, vamos dizer, elas faziam essa dança nas tabernas. E por isso ela se espalhou. E as mulheres usavam isso para seduzir os homens. E foi para os palácios, também, para os reis. Eles não falam que a Salomé dançou para o rei em troca da cabeça de João Batista pois ela amava ele e ele era um sacerdote... então ela fez uma dança, *stripe tease*, a dança dos sete véus. Conta na Bíblia. Uma dança super sensual. E eu

já ouvi uma história que a Salomé era uma linha de, existiam salomés, elas eram sacerdotisas que faziam uma dança específica... foi uma aluna minha lá do Rio que me contou. Mas eu não sei, não me aprofundei nessa história. Mas dá pra você ver, né, como as coisas estão ligadas.

- 4) A dança árabe é assim. Bom a cultura do povo árabe é diferente, né. Tem que começar pela cultura, não dá pra analisar só a dança porque senão cê vai começar assim: ai que pena. Nós damos valor à arte porque a nossa cultura é uma cultura mais evoluída, evoluída eu digo assim, aqui as mulheres estudam, são livres, as mulheres têm uma liberdade. Lá ainda não. Se nós fomos atrás da nossa história aqui, a nossa história era igual à deles. Os nossos avós eram machistas iguais eles são lá. O homem podia sair com outras mulheres mesmo sendo casado. A mulher perdoava. A mulher nunca poderia fazer isso. E é o que ainda acontece lá. Mas nós fomos assim também. A nossa raça foi assim também. Só que agente evoluiu, a mulher estudou, hoje é livre, independente. Existe diferença bastante de vestimenta entre nós e as árabes. Nossa vestimenta no Brasil é parecida com as americanas. Nossas roupas são adaptadas para o americano em geral. Usamos a roupa tradicional. Mas lá, existe a roupa tradicional mas existe muito a roupa moderna, vestidos, por causa do islamismo pois ele cobre mais. No Egito, quase não se usa franja. Nem se usa mais, muito pouco. Muito vestido, barrigueira, aquela barriga coberta. É por causa da religião. Nos outros países árabes também é assim. O que muda também é o estilo de música; o Egito tem um, que é o mais famoso. O Egito é a escola mesmo. O Líbano tem outro. A Turquia não é um país árabe mas tem bastante dança do ventre. É diferente. Lá as bailarinas são bem assim... as roupas são bem chamativas, abertas, bem sensuais e sexuais. A música é outra lá. A Turquia invadiu tudo lá, né. Por isso acham que a dança do ventre tem origem turca. Fica aquela guerra. A dança do ventre em cada região do mundo se adapta ao seu povo. Agora, nos países árabes, a roupa é aquela tradicional: cinto, soutien e bastante vestido, com barrigueira... Aqui, no ocidente, já não funciona, né? Então, agente já usa o tradicional mais, mais hollywoodiano, aquela coisa. O ocidente fantasia, né. Agente trabalha em cima do sonho, dessa fantasia. Às vezes joga o tradicional em cima desse sonho, dessa fantasia. Às vezes joga o tradicional na original mas o brasileiro não gosta muito do tradicional da origem. Quando agente vai buscar lá a origem mesmo da dança, o brasileiro fala: - Nossa, isso é dança do ventre? Já estranha a roupa, o próprio estilo da dança muda. É mais repetitivo. Porque o oriental é assim, mais em cima do sentir, é mais em cima do ritual, mais emoção. O ocidental é mais

material, mais técnico. Ele enjoa muito rápido. Aqui tudo muda muito rápido.

- 5) Dizem que foi com a Shahrazad. Quando eu comecei foi em uma festa em Santos. Fui com a minha professora de ballet e o grupo dançar ballet e era uma jantar árabe. O Tony Mozayek que estava tocando. Lá conheci a Fátima Fontes que também tinha ido com a professora dela. Tivemos que dançar dança do ventre pois as bailarinas que iam não foram, nem sabíamos o que era mas fomos. O Tony gostou e nos chamou para continuarmos a dançar com ele. Eu nem sonhava em fazer dança do ventre. Queria fazer ballet. Achava aquilo horrível pois vi as meninas levantando a saia para o público. Tipo prostituição mesmo. Mas 2 meses depois que comecei a dançar com a banda árabe, a Fátima me ligou dizendo que estavam precisando de bailarina na casa de chá que era pra eu ir lá. O Jorge nem me viu dançar, só fez umas perguntinhas e já nos contratou. E eu fui um relaxo, de *jeans* rasgado, aquela coisa. Mas ele não agüentava mais a bailarina que estava dançando lá. Queria outra. Na época tinha a Shahrazad e a Samira dando aulas de dança do ventre em São Paulo. Fui com a Fátima fazer aula com a Shahrazad mas não gostamos. Ela parecia que sabia muito mas não queria passar nada. Não ensinava o que sabia. Saímos. A Fátima descobriu a Samira e foi fazer aula com ela mas era muito longe pra mim e não pude ir. Quando chegamos na casa de chá, conhecemos a Lulu e passamos as três a estudar juntas a dança. Ficávamos inventando movimentos, assistindo à vídeos das colônias árabes da região. Tinha a loja do Tony que era uma loja bem pequena que tinha alguns poucos vídeos de bailarinas de lá. Fomos nós que começamos a estudar a dança do ventre, a olhar para ela como uma arte, a respeitar a dança. Esse bum da dança do ventre de hoje fomos nós que começamos a fazer. Uns dois meses veio a Laila e a Danila e nós estudávamos juntas. Elas trouxeram um vídeo de uma bailarina de lá que fazia o oito maia. Foi aí que aprendemos. Nós começamos a estudar, ter técnica, se especializar, levantar a dança do ventre como arte, com respeito, que era uma dança muito linda. Não era uma dança de prostituição. Depois veio a Chams e a Karina que já pegaram a coisa mais feita. As outras bailarinas como Gisele e Simone Bomentre, Samira, Shahrazad ficaram impressionadas com o que estávamos fazendo.
- 6) Entra mais no folclore. O bastão vem do Egito. Um homem dava um bastão para uma bailarina quando achava que ela dançava bem e ela ficava lá fazendo charme. O *snuj* é da época dos faraós para espantar os maus espíritos em velórios... quando morria alguém importante.

Espada o árabe não reconhece como dança. As bailarinas, odaliscas, não levavam muito a sério. Pegavam a espada do homem e dançavam. O ocidente gosta mais dela.

- 7) São Paulo é onde tem mais dança do ventre. Foi a Nájua e a Chams que começaram fazendo *workshops* pelo Brasil. Brasília foi um dos primeiros estados com a Nájua há mais ou menos 10 anos. A Chams foi para Fortaleza, Piauí.
- 8) Não faço nada. Nunca procurei TV, músicos, entrevistas. Sempre eles que me procuram. Eu não faço nada. As coisas aparecem pra mim. As pessoas me procuram. Até aquela primeira fita que eu fiz foi uma amiga que quis fazer pra mim, a dos 4 elementos. Agora que eu fiz essas três fitas. Aí foi por mim.
- 9) Converso com as pessoas.
- 10) Não conheço.

Questionário sobre o Ensino da Dança do Ventre

- 1) Não dá pra fazer isso.
- 2) Não preparo. Vejo o clima das alunas e vou. A única coisa que faço é Existe sempre um tema na aula, por exemplo, quadril. Aí, a aula inteira eu trabalho quadril. Muita gente dispersa e quem já tá na aula não quer ser atrapalhada por quem vem.
- 3) Aquecer, alongar, técnica, se soltar, dançar, desencanar.
- 4) Acho legal fazer um preparo como musculação ou outra dança. Faço um pouco de ballet de vez em quando mas nada certo, regular.
- 5) Tem que sentir o tesão da dança, tem que sentir de dentro para fora.
- 6) Acho todas as maneiras interessantes.
- 7) (seqüência da estrutura da aula)
- 8) Trabalho muito! Em toda a aula! Trabalho caras, improvisação e expressão. Sentir a música de dentro pra fora. É dançar, improvisar.
- 9) Por anos de dança e técnica.
- 10) A dança do ventre mexe muito com o ego da pessoa e dá um certo poder à mulher pois ela se sente muito linda, boa. Depois a mulher se sente poderosa, acha que tem poder demais o que começa a trazer uma auto destruição. Acha que pode reduzir e conquistar todo mundo. O que é legal com isso tudo? É trabalhar o seu equilíbrio interior o que é muito importante. Sentir um ciúmes mais saudável faz agente crescer. Mas tem que ser tudo com humildade.

Toda energia vai e volta. Temos pensar numa dança do ventre em que se dá e se recebe, uma dança do ventre feliz, humilde pois ela mexe com a beleza, com a vaidade das pessoas. É uma missão de levar uma dança do ventre boa!